

CASSANDRA CLARE
—
SARAH REES BRENNAN

A TERRA QUE PERDI

FANTASMAS do MERCADO das SOMBRAS

— VOL. 7 —



Galera



Cassandra Clare
e
Sarah Rees Brennan

A Terra Que Perdi
Fantasmas do
Mercado das Sombras

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição

— **Galera** —
Rio de Janeiro | 2018



<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Clare, Cassandra

C541t

A terra que perdi [recurso eletrônico]: fantasmas do mercado das sombras / Cassandra Clare, Sarah Rees Brennan;
tradução de Rita Sussekind. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.

Fantasmas do mercado das sombras; 7
recurso digital

Tradução de: The land I lost

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-11626-0 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brennan, Sarah Rees. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

18-53620

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

Título original em inglês:

The Land I Lost Copyright © 2018 Cassandra Clare, LLC

Publicado mediante acordo com a autora a/c BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11626-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

A Terra Que Perdi

Saiba mais

A Terra Que Perdi

Nova York, 2012

O céu estava ficando cinza claro conforme anoitecia, e as estrelas ainda não tinham saído. Alec Lightwood cochilava, já que ele e seu *parabatai* haviam passado a noite na rua combatendo demônios Croucher. Aparentemente, Jace Herondale, famoso entre os Nephilim por ser um grande estrategista, achava que “cerca de uma dúzia de demônios” era uma estimativa justa para “definitivamente trinta e sete demônios”. Alec contou cada um deles por puro despeito.

— Acalme-se, Bela que deveria estar adormecida — falou Magnus. — Preciso fazer uma poção e Max tem a tentação noturna marcada.

Alec acordou em um ninho de lençóis verdes e cor de lavanda. Estranhas luzes prateadas brincavam por baixo da porta do quarto. Havia cheiro de enxofre, o sibilo de um demônio e o som de vozes conhecidas. Alec sorriu sobre o travesseiro.

Quando estava prestes a sair da cama, letras de fogo surgiram na parede.

Alec, precisamos de sua ajuda. Durante anos procuramos por uma família em perigo, e pela verdade que há por trás desse perigo. Acreditamos que encontramos uma pista no Mercado das Sombras de Buenos Aires.

Há tensões entre os Caçadores de Sombras e os integrantes do Submundo desta cidade. O Mercado das Sombras é guardado como uma sala do trono, organizado por uma licantropo conhecida como Rainha do Mercado. Ela diz que as portas estão fechadas para qualquer alma associada aos Nephilim. Qualquer alma, exceto Alexander Lightwood, de quem ela diz precisar. Temos que entrar no Mercado das Sombras. Vidas estão em jogo.

Você pode abrir as portas para nós? Pode vir?

Jem e Tessa.

Alec encarou a carta por um longo instante. Em seguida suspirou, pegou um casaco do chão e saiu do quarto, ainda meio adormecido.

Na sala principal, Magnus estava com um cotovelo casualmente apoiado na cornija da lareira,

despejando um líquido turquesa em um jarro contendo pó preto. Seus olhos verde-dourados estavam estreitos de concentração. Os tacos escuros e gastos do chão, assim como o tapete, estavam tomados por brinquedos do filho Max. O próprio Max estava sentado no tapete, com um traje de marinheiro com elaborados laços azul-marinho que combinavam com seus cabelos, abraçando forte o Presidente Miau.

— Você é meu amigo miau — disse solenemente ao gato, apertando-o.

— Miau — protestou o Presidente. Ele vivia uma vida de tormento desde que Max aprendera a andar.

O pentagrama havia sido desenhado a uma distância segura do tapete. Luzes prateadas e fumaça se elevavam de dentro dele, envolvendo a criatura ali presente em uma bruma brilhante. A sombra longa e contorcida do demônio caía escura sobre o papel de parede verde e as fotos de família.

Magnus ergueu uma sobrancelha.

— Calma — sugeriu ao pentagrama. — É como se alguém tivesse dado uma máquina de gelo seco a crianças excessivamente animadas para a produção colegial de *Oklahoma Demoníaca*.

Alec sorriu. A bruma prateada dissipou o suficiente para que ele visse o demônio Elyaas no centro do pentagrama, seus tentáculos caindo de forma deselegante.

— Criança — o demônio sibilou para Max. — Você não sabe de que linhagem sombria vem. É naturalmente inclinado ao mal. Junte-se a mim, criatura infernal, em minhas celebrações...

— Meu pai é Ultra Magnus — anunciou Max orgulhosamente. — E o papai é um Caçador de Sombras.

Alec achava que Max tinha tirado o nome Ultra Magnus de um de seus brinquedos. Magnus parecia gostar.

— Não me interrompa quando eu estiver prometendo deleites demoníacos sombrios — respondeu Elyaas espalhafatosamente. — Por que vive me interrompendo?

Max se alegrou com a palavra “demoníacos”.

— O tio Jace disse que vamos matar todos os demonhos — contou, animado. — Todos os demonhos!

— Bem, você já considerou que seu tio Jace é uma pessoa terrível? — indagou o demônio. — Sempre esfaqueando alguém de forma grosseira, sempre sarcástico.

Max fez uma careta.

— Amo tio Jace. Odeio demonhos.

Com a mão livre, Magnus pegou um pilot e desenhou mais um mirtilo no quadro branco para mostrar ao filho que ele tinha resistido bem aos chamados demoníacos do dia. Ao chegar a dez mirtilos, Max ganharia uma recompensa de sua escolha.

Alec atravessou a sala onde Magnus estava analisando o quadro branco. Com cuidado, considerando que o companheiro ainda segurava um jarro borbulhante, Alec colocou os braços ao redor de Magnus, segurando sua mão sobre a fivela do cinto. A camisa do feiticeiro tinha um decote convidativo, então Alec encostou o rosto na pele exposta e inalou o aroma de sândalo e ingredientes de feitiço.

— Oi — sussurrou.

Magnus esticou a mão livre e Alec sentiu o leve encostar dos anéis em seus cabelos.

— Oi para você. Não conseguiu dormir?

— Eu dormi — respondeu Alec. — Olha, tenho novidades.

Então contou a Magnus sobre a mensagem que Jem Carstairs e Tessa Gray haviam enviado: a família pela qual procuravam, o Mercado das Sombras onde não podiam entrar sem sua ajuda. Enquanto Alec falava, Magnus suspirou e se apoiou nele, um dos pequenos gestos inconscientes mais significativos para o Caçador de Sombras. Lembrava a primeira vez em que havia tocado Magnus, se aproximado e beijado um homem, alguém ainda mais alto do que ele, o corpo esguio, flexível e correto contra o dele. Na época, Alec teve a impressão de ter se sentido tonto de alívio e alegria por finalmente estar tocando alguém por quem queria ser tocado, quando jamais imaginara que isso aconteceria. Agora ele achava que havia se sentido assim justamente por ser Magnus. Que, mesmo naquela época, ele já sabia. Agora o gesto representava todos os dias desde o primeiro.

Quando sentiu o feiticeiro relaxar contra ele, achou que podia relaxar também.

Qualquer que fosse essa estranha tarefa para a qual Jem e Tessa precisavam de sua ajuda, ele poderia fazer. Depois voltaria para casa.

Quando Alec se calou, Presidente Miau fugiu do abraço amável, e sufocante de Max e correu pelo chão, atravessando a porta do quarto de Alec e Magnus, que o Caçador de Sombras havia deixado aberta. Alec desconfiava de que o gato passaria a noite inteira escondido embaixo da cama. Max olhou triste para o animal, depois levantou o olhar e sorriu, seus dentinhos parecendo pequenas pérolas. Ele se atirou para cima de Alec como se não o visse há semanas. Alec recebia a mesma recepção calorosa toda vez que voltava de uma viagem, de uma patrulha, ou simplesmente depois de passar cinco minutos em outro cômodo.

— Oi, papai!

Alec se ajoelhou e abriu os braços para pegar Max no colo.

— Oi, meu bebê.

Ficou com o filho encolhido em seu peito, um montinho caloroso e suave de laços e membros rechonchudos, a risada gorgolejada dele ecoando em seus ouvidos. Quando Max era pequeno, Alec ficava maravilhado com o encaixe perfeito de seu corpinho na dobra de seu braço. Mal conseguia imaginar seu bebê crescendo. Mas não precisava ter se preocupado. Independente do tamanho do filho, ele sempre se encaixaria perfeitamente em seu colo.

Alec puxou a frente da roupa de marinheiro de Max.

— Tem muitos laços aí, amigão.

Max assentiu tristemente.

— Muitos laços.

— O que aconteceu com seu casaco?

— É uma boa pergunta, Alexander. Permita-me contar a história. Max rolou com o casaco na sujeira do gato — relatou Magnus. — Para “ficar parecido com o papai”. Por isso tem que usar a roupa de marinheiro da vergonha. Não sou eu quem cria as regras. Ah, espera, sou eu sim.

Acenou com um dedo reprovador para Max, que riu novamente e tentou pegar os anéis brilhantes.

— É realmente inspirador ver como vocês fazem isso funcionar — opinou Elyaas, o demônio dos tentáculos. — Eu não tenho tanta sorte no amor. Todos que conheço são traiçoeiros e sem coração. Bem, somos demônios. Faz parte.

Magnus insistia que feiticeiros precisavam saber o que invocar demônios implicava. Dizia que quanto mais confortável Max se sentisse com eles, menor seria a chance de ser ludibriado ou de se apavorar quando invocasse seu primeiro. Daí as aulas de tentação. Elyaas não era tão ruim, considerando se tratar de um demônio, mas ainda assim era terrível. Quando Max passou pelo pentagrama, Alec viu a curva prateada sinistra de um tentáculo se movendo faminto para perto da beira, caso a criança fizesse algum movimento em falso.

Alec observou Elyaas com olhos semicerrados.

— Não pense que por um segundo sequer me esqueço do que você é — disse em tom ameaçador. — Estou de olho.

Elyaas estendeu todos os tentáculos em redenção, se encolhendo para o outro lado do pentagrama.

— Foi um reflexo! Não pretendia nada com isso.

— Demonhos — repetiu Max sombriamente.

Magnus banii Elyaas com um estalo de dedos e um murmúrio, depois se voltou novamente para Alec.

— Então você está sendo requisitado em Buenos Aires.

— Sim — respondeu Alec. — Não sei por que alguém no Mercado me quer especificamente, em vez de qualquer outro Caçador de Sombras.

Magnus riu.

— Eu consigo entender.

— Tudo bem, além disso... — Alec sorriu largamente. — Não falo espanhol.

Magnus falava. Alec gostaria que o feiticeiro pudesse acompanhá-lo, mas um deles sempre tentava ficar em casa com Max. Uma vez, quando Max ainda era um bebê, houve um momento terrível em que os dois foram forçados a deixá-lo. E nenhum queria repetir a experiência.

Alec estava tentando aprender espanhol, assim como outros idiomas. A runa de Falar Línguas não durava, além de parecer trapaça. Integrantes do Submundo de toda parte vinham a Nova York se consultar com eles, e Alec queria poder falar direito com todos. O primeiro idioma da lista que estava tentando aprender era a língua indonésia, por Magnus.

Infelizmente, Alec não era bom com idiomas. Conseguia ler, mas na hora de falar achava as palavras difíceis, independente da língua. Max aprendia mais palavras em línguas diferentes do que Alec.

— Tudo bem — comentou Magnus certa vez. — Só conheci um Lightwood bom em línguas.

— Qual? — perguntou Alec.

— O nome dele era Thomas — disse Magnus. — Muito alto. Muito tímido.

— Não foi um monstro de olhos verdes como os outros Lightwood que você já mencionou?

— Ah! Havia um pouco de monstro nele.

Magnus deu uma cotovelada nele e riu. Alec se lembrava de um tempo em que o feiticeiro nunca falava sobre o passado, quando Alec achava que aquilo significava que ele estava fazendo

algo de errado, ou que Magnus não se importava. Agora entendia que era apenas o fato de Magnus já ter sofrido antes, e temer que Alec fosse fazê-lo sofrer também.

— Pensei em levar Lily — disse a Magnus. — Ela fala espanhol. E acho que pode ficar feliz. Ela gosta de Jem.

Ninguém em nenhum mercado questionaria a presença de Lily. Todos já sabiam da Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras, e era notório que membros da Aliança se ajudavam.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Ah, eu sei que Lily gosta de Jem. Já ouvi os apelidos.

Max olhava de um lado para o outro, com o rostinho alegre para as expressões dos pais.

— Vai trazer irmão ou irmã? — torceu.

Eles já tinham conversado com Max sobre a ideia de outro filho, assim como já tinham conversado entre si. Nenhum dos dois imaginou que Max pudesse gostar tanto da ideia. Max perguntava sobre o irmão ou a irmã toda vez que um deles saía de casa: na terça-feira anterior Magnus conteve a pergunta gritando “não vou buscar um bebê, vou até a Sephora. Não tem bebês na Sephora!” e saindo. Um dia no parque, Max pegou um carrinho de bebê com uma criança mundana dentro. Por sorte ele estava disfarçado com feitiço na hora, e a mãe mundana achou que fosse um vento forte em vez do filho rebelde de Alec.

Seria bom para Max ter alguém com quem crescer. Seria bom ter outro filho com Magnus. Mesmo assim, Alec ainda se lembrava da primeira vez em que pegou Max no colo, de como o mundo e o seu coração ficaram calmos e certos. Alec estava esperando ter certeza outra vez.

A pausa de Alec obviamente deixou Max com a impressão de que havia espaço para negociação.

— Traz irmão e irmã e dinossauro? — pediu Max. Alec culpava a tia Isabelle pela atitude de Max, pois ela vivia dizendo a ele que a hora de dormir era nunca.

Foram salvos pelo sinal de Jace, uma gaivota de folha de fada atingindo o vidro da janela.

Alec deu um beijinho em Max, entre seus cachos, mas evitando os chifres.

— Não, estou indo em uma missão.

— Eu vai junto — propôs Max. — Eu é Caçador de Sombras.

Max também dizia muito isso, e Alec culpava seu tio Jace. Alec olhou suplicante para Magnus por cima da cabeça de Max.

— Vem com o papai, azulzinho — chamou Magnus, e Max foi sem desconfiar para o seu colo.

— Vá buscar Lily — disse o feiticeiro. — Vou preparar um Portal para vocês.

Max gritou em protesto.

— Desce!

Magnus o colocou gentilmente no chão. Alec parou na porta para dar uma última olhada neles. Magnus o encarou, tocou o próprio coração com a mão cheia de anéis e fez um gesto delicado. Alec sorriu e abriu a mão para ver a pequena faísca de magia queimando fugaz ali.

— Te odeio, papai — reclamou Max.

— É uma pena — disse Alec. — Amo vocês dois — acrescentou rapidamente, e fechou a porta, constrangido.

Ele raramente tinha facilidade para dizer essas palavras, mas tentava dizê-las sempre que partia em uma missão. Só para o caso de serem as suas últimas.

Jace estava esperando por ele na calçada, apoiado em uma pobre árvore, jogando uma faca de uma mão para a outra.

Quando Alec chegou perto do *parabatai*, ouviu um ruído vindo do alto. Olhou para cima esperando ver Magnus, mas em vez disso viu o rosto redondo de Max, e presumiu que o filho quisesse dar uma olhada no magnífico tio Jace. Então viu que Max o encarava, com seus grandes olhos azuis tristes. Colocou a mãozinha na frente da roupa de marinheiro, em seguida gesticulou para Alec da mesma forma que Magnus havia feito, como se já pudesse fazer magia.

Alec fingiu ver uma faísca em sua mão e guardou o beijo mágico no bolso. Em seguida, acenou para Max pela última vez enquanto ele e Jace desciam pela rua.

— O que foi isso? — perguntou o *parabatai*.

— Ele queria vir patrulhar.

O rosto de Jace suavizou.

— Meu garoto! Ele deveria...

— Não! — exclamou Alec. — E ninguém vai te deixar ter o seu próprio filho enquanto não parar de esconder o filho dos outros em bolsas para machados e tentar levá-lo nas patrulhas.

— Eu quase consegui, graças a minha velocidade sobrenatural e minha esperteza inigualável.

— Quase consegui nada — lembrou Alec. — Aquela bolsa estava sacudindo.

Jace deu de ombros de forma filosófica.

— Pronto para mais uma heroica rodada de defesa contra o mal? Ou, se a noite estiver devagar, sacanear o Simon?

— Não posso, na verdade — disse Alec, e explicou o recado de Jem e Tessa.

— Vou com você — respondeu Jace na mesma hora.

— E vai deixar Clary cuidando do Instituto sozinha? — perguntou Alec. — Uma semana antes da exposição dela?

Jace pareceu abalado pela força do argumento.

— Você não vai deixar Clary. Eu e Lily podemos cuidar do que quer que esteja acontecendo — falou Alec. — Além disso, não é como se Jem e Tessa não dessem conta. Seremos um time.

— Tudo bem — respondeu Jace relutante. — Acho que três combatentes podem me substituir de forma aceitável.

Alec deu um soquinho no ombro dele, e Jace sorriu.

— Bem — disse ele. — Para o Hotel Dumort.

#

Do lado de fora, a fachada do hotel era suja e a placa grafitada tinha a cor marrom escura de sangue velho.

Lily tinha redecorado por dentro. Alec e Jace abriram as portas duplas que davam em um salão brilhante. A escadaria e a sacada acima deles tinha uma grade lustrosa, um ferro pintado de dourado com desenhos de cobras e rosas. Lily gostava de objetos com aparência dos anos 1920,

que ela declarava ser a melhor década. A decoração não era a única coisa que tinha mudado; agora os hipsters sabiam de sua existência e, apesar de Alec não entender o apelo, havia uma lista de espera para ser uma vítima da festa.

Um par de pernas se esticava por baixo da curva da escadaria. Alec foi até lá e espiou o recanto sombrio, vendo um homem de suspensórios, camisa manchada de sangue e um sorriso.

— Oi — cumprimentou o Caçador de Sombras. — Só estou verificando. Essa é uma situação voluntária?

O homem piscou.

— Ah, sim. Eu assinei a autorização!

— Tem uma autorização agora? — murmurou Jace.

— Eu avisei que não precisavam fazer isso — sussurrou Alec de volta.

— Minha fabulosa amiga dentuça disse que eu tinha que assinar, ou a Clave poderia encrencar. *Vocês* são a Clave?

— Não — respondeu Alec.

— Mas Hetty disse que se eu não assinasse a autorização, a Clave olharia para ela com aqueles olhos azuis de decepção. Seus olhos são muito azuis.

— E estão muito decepcionados — disse Alec duramente.

— Você está incomodando o Alec? — perguntou uma vampira, saindo das portas duplas que levavam à saleta. — Não incomode o Alec.

— Ah, céus — disse o homem em tom de deleite. — Minha alma está condenada? Você vai direcionar sua fúria imortal contra mim?

Hetty fez uma careta e mergulhou para baixo da escada com uma risada. Alec desviou o olhar e caminhou para a saleta, com Jace logo atrás. Jace deixava o *parabatai* assumir a liderança quando se tratava de vampiros. Como diretor do Instituto de Nova York, uma repreensão de Jace a um vampiro poderia soar como ameaça. Os dois já haviam discutido uma maneira de deixar a cidade receptiva a todos os integrantes do Submundo, agora que Nova York era um refúgio em tempos de Paz Fria.

Ouviram uma música através das portas da saleta; não o jazz habitual de Lily, mas o que parecia uma mistura de jazz e rap. Na saleta havia cadeiras estofadas, um piano brilhante e uma combinação elaborada de mesas de discotecagem e fios. Bat Velasquez, o DJ lobisomem, estava sentado de pernas cruzadas em um sofá de veludo, brincando com discos.

Em outras cidades, vampiros e lobisomens não se entendiam. Mas as coisas eram diferentes em Nova York.

Elliott, o segundo no comando do clã de vampiros, estava dançando sozinho, rodopiando feliz. Seus braços e dreadlocks balançavam como plantas submarinas com a batida.

— Lily está acordada? — perguntou Alec.

Elliott de repente pareceu acuado.

— Ainda não. A madrugada de ontem foi longa. Houve um incidente. Bem, foi mais pra um desastre.

— O que provocou esse desastre?

— Bem — disse Elliott. — Eu, como sempre. Mas dessa vez realmente não foi minha culpa!

Foi um completo acidente que poderia ter acontecido com qualquer um. Veja bem, eu tenho um encontro amoroso com uma selkie toda quinta-feira...

Selkies são fadas aquáticas que soltam suas peles de foca para assumir forma humana. São relativamente raras.

Alec o encarou de forma julgadora.

— Então esse desastre poderia ter acontecido com qualquer um que tenha encontros amorosos com uma selkie.

— Sim, exatamente — disse Elliott. — Ou, tipo, encontros amorosos frequentes com duas selkies diferentes. Uma encontrou a pele de foca da outra no meu armário. Fez uma cena. Sabe como são.

Alec, Jace e Bat balançaram a cabeça.

— Foi só uma parede insignificante que caiu, mas agora Lily está irritada.

A vampira havia nomeado Elliott como seu braço direito porque eles eram amigos, e não por Elliott ter qualquer aptidão para liderança. Às vezes Alec se preocupava com o clã de vampiros de Nova York.

— Olha só esse cara — disse Bat. — Por que você tem que sugerir ménage para todo mundo? Por que os vampiros são assim?

Elliott deu de ombros.

— Vampiros adoram ménages. Viva muito, fique decadente. Não somos todos iguais, é claro. — Seu rosto se alegrou com uma lembrança agradável. — O chefe se irritava muito com a decadência. Mas sério, estou pronto para sossegar, acho que você, eu e Maia...

— Minha *abuela* não gostaria de você — afirmou Bat com firmeza. — Minha *abuela* ama Maia. Maia está aprendendo espanhol por ela.

A voz ligeiramente rouca de Bat suavizava e aquecia sempre que ele falava sobre Maia, a líder dos licantropes e sua namorada. Alec não podia culpá-lo. O Caçador de Sombras nunca precisava se preocupar com os licantropes. Maia sempre tinha tudo sob controle.

— Por falar em espanhol — disse Alec —, vou a Buenos Aires e convidarei Lily para ir comigo, já que ela é fluente. Quando voltarmos, ela já vai ter se acalmado.

Elliott fez que sim com a cabeça.

— Uma viagem seria ótimo para Lily — disse ele, com a voz estranhamente séria. — Ela não anda muito bem esses dias. Sente falta do chefe. Bem, todos nós sentimos, mas para Lily é diferente. A gente fica assim às vezes. — Ele olhou para Alec e esclareceu: — Imortais. Estamos acostumados a nos despedirmos uns dos outros por séculos. Anos se passam, então alguém volta, e é como antes. Porque nos mantemos iguais, mas o mundo não. Quando alguém morre, levamos um tempo para processar. Você fica pensando: “quando será que vou vê-lo outra vez?” Aí você se lembra, e toda vez é um choque. Você tem que se lembrar o tempo todo, até acreditar que nunca mais vai vê-lo.

Havia uma nota dolorosamente triste na voz de Elliott. Alec assentiu. Ele sabia como seria, um dia, quando Magnus tivesse que pensar “nunca mais” em relação a ele.

Ele sabia o quão forte uma pessoa tinha que ser para suportar a solidão da imortalidade.

— E sinceramente, Lily também se beneficiaria de uma ajuda com o clã.

— Você poderia ajudar — disse Alec. — Se fosse um pouco mais responsável...

Elliott negou.

— Não vai acontecer. Ei, senhor Chefe do Instituto, você é um líder! Que tal? Eu o transformo em vampiro, você ajuda a liderar o clã e fica lindo para sempre.

— Seria um presente para gerações futuras — observou Jace pensativamente. — Mas não.

— Elliott! — Alec se irritou. — Pare de se oferecer para tornar as pessoas imortais! Já falamos sobre isso!

Elliott assentiu, parecendo envergonhado, mas sorrindo de leve. Do lado de fora e acima deles, veio uma voz.

— Estou ouvindo alguém dando ordens. Alec?

Uma das coisas mais preocupantes em relação ao clã de vampiros era o fato de que conversar razoavelmente com eles não funcionava, mas eles adoravam levar bronca. Raphael Santiago realmente deixou uma marca nessas pessoas.

Alec deu meia-volta e espiou pelas portas abertas. Lily estava na sacada, vestindo pijamas cor-de-rosa com estampa de cobra e as palavras LEVANTE E ATAQUE. Parecia cansada.

— Sim — confirmou ele. — Oi. Jem me pediu para ir a Buenos Aires ajudá-lo. Quer ir junto?

Lily se alegrou.

— Se eu quero viajar com você ao resgate de Jem eu-adoraria-montar-nele Carstairs, a belíssima donzela em perigo?

— Já vi que sim.

O sorriso de Lily foi largo o suficiente para expor as presas.

— Claro que sim.

Ela correu da sacada. Alec identificou a porta pela qual Lily passou e subiu as escadas. Esperou um pouco, apoiado na grade, em seguida bateu na porta.

— Entre!

Ele não entrou, mas abriu a porta. O quarto era estreito como uma cela, com tacos listrados no chão e paredes vazias, exceto por uma cruz em um gancho. Este era o único quarto do Hotel Dumort que Lily não tinha redecorado. Ela estava dormindo no quarto de Raphael outra vez.

A vampira vestia uma jaqueta de couro que também fora de Raphael. Alec assistiu enquanto ela ajeitava seu cabelo com mechas rosa, e depois beijou a cruz para ter boa sorte antes de sair. Vampiros cristãos se queimavam com cruzeiros, mas Lily era budista. A cruz não significava nada para ela, exceto pelo fato de ter pertencido a Raphael.

— Você... — Alec tossiu. — Quer conversar?

Lily virou a cabeça para encará-lo.

— Sobre sentimentos? A gente faz isso?

— De preferência não — respondeu Alec, o que a fez sorrir. — Mas podemos.

— Não. Vamos fazer uma viagem e ver uns caras gatos em vez disso! Onde está o idiota do Elliott?

Ela correu ligeiramente pelas escadas até a saleta, e Alec foi atrás.

— Elliott, vou deixá-lo encarregado do clã! — exclamou Lily. — Bat, vou roubar sua garota!

Bat balançou a cabeça.

— Por que vampiros são assim? — ele murmurou novamente.

Lily sorriu.

— Por razões administrativas. Maia está no comando da Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras até eu voltar.

— Não quero me encarregar do clã — resmungou Elliott. — Por favor, seja um vampiro e nos lidere, Jace! Por favor!

— Eu costumava vir aqui e lutar pela minha vida enquanto o lugar ruía ao meu redor — refletiu Jace. — Agora é cheio de almofadas de veludo e ofertas insistentes de beleza eterna.

— É só uma mordidinha — provocou Elliott. — Você vai gostar.

— Ninguém gosta de ter o sangue sugado, Elliott — afirmou Alec severamente.

Os vampiros riram porque estavam levando uma bronca, mas depois pareceram chateados por causa do que ele estava dizendo.

— Você só acha isso porque Simon fez do jeito errado — argumentou Lily. — Já disse várias vezes que ele estragou tudo para nós.

— Simon se saiu bem — murmurou Jace.

— Não gostei — disse Alec. — Não vou mais falar sobre isso. Vamos indo.

— Ah, sim! — Lily se alegrou. — Estou muito curiosa para ver como está o Caçador de Sombras mais gato do mundo.

— Estou ótimo — disse Jace.

Lily bateu com o pé.

— Ninguém está falando de você, Jason. Já ouviu a frase “moreno, alto, bonito e sensual”?

— Parece uma frase antiquada — resmungou Jace. — Parece algo que as pessoas diziam antes de eu nascer.

Ele sorriu para Lily, que sorriu de volta para ele. Jace não implicava apenas com as pessoas por quem tinha paixões. Ele implicava com qualquer pessoa de quem ele gostasse. Isso era algo que Simon ainda não tinha se dado conta.

— Há muitos Caçadores de Sombras gatos — afirmou Elliott. — Esse é o objetivo deles, não?

— Não — rebateu Alec. — Combatemos demônios.

— Ah! — exclamou Elliott. — Certo.

— Não quero me gabar. Só estou dizendo que se escrevessem um livro sobre Caçadores de Sombras gatos, minha ilustração estaria em todas as páginas — disse Jace de forma serena.

— Não — replicou Lily. — Estaria cheio de fotos da família Carstairs.

— Está falando sobre Emma? — perguntou Alec.

— Quem é Emma? — Lily franziu a testa.

— Emma Carstairs — esclareceu Jace. — Ela é a amiga de Clary que mora em Los Angeles. Às vezes eu escrevo observações nas cartas de Clary e dou dicas úteis sobre uso de facas para Emma. Ela é muito boa.

Emma era uma força única de destruição, o que, é claro, Jace gostava. O Caçador de Sombras pescou seu telefone e mostrou a Lily uma foto recente que Emma havia enviado para Clary. Emma estava segurando sua espada na praia e rindo.

— Cortana — suspirou Lily.

Alec olhou duramente para ela.

— Não conheço Emma — disse Lily. — Mas gostaria. Normalmente não invisto em louras, mas ela é gata. Abençoada seja essa família. Nunca falham. Por falar nisso, estou indo apreciar as paisagens em Buenos Aires.

— Jem é *casado*, você sabe — respondeu Alec.

— Não me deixe no comando! — Elliott implorou. — Não pode confiar em mim! É um erro grave!

Lily ignorou os dois, mas viu que Alec estava examinando-a enquanto deixavam o hotel.

— Não se preocupe — disse ela. — Elliott provavelmente não vai incendiar a cidade. Quando eu voltar, todos ficarão tão felizes que farão tudo que eu mandar. Deixar esse tolo no comando é parte da minha estratégia de liderança.

Alec assentiu e não disse que estava preocupado com ela.

Houve um tempo em que Alec se incomodava com os vampiros, mas Lily claramente sempre precisou de alguém, e Alec queria ajudá-la. Eram parte de um time, junto com Maia no comando da Aliança, há tempo o suficiente para que Lily parecesse Aline Penhallow, uma amiga próxima o bastante para ser considerada da família.

Pensar em Aline fez com que Alec sentisse uma pontada de dor. Aline tinha se exilado na Ilha de Wrangel para ficar com sua mulher, Helen. Viviam há anos naquele lugar horrível só porque Helen tinha sangue de fada.

Sempre que Alec pensava nas duas, queria mudar tudo sobre o funcionamento da Clave e trazê-las para casa.

Não eram apenas Aline e Helen. Ele sentia o mesmo em relação a todos os feiticeiros, vampiros, lobisomens e fadas que vinham até Nova York conversar com a Aliança porque não conseguiam ir até seus Institutos. Todos os dias ele sentia a mesma urgência que sentiu em sua primeira missão, quando viu Jace e Isabelle partindo para a luta. *Proteja-os*, pensou desesperadamente, e pegou seu arco.

Alec esticou os ombros. Ficar preocupado não ajudaria ninguém. Ele não poderia salvar a todos, mas podia ajudar pessoas, e agora pretendia ajudar Jem e Tessa.

#

O Irmão Zachariah caminhava pelos corredores cobertos de ossos da Cidade do Silêncio. O chão era marcado pelas passadas incansáveis dos pés dos Irmãos do Silêncio, dos seus próprios pés, caminhando pela mesma trilha dia após dia silencioso, ano após ano interminavelmente sombrio. Jem não podia sair. Logo se esqueceria de como tinha sido viver e amar à luz do dia. Cada crânio preso à parede, sorrindo, era mais humano do que ele.

Até que a escuridão que considerava inescapável foi suprimida pelo fogo destruidor. O fogo prateado do *yin fen* outrora o queimou por dentro, a pior queimadura que o mundo tinha a oferecer, mas este fogo dourado era tão impiedoso quanto o paraíso. Ele sentiu como se estivesse sendo destruído, cada átomo em chamas colocado na balança por um deus cruel, e cada pedaço considerado insuficiente.

Mesmo em meio à agonia havia uma pequena medida de alívio. *É o fim*, ele pensou desesperadamente consigo mesmo, e se sentiu agradecido. *Finalmente é o fim, depois de tanta tristeza e escuridão*. Ele morreria antes de sua humanidade ser totalmente destruída. Enfim poderia haver descanso. Poderia ver seu *parabatai* outra vez.

Exceto que pensar em Will trouxe outro pensamento. Lembrou da brisa suave que vinha do rio e do rosto doce e sério dela, imutável como seu próprio coração. Com o pensamento em Will, ele sabia o que o *parabatai* diria. Podia ouvi-lo, como se o véu da morte estivesse queimando entre eles e Will estivesse gritando ao seu ouvido. *Jem, Jem. James Carstairs. Não pode deixar Tessa sozinha. Conheço você melhor do que você se conhece. Sempre conheci. Sei que jamais desistiria. Jem, aguenta firme.*

Ele não desonraria o amor deixando-se esvair. No fim, Jem escolheu suportar mais dor do que desistir. Pelo fogo, como pela escuridão, ele aguentou firme.

E, de uma forma que parecia impossível, pelo fogo, pela escuridão e pelo tempo, ele sobreviveu.

Jem acordou engasgando. Estava em uma cama quente, com sua esposa em seus braços.

Tessa ainda estava dormindo em lençóis brancos no pequeno quarto claro que alugaram na pequena hospedagem. Ela murmurou, enquanto Jem a observava, uma onda suave de palavras incompreensíveis. Ela falava durante o sono, e cada ruído era um conforto. Há mais de um século ele tinha imaginado como seria acordar com Tessa. Tinha sonhado com isso.

Agora sabia.

Jem escutou os murmúrios doces e sonolentos dela, e observou o lençol subindo e descendo com sua respiração, e seu corpo relaxou.

Os cílios curvos de Tessa mexiam em suas bochechas.

— Jem? — chamou ela, e sua mão encontrou o braço dele, a palma deslizando pela pele.

— Desculpe — disse Jem. — Não quis te acordar.

— Não peça desculpas. — Tessa sorriu sonolenta.

Jem se inclinou para o travesseiro ao seu lado e fechou os olhos de sua esposa com um beijo, depois os observou se abrir novamente, claros e frios como água do rio. Ele a beijou na bochecha, na curva eloquente da boca, do queixo, e deslizou sua boca aberta com avidez pelo pescoço de Tessa.

— Tessa, Tessa — murmurou. — *Wǒ yào nǐ.*

Te quero.

— Sim — ela respondeu.

Jem levantou o lençol e beijou a linha da clavícula de Tessa, amando o gosto da sua pele suavemente aquecida pelo sono, amando cada átomo dela. Deixou uma trilha de beijos para ele mesmo seguir pelo seu corpo. Quando levou a boca até a pele suave da barriga, as mãos de Tessa desceram para o seu cabelo e ali ficaram, segurando-o, incentivando-o. Sua voz, não mais suave, fizeram as paredes ecoarem com o nome dele.

Ela estava toda enroscada nele. Todo o horror e a dor desapareceram.

Enquanto a noite caía, Jem e Tessa ficaram deitados, olhando um para o outro na cama, de mãos dadas, com as vozes sussurradas. Podiam sussurrar e rir a noite toda juntos, e

frequentemente o faziam: era uma das maiores alegrias de Jem, ficar deitado com Tessa e passar horas conversando.

Mas isso exigia sossego e paz, coisa que não haveria naquela noite. Uma luz explodiu pelo quarto mal iluminado, e Jem se levantou, protegendo Tessa contra qualquer ameaça possível.

Palavras em azul brilhante e prata apareceram na parede. Tessa sentou, prendendo o lençol em volta de si.

— Recado de Magnus — disse ela, prendendo o cabelo em um coque.

O recado dizia que Alec e Lily Chen estavam a caminho para ajudar. Depois que guardassem as coisas no Instituto de Buenos Aires, encontrariam Tessa e Jem do lado de fora do Mercado das Sombras.

Jem encontrou o olhar de Tessa e leu seu próprio alarde nos olhos dela.

— Não — murmurou Tessa. Jem já estava saindo da cama, procurando suas roupas. — Temos que encontrá-los. Temos que contê-los. Eles *não podem* ir ao Instituto.

#

O Instituto de Buenos Aires se situava na cidade de San Andrés de Giles. Aos olhos mundanos, o lugar parecia uma cripta grande num cemitério abandonado, em uma profusão de flores brancas.

Aos olhos de Alec, parecia pior. Era um edifício alto, pintado de uma cor enferrujada, e uma ala da construção era uma ruína queimada. Alec sabia que o Instituto tinha sido prejudicado durante a Guerra Maligna, mas achou que já teria sido consertado há muito tempo.

Lily farejou o ar.

— Misturaram sangue na tinta.

O Instituto parecia abandonado, exceto pelo fato de que havia um guarda na porta. Até isso fez com que os olhos de Alec se estreitassem. Caçadores de Sombras normalmente não vigiavam os próprios Institutos, a não ser em tempos de guerra.

Ele acenou com a cabeça para Lily e os dois avançaram para encontrar os Caçadores de Sombras de Buenos Aires. O guarda na porta parecia alguns anos mais novo do que Alec. Seu rosto era severo, e suas sobrancelhas pretas, afiadas e próximas umas das outras. O guarda estava cerrando os olhos de forma suspeita.

— Hum — começou Alec. — *Olá?* Ah, isso é português.

Lily exibiu um sorriso caloroso e cheio de presas para o guarda.

— Deixe-me cuidar disso.

— Eu falo inglês — disse o guarda apressadamente para Alec.

— Ótimo — respondeu o Caçador de Sombras. — Sou do Instituto de Nova York. Meu nome é...

Os olhos escuros do guarda se arregalaram.

— Você é Alexander Lightwood!

Alec piscou os olhos.

— Isso.

— Eu já estive no escritório do Inquisidor uma vez — confidenciou o guarda timidamente. —

Ele tem uma tapeçaria sua pendurada lá.

— Sim — concordou Alec. — Eu sei.

— Por isso reconheci. Estou tão feliz por conhecê-lo. Quero dizer, é uma honra. Ah, não, o que estou fazendo? Sou Joaquín Acosta Romero. É um prazer.

Joaquín estendeu a mão para Alec. Quando ele a apertou, pôde sentir o rapaz vibrando com a empolgação. Lançou um olhar de pânico a Lily, que sorriu e mexeu a boca.

— Fofo — sussurrou.

— Essa é Lily, que não ajuda em nada — apresentou Alec.

— Ah, sim, ah, prazer em conhecê-la também — falou Joaquín. — Uau, entrem.

Lily deu um sorriso doce, exibindo novamente as presas.

— Não posso.

— Ah, sim! Desculpe. Vou mostrar a entrada dos fundos. Tem uma porta para o Santuário lá.

Magnus tinha enfeitado o Instituto de Nova York para que os integrantes do Submundo pudessem caminhar por certas partes, mas a maioria dos Institutos ainda os mantinha de fora de todos os lugares além do Santuário. Alec ficou satisfeito ao ver Joaquín sorrir para Lily de forma aparentemente genuína e receptiva.

— Obrigado — agradeceu Alec. — Vamos encontrar amigos em uma missão, mas gostaria de guardar nossa bagagem agora para podermos voltar para dormir mais tarde. Podemos nos virar com sacos de dormir no Santuário.

Joaquín os conduziu por um beco escuro e cheio de teias de aranha. Alec pensou na ala que estava destruída. Possivelmente esse Instituto não tinha sacos de dormir.

— Hum, sua amiga... ela vai precisar de um caixão? — perguntou Joaquín. — Acho que não temos caixões. Quero dizer, tenho certeza de que poderia encontrar algum! O líder do nosso Instituto é, hum, muito cuidadoso em relação a visitantes, mas tenho certeza de que não se oporia a uma convidada que chega com Alec Lightwood.

— Não preciso de caixão — interpôs Lily. — Só de um quarto sem janela. Não tem problema.

— Você pode falar com Lily quando estiver se referindo a ela — repreendeu Alec, suavemente.

Joaquín lançou um olhar ansioso a Alec, e depois um ainda mais ansioso a Lily.

— Claro! Desculpe. Não tenho muita experiência em conversar com...

— Vampiros? — perguntou Lily docilmente.

— Mulheres — completou Joaquín.

— Verdade, sou um fabuloso metro e meio de pura feminilidade — Lily devaneou.

Joaquín tossiu.

— Bem, também não conheço nenhum vampiro. Minha mãe morreu na Guerra Maligna. Muitos de nós morreram. E depois disso, a maioria das mulheres foi embora. O senhor Breakspear diz que mulheres não são preparadas para o rigor de um Instituto regido com firmeza.

Ele olhou ansiosamente para Alec, como se buscasse a opinião do outro sobre isso.

— Clary Fairchild é uma das líderes do meu Instituto — respondeu Alec curtamente. — Jia Penhallow é a líder de todos os Caçadores de Sombras. Qualquer um que diz que mulheres são fracas tem medo de que elas sejam fortes demais.

Joaquín assentiu várias vezes em rápida sucessão, apesar de Alec não saber ao certo se foi em concordância ou de nervoso.

— Nunca estive em nenhum outro Instituto. Quando completei dezoito anos, torci para poder visitar algum em meu ano de intercâmbio, talvez até conhecer alguém, mas o líder do nosso Instituto disse que eu não poderia ser liberado. Não quando os integrantes do Submundo do Mercado das Sombras daqui são tão perigosos.

Joaquín abaixou a cabeça. Alec estava tentando formular uma pergunta que não fosse chocar o menino ainda mais, sobre por que esse era um posto tão duro. Sobre o que exatamente estava acontecendo com o Instituto de Buenos Aires. Mas antes que pudesse fazê-lo, chegaram ao fim do beco e à porta desgastada do Santuário do Instituto. Parecia o interior de uma igreja que havia explodido, as longas janelas tapadas, o piso escurecido.

Havia um homem no centro do chão carbonizado, conversando com um grupo de Caçadores de Sombras que estavam em silêncio. Ele parecia ter cerca de quarenta anos, seus cabelos claros já estavam se tornando prateados, e ele era o único presente com um uniforme que não tinha costuras nem estava gasto.

— Aquele é Clive Breakspear, o líder do nosso Instituto — apresentou Joaquín. — Senhor, temos um visitante. É Alexander Lightwood.

Ele disse alguma coisa em espanhol, que, a julgar pela repetição do nome de Alec, o fez pensar que seria a mesma coisa que havia dito em inglês. Então olhou em volta, como se esperasse uma resposta entusiasmada. Não recebeu nenhuma. Muitos dos homens no círculo pareceram imediatamente desconfiados.

Clive Breakspear não parecia nada desconfiado.

— Então você é Alec Lightwood — disse lentamente o líder do Instituto de Buenos Aires. — E essa deve ser, então, a sua vadia do Submundo.

Fez-se um terrível silêncio, interrompido por Lily, que piscou e disse:

— Como? Você vive em um buraco? Não sabe que Alec namora o famoso feiticeiro Magnus Bane e não tem interesse nenhum em mulher?

Houve um murmúrio de sussurros. Alec não achou que ninguém estivesse chocado com essa informação. Estavam chocados por Lily ter dito isso em voz alta, como se esperassem que ele sentisse vergonha.

— Vamos esclarecer as coisas. Essa é minha amiga Lily, a líder do clã de vampiros de Nova York. — Alec colocou a mão em sua lâmina serafim, e os sussurros acalmaram. — Pense com bastante cuidado — continuou — sobre como quer falar sobre ela. Ou sobre Magnus Bane.

Ele quase disse *meu noivo*, mas era uma palavra desconfortável. Certa vez ele disse “meu prometido” e se sentiu um completo idiota. Às vezes Alec desejava, quase com uma dor física, só dizer *meu marido* e ser verdade.

— Estou aqui em uma missão — informou Alec. — Achei que pudesse confiar na hospitalidade do Instituto e dos meus companheiros Caçadores de Sombras, mas vejo que me enganei.

Olhou em volta. Vários homens não conseguiam retribuir seu olhar.

— Que missão? — demandou Clive Breakspear.

— Uma que requer discrição.

Alec o encarou duramente, até Clive Breakspear enrubescer e desviar o olhar.

— Você pode ficar aqui — concordou a contragosto. — A do Submundo não.

— Como se eu quisesse — desdenhou Lily. — Não fico em lugares que não sejam minimamente bem decorados e, numa escala de zero a dez, esse Instituto é menos quatorze mil. Certo, Alec, vamos combinar onde nos encontramos depois que eu achar um bom quarto de hotel sem janelas. Você quer...

— Do que você está falando? — perguntou Alec. — Se você não for recebida, não fico aqui. Pro inferno com esse lugar. Eu vou com você.

O rosto de Lily suavizou pelo tempo de uma piscadela. Em seguida, ela afagou o braço dele e disse:

— Claro que vai.

Farejou o ar com desdém e girou. Clive Breakspear foi para cima dela.

— Tenho algumas perguntas para você, Submundo.

Alec pegou o braço do homem e se colocou diante de Lily.

— Tem certeza?

Estavam em menor número, mas Alec era filho do Inquisidor, *parabatai* de Jace Herondale. Possuía diversas proteções que os outros não tinham — o que significava que devia usar tudo o que pudesse por aqueles que não contavam com proteção alguma.

Após um longo instante, Breakspear recuou.

Alec gostaria de ter pensado em alguma frase bem desdenhosa de despedida, mas essa não era a sua especialidade. Ele e Lily simplesmente saíram, Joaquín indo atrás.

— Pelo Anjo — disse o rapaz. — Eu não esperava por isso... não achei... sinto muito.

— Não é o primeiro Instituto que não me recebe bem — respondeu Alec.

Principalmente quando estava com Magnus. Não acontecia com frequência, mas alguns Institutos já haviam tentado separá-los ou deixado claro que não deveriam ter aparecido juntos. Alec sempre deixava clara a sua opinião sobre o assunto.

— Sinto muito — repetiu Joaquín, desamparado.

Alec acenou com a cabeça para ele e saiu com Lily pela noite. Ele estava de costas para o prédio e respirou fundo.

— Caçadores de Sombras são um lixo — anunciou Lily.

Alec olhou para ela.

— Minha atual companhia não conta. Nem Jem — completou Lily. — Estou tendo uma péssima experiência em Buenos Aires, e não sou de comer, mas toparia um belo prato de *Jemalaya*.

— Ele é casado! — observou Alec novamente.

— Por favor, pare de me lembrar. Ela tem cheiro de livros. Posso ser imortal, mas a vida é muito curta para se desperdiçar lendo. — Lily pausou por um instante, em seguida acrescentou num sussurro: — Raphael gostava dela. Ela, Ragnor Fell e Raphael costumavam realizar reuniões secretas e contar segredos uns para os outros.

Alec entendia a tensão na voz de Lily agora. Ela também tinha uma ligeira restrição a Magnus,

a qualquer um que não fosse do seu clã e que ela achasse que Raphael Santiago podia ter amado.

— Eu disse a Jem que o encontraria na frente do Mercado das Sombras — falou Alec, distraíndo Lily efetivamente. — Podemos simplesmente carregar nossas malas até encontrarmos um lugar para ficar. Por enquanto, vamos descobrir o que está deixando o Instituto de Buenos Aires tão assustado nesse lugar onde só eu posso ir.

#

Alec ia frequentemente ao Mercado das Sombras de Nova York, na Canal Street, com Magnus e Max, mas a primeira vez em um novo Mercado pode ser complicada para um Caçador de Sombras.

O de Buenos Aires parecia mais do que complicado. Havia arame farpado em cada tábu. A madeira descolorida pelo sol e as voltas do arame eram uma barreira prateada impenetrável. Havia uma ampla porta de metal na frente, mais apropriada a um presídio do que a um mercado, e os olhos de um lobisomem brilhavam por trás de uma tela de metal. Ele disse alguma coisa a eles.

— Ele falou “Caçadores de Sombras não” — interpretou Lily alegremente.

Havia uma fila de integrantes do Submundo atrás deles, encarando e murmurando. Alec sentiu uma sombra do velho desconforto de ser o centro das atenções e uma dúvida súbita sobre a informação oferecida por Jem.

— Sou Alec Lightwood — disse. — Ouvi dizer que a minha entrada é permitida.

Houve um movimento atrás dele, um breve silêncio, e depois uma onda de sussurros diferentes, como ouvir uma maré mudar.

— Você pode ser apenas mais um Nephilim mentiroso — rosnou o lobisomem, trocando para inglês. — Pode *provar* que é Alec Lightwood?

— Posso — respondeu.

Tirou as mãos do bolso e levantou o braço direito para a grade para que o lobisomem pudesse ver com clareza: pele marcada, calos decorrentes do arco, as linhas escuras do símbolo de Clarividência, a luz da lua iluminando e destacando o anel brilhante de sua família com o desenho de chamas.

Outro par de olhos apareceu na grade, este de uma fada, sem pupilas e verdes como um lago profundo de floresta. Ela disse algo suave em espanhol.

— Ela acha que a magia no seu anel é muito forte — traduziu Lily. — Forte demais. Ela diz que esse tipo de poder vem do coração do inferno.

Alec sabia que era verdade. Não havia apenas um feitiço em seu anel, mas uma sucessão deles: magia de proteção e deflexão, magia para guiar suas flechas e lâminas, todo o poder de que Magnus dispunha no metal. Havia tudo em que Magnus conseguira pensar, para atuar como uma armadura e garantir que Alec voltasse para casa em segurança. Mais importante, teve o olhar de Magnus quando lhe entregou o anel encantado e disse que acreditava que se casariam um dia.

— Sei de onde vem esse tipo de poder. — Alec levantou a voz para que toda a multidão sussurrante pudesse ouvir. — Sou Alec Lightwood. Magnus Bane fez esse anel para mim.

O guarda lobisomem abriu a porta do Mercado das Sombras.

Alec e Lily entraram em um túnel de arame farpado. O Caçador de Sombras podia ouvir os sons e enxergar as luzes de um Mercado, mas o túnel bifurcava em duas direções. O guarda os levou para a esquerda, longe da luz e do som, para um abrigo cheio de proteções e mais metal. Havia armas quebradas nas paredes e uma plataforma circular no centro do recinto, onde ficava uma cadeira enorme. Havia machados cruzados nas costas da cadeira, e uma fileira de espetos percorria o topo. Uma fada esguia, com cabelos finos e rosto melancólico, estava sentada de pernas cruzadas ao pé do trono.

Sobre o trono havia uma jovem que parecia ter a idade de Alec. Estava de calça jeans e uma camisa de flanela, com as pernas jogadas no braço do trono, a fileira de espetos brilhando acima de seus cabelos claros. Devia ser a mulher sobre quem Jem escrevera, a licantrome Rainha do Mercado.

Ela viu Alec e seu rosto ficou impassível. Em seguida, começou a sorrir e falou em inglês com um sotaque claramente francês:

— Alec! É você mesmo! Não acredito!

Foi muito desconfortável.

— Sinto muito — disse ele. — Nos conhecemos?

A licantrome colocou as pernas no chão, inclinando-se para a frente.

— Sou Julieta.

— Eu não sou Romeu — Lily se intrometeu. — Mas você é bonitinha, então conte-nos mais sobre você e seu sotaque sexy.

— Hum, quem é você? — perguntou Julieta.

— Lily Chen — respondeu Lily.

— Líder do clã de vampiros de Nova York — acrescentou Alec.

— Ah, claro — disse Julieta. — Da Aliança! Obrigada por vir com Alec nos ajudar. É uma honra conhecê-la.

Lily sorriu.

— Eu sei, não é mesmo?

Os olhos de Julieta se voltaram para Alec. A forma como olhava para ele, com os olhos arregalados e espantados, realmente o fazia se lembrar de alguma coisa.

— E essa é minha filha Rose — apresentou Julieta, a licantrome, com as mãos firmes sobre os ombros da jovem fada.

Alec não reconheceu a mulher, mas reconheceu o tom de voz. Sabia como era declarar-se dono do que se amava, ainda mais insistentemente porque as pessoas duvidavam que o amor pertencia a você. Alec não sabia ao certo o que dizer, então fez uma de suas coisas preferidas: pegou seu telefone e encontrou uma foto muito boa, foi até o palanque e mostrou para as duas.

— Esse é meu filho, Max.

Julieta e Rose se inclinaram para a frente. Alec viu os olhos da licantrome piscarem e percebeu o instante em que registraram que Max era um feiticeiro.

— Ah! — A voz de Julieta era suave. — Ele é lindo.

— Eu também acho — disse Alec timidamente, e mostrou a elas mais algumas fotos. Alec

achava difícil escolher as melhores. Eram tantas ótimas. Era impossível tirar uma foto ruim de Max.

Julieta deu um empurrãozinho nas costas da menina fada.

— Busque seus irmãos — disse. — Depressa.

Rose se levantou, leve como uma fada, lançou um último olhar tímido para Alec e correu.

— Você me conhece — afirmou Alec. — Como?

— Você salvou minha vida — respondeu Julieta. — Há cinco anos, quando demônios atacaram o Expresso do Oriente.

— Ah! — exclamou Alec.

A primeira viagem de férias dele e Magnus. Ele tentava não pensar nas partes mais desagradáveis daquela viagem, mas se lembrava do trem, da água quente caindo e do brilho de olhos demoníacos, do vento gritante e do abismo abaixo. Sentiu muito medo por Magnus naquela noite.

— Você combateu demônios no Expresso do Oriente? — perguntou Lily, interessada.

— Combati demônios em muitos lugares — retrucou Alec. — Foi tudo muito normal.

— Nunca vi nada parecido na vida — contou Julieta com entusiasmo. — Eram tantos demônios! Eles quebraram as janelas. Achei que fosse morrer. Então Alec destruiu todos os demônios que viu. Ele estava ensopado e sem camisa.

Alec não enxergava a relevância disso.

— Muito normal — repetiu Alec. — Exceto que normalmente uso camisa.

Os olhos de Lily dançavam alegres.

— Você parece se divertir muito nas férias, Alec.

— Foi tudo padrão e monótono — respondeu o Caçador de Sombras.

— É o que parece.

— E eu estava naquela festa em Veneza — continuou Julieta. — Quando a mansão sofreu um colapso.

— Eu também! — disse Lily. — Raphael estava muito chateado de estar numa festa; foi hilário. Fiquei com tanta gente, foi meu recorde. Acho que uma das pessoas foi uma loura gata. Era você?

Julieta piscou.

— Hum, não. Eu não... fico com garotas.

Lily deu de ombros.

— Sinto muito por estar desperdiçando sua vida.

— Eu também não fico — comentou Alec em tom de brincadeira.

Julieta assentiu.

— Também me lembro de Magnus naquela festa. Ele estava tentando ajudar.

Alec ouviu a própria voz diminuir e suavizar, totalmente fora de seu controle.

— Ele sempre tenta.

Houve um ruído de pés atrás deles. Rose, a fada, tinha voltado. Havia mais duas crianças de mãos dadas com ela agora: outra fada com o corpo robusto de um trasgo e um menino feiticeiro de pele escura com um rabo de raposa. Correram para a cadeira e foram para perto de Julieta. A menina parecia ter mais ou menos dez anos e o menino não mais do que seis.

— Crianças — disse Julieta —, esse é Alec Lightwood, de quem eu falei para vocês. Alec, esses são os meus filhos.

— Oi — cumprimentou Alec.

As crianças o encararam.

— Quando você me salvou no Expresso do Oriente — disse Julieta —, eu perguntei como poderia lhe pagar, e você me disse que tinha visto uma criança fada sozinha no Mercado das Sombras de Paris. E perguntou se eu poderia cuidar dela. Eu nunca tinha falado com um Caçador de Sombras antes. Não achava que eles fossem como você. Fiquei... surpresa por ter me pedido isso. Então, quando voltei para Paris, procurei por ela. Eu e minha Rose estamos juntas desde então.

Ela afagou o cabelo de Rose em volta de sua coroa de espinhos. Rose ficou verde de vergonha.

— *Maman*. Não me envergonhe na frente de Alec Lightwood!

O Mercado das Sombras de Paris, que Alec tinha visitado com Magnus durante as mesmas férias, foi o primeiro a que ele tinha ido. Os integrantes do Submundo não estavam acostumados a ele, nem Alec a eles. Ele se lembrava da menina fada que tinha visto lá: era tão magra que ficou com pena.

Ela tinha a mesma idade de seu irmão caçula, cujo nome Alec colocou em Max. Ao contrário de seu irmão, ela sobreviveu.

— Rose — reconheceu Alec. — Como você cresceu.

A menina se alegrou.

— Fomos felizes juntas em Paris, você e eu, não fomos, *ma petite*? — perguntou Julieta a Rose, parecendo melancólica. — Achei que o fim da guerra com Valentim seria o fim de todas as guerras. Mas depois veio outra, e tantos Caçadores de Sombras morreram, e tantas fadas também. E a Paz Fria teve início.

Ela fixou o olhar em Alec. A luz acima do trono captou seus olhos, como faróis captando os olhos de um lobo.

— Fiquei sabendo sobre você e Magnus e sobre a Aliança entre Caçadores de Sombras e o Submundo que vocês estabeleceram. Vocês dois estavam ajudando pessoas. Eu também queria fazer isso. Soube que estavam caçando fadas na Bélgica e tirei minha filha mais nova de lá.

As mãos de Rose se fecharam sobre os ombros da menina trasgo. Alec também reconheceu esse gesto: a constante preocupação dos mais velhos da família, saber que se é responsável pelos mais novos.

— Então soube de Buenos Aires — disse Julieta. — O Instituto daqui foi destruído na Guerra Maligna. Integrantes do Submundo que fugiram para a Europa contaram histórias sombrias sobre o que havia se erguido dos destroços. Vim para ver se poderia fazer alguma coisa.

O menino levantou os braços para ela, e Julieta o pegou no colo, colocando-o sobre seu joelho. Ele observou Alec, sugando pensativamente a ponta do seu rabo de raposa.

— Muitas crianças ficaram órfãs na guerra — continuou Julieta. — O Mercado das Sombras daqui se tornou um refúgio para crianças indesejadas. Uma espécie de orfanato acidental, entre barracas, luzes e magia. O Mercado se tornou uma comunidade, porque precisávamos de um que nunca parasse. As pessoas vivem entre essas paredes. Meu bebê foi deixado aqui porque

apresentou sua marca de feiticeiro muito jovem.

— Max também — disse Alec.

— Há muitas crianças. — Julieta fechou os olhos.

— O que há de errado com o Instituto? — perguntou Alec. — Por que ninguém procurou a Clave?

— Procuramos — respondeu Julieta. — Não adiantou nada. Breakspear tem amigos poderosos. Ele se certificou de que o recado fosse direto para um homem chamado Horace Dearborn. Você o conhece?

Os olhos de Alec se estreitaram.

— Conheço.

Os efeitos de muitas guerras e a constante pressão da Paz Fria abriam oportunidades para certos tipos de pessoas. Horace Dearborn era um que florescia na inconstância e no medo.

— Depois que o Instituto foi destruído pelos Crepusculares — disse Julieta —, Clive Breakspear chegou aqui com aquele Dearborn atrás dele, como um urubu se alimentando de restos. Dizem que os Caçadores de Sombras dele aceitam missões por dinheiro. Por exemplo, se alguém quer um rival morto, os Caçadores de Sombras de Breakspear fazem acontecer. Não caçam demônios. Não caçam integrantes do Submundo que transgridam a Lei. Caçam a todos.

O estômago de Alec revirou.

— São mercenários.

— Os bons Caçadores de Sombras se foram quando passaram a não conseguir mais fazer diferença na forma como as coisas são feitas — explicou Julieta. — Acho que não falaram nada. Acho que sentiram vergonha. Este Mercado, com todas essas crianças, não estava seguro. Parecia que os líderes estavam sendo retirados, para que as pessoas ficassem mais vulneráveis. Não tentaram me pegar. Tenho amigos em Paris e Bruxelas e se eu desaparecesse ia fazer barulho. Então ordenei que erguessem cercas e proteções. Deixo as pessoas me chamarem de rainha. Tentei parecer o mais forte possível, para que não nos atacassem. Mas as coisas estão piorando. Mulheres licantropes estão desaparecendo.

— Assassinadas? — perguntou Alec.

— Não sei — respondeu Julieta. — No início achamos que estivessem fugindo, mas são muitas. Mães que não teriam deixado suas famílias. Meninas tão jovens quanto minha Rose. Algumas pessoas dizem que viram um feiticeiro estranho por aí. Não faço ideia do que esteja acontecendo com essas mulheres, mas sabia que não podia confiar em ninguém do Instituto para descobrir. Não corro o risco de confiar em nenhum Caçador de Sombras. Exceto você. Espalhei que o queria aqui. Não sabia ao certo se você viria, mas aqui está.

Ela ergueu o rosto suplicante para Alec. A Rainha do Mercado das Sombras pareceu, naquele momento, tão jovem quanto os filhos que a cercavam.

— Pode me ajudar? Mais uma vez?

— Quantas vezes precisar — respondeu Alec. — Vou encontrar essas mulheres. Vou descobrir quem está por trás disso. Vou impedi-los. Você tem a minha palavra.

Ele hesitou, lembrando-se da missão de Jem e Tessa.

— Tenho amigos aqui, além de Lily. Uma feiticeira e um homem que era um Irmão do

Silêncio, com uma mecha prateada no cabelo. Eles podem entrar no Mercado? Juro que são confiáveis.

— Acho que sei de quem está falando — disse Julieta. — Pediram para entrar há algumas noites, não foi? Soube que ele é um homem bonito.

— Ah, soube certo — comentou Lily.

O sorriso de Julieta se ampliou.

— Realmente há alguns Nephilim muito bonitos.

— Hum, suponho que sim — disse Alec. — Não penso em Jem desse jeito.

— Como pode ser tão bom arqueiro se é tão cego? — indagou Lily.

Alec revirou os olhos.

— Obrigado, Julieta. Eu aviso assim que descobrir alguma coisa.

— Que bom que está aqui — Julieta respondeu suavemente.

— Não vou embora até ter ajudado — disse Alec, e em seguida se voltou para as crianças, que continuavam encarando. — Hum. Tchau, crianças. Foi um prazer conhecê-las.

Deu um aceno de cabeça desajeitado para elas, e depois seguiu pelo caminho das luzes e da música do Mercado.

— Certo — disse a Lily enquanto caminhavam. — Vamos dar uma rápida olhada pelo Mercado, fazer algumas perguntas antes de encontrarmos Jem e Tessa.

— Vamos parar na barraca de gin de frutas de fadas! — sugeriu Lily.

— Não.

— Não podemos trabalhar o tempo todo — disse Lily, que raramente trabalhava por sequer cinco minutos seguidos. — Então, quem você acha gato? — Quando Alec a encarou, ela insistiu: — Estamos numa viagem de amigos! Temos que compartilhar segredos. Você disse que não vê Jem dessa forma. Então quem?

Alec balançou a cabeça para uma fada que estava tentando vender pulseiras encantadas a eles, embora ela insistisse que possuíam encantos muito poderosos. Quando Alec perguntou sobre os desaparecimentos, os olhos da fada arregalaram, mas ela não sabia mais do que Julieta.

— Magnus é gato — respondeu Alec afinal, e seguiram caminho.

Lily revirou os olhos.

— Uau, você e o Monógamo Bane me cansam. Ele é ainda mais burro do que você.

— Magnus não é burro.

— Um imortal que entrega o coração a uma pessoa? — Lily mordeu o lábio, as presas pressionando-o demais. — Isso é burrice.

— Lily — repreendeu Alec, mas a vampira estava balançando a cabeça e continuou, com a voz firmemente leve.

— Tirando seu gato prometido, eu sei que teve o Jace. São só caras de olhos dourados? — especulou Lily. — É um gosto muito particular, meu amigo. Reduz muito as possibilidades. Nenhuma outra paixão além de Jace? Nem mesmo uma paixonite quando você era criança?

— Por que você está com esse olhar malicioso, como se soubesse de algo que eu não sei? — perguntou Alec, desconfiado.

Lily riu.

Havia muito barulho atrás de uma das barracas. Alec virou a cabeça automaticamente, mas também porque não sabia como explicar que paixões específicas não tinham sido o problema. Tinha sido um alívio, de certa forma, fingir, até para ele mesmo, que uma paixão por Jace era o que o deixara tão infeliz.

Mesmo durante a infância, Alec via sua atenção se direcionar a pôsteres de homens mundanos nas ruas de Nova York ou se sentia atraído por Caçadores de Sombras que visitavam o Instituto, ouvindo escondido sobre suas histórias de caça a demônios e pensando em como eles eram legais. Alec sonhava acordado durante a infância, criando terras utópicas cheias de meninos. E então, junto com a infância, perdeu os sonhos. Era jovem demais para entender a si mesmo, e de repente não era mais. Ele ouvia como Caçadores de Sombras visitantes zombavam, como seu pai sugeria o assunto como se fosse terrível demais até para ser falado em voz alta, quando Alec só sabia falar abertamente. Ele se sentia culpado cada vez que tinha que desviar os olhos de outro menino, mesmo quando o olhar era meramente curioso. Até que Magnus chegou, e ele não conseguiu desviar o olhar de jeito nenhum.

O barulho que estava por trás das barracas começou a se aproximar.

Muito barulho, perto do chão.

Os órfãos do Mercado de Buenos Aires explodiram de trás de uma barraca onde um lobisomem vendia ensopado. Havia crianças por todos os lados, de todas as espécies de integrantes do Submundo, e todos eles pareciam tentar chamar sua atenção, gritando nomes, pedidos, piadas. A principal língua era a espanhola, mas Alec ouviu algumas outras, e imediatamente ficou confuso quanto a que palavras pertenciam a que línguas. Luzes multicoloridas balançavam em dezenas de faces. Ele virou a cabeça, atordoado, sem conseguir identificar nenhum rosto ou voz no caos.

— Ei — disse ele, se curvando sobre as crianças e tirando comida de sua bolsa de pano. — Ei, tem alguém com fome? Peguem aqui.

— Eca, são barras de cereal? — perguntou Lily. — Que jeito de difundir a tristeza entre os órfãos!

Alec pegou a carteira e começou a dar dinheiro para as crianças. Magnus sempre fazia dinheiro aparecer magicamente ali, para casos de emergência. Alec nunca gastava com ele mesmo.

Lily estava rindo. Ela gostava de crianças, apesar de às vezes fingir que não. Então ela congelou. Por um instante, seus olhos negros brilhantes ficaram opacos e mortos. Alec se levantou.

— Você, menino — a voz de Lily estava tremendo. — Como você disse que se chama?

Ela balançou a cabeça e repetiu a pergunta em espanhol. Alec seguiu seu olhar até uma criança específica na multidão.

As outras se empurravam, mas havia um pequeno espaço circular ao redor desse menino. Agora que tinha a atenção deles, não estava gritando. Sua cabeça cheia de cachos estava inclinada para trás para poder analisar Alec e Lily, e ele estava fazendo isso com olhos semicerrados e muito escuros. Seu ar extremamente crítico só podia ser fruto da imaginação de Alec. A criança parecia ter cerca de seis anos.

O menino respondeu a Lily com a voz calma:

— Rafael.

— Rafael — repetiu Lily. — Certo.

O rosto de Rafael era um dos mais novos naquela multidão absurdamente jovem, mas havia um ar frio de confiança em seu semblante. Ele avançou e Alec não se surpreendeu ao ver as outras crianças saírem de seu caminho. Rafael trazia a distância consigo.

Os olhos de Alec se estreitaram. Ele não sabia que tipo de integrante do Submundo era aquele menino, mas havia algo na forma como se movia.

Rafael disse mais alguma coisa em espanhol. Pela inclinação imperial no fim da frase, foi uma pergunta ou uma exigência. Alec olhou desamparado para Lily. Ela assentiu, claramente recobrando a postura.

— O menino disse... — Ela limpou a garganta. — Ele disse: “você é um Caçador de Sombras? Não como os do Instituto. Você é um Caçador de Sombras *de verdade*?”

Alec piscou os olhos. Os de Rafael estavam fixos em seu rosto.

O Caçador de Sombras se ajoelhou no chão entre a confusão do Mercado das Sombras para poder olhar naqueles olhos escuros e intensos.

— Sim — confirmou Alec. — Sou um Caçador de Sombras. Diga-me como posso ajudar.

Lily traduziu. Rafael balançou sua cabeça cacheada, com a expressão ainda mais fria, como se Alec tivesse falhado em alguma espécie de teste. Ele falou mais algumas frases em espanhol.

— Ele diz que não quer ajuda — traduziu Lily. — Ele te ouviu perguntando no Mercado sobre as mulheres que desapareceram.

— Então o garoto entende um pouco de inglês? — perguntou Alec, esperançoso.

Rafael revirou os olhos e disse mais alguma coisa em espanhol.

Lily sorriu.

— Ele disse que não, de jeito nenhum. Ele tem informações, mas não quer conversar aqui.

Alec franziu o rosto.

— *Boludo* — repetiu. — Ele disse isso. O que essa palavra significa?

Lily sorriu.

— Significa que ele te acha um homem gentil.

Não tinha soado gentil. Alec franziu o rosto para Rafael. Rafael o encarou de volta.

— Muito bem — disse Alec lentamente. — Quem está cuidando de você? Vamos até quem quer que seja e podemos conversar juntos.

A noite estava escura, principalmente sob o toldo de uma barraca, mas Alec tinha quase certeza de que Rafael revirara os olhos. Ele desviou sua atenção de Alec, que claramente achava um caso perdido, e olhou para Lily.

— Ele diz que cuida de si mesmo.

— Mas ele tem seis anos! — exclamou Alec.

— Ele disse que tem cinco — corrigiu Lily, com o cenho franzido enquanto ouvia e traduzia lentamente. — Os pais dele morreram na Guerra Maligna, quando o Instituto sucumbiu, e depois teve uma licantropo que cuidou de várias crianças. Mas ela se foi. Ele diz que mais ninguém o quer.

A licantropo devia ser uma das mulheres desaparecidas, Alec pensou sombriamente. Aquele pensamento se perdeu na onda de horror quando ele se deu conta do que Lily estava dizendo.

— Os pais dele morreram quando o Instituto sucumbiu? — repetiu Alec. Todas as células do seu corpo faiscaram com choque. — *Esse menino é um Caçador de Sombras?*

— Seria pior encontrar uma criança Caçadora de Sombras do que uma do Submundo nesse estado? — perguntou Lily, com a voz fria.

— *Sim* — rosnou Alec de volta. — Não porque crianças do Submundo mereçam viver assim. Meu filho é do Submundo. Nenhuma criança merece isso. Mas você ouviu o que Julieta disse. Todos estão fazendo o melhor que podem. Caçadores de Sombras sucumbem em batalhas todos os dias, e casas são encontradas para os órfãos. Existe um sistema para crianças Caçadoras de Sombras. Os daqui deveriam estar trabalhando melhor. A Lei é feita para proteger os mais desamparados entre nós. O que há de *errado* com esse Instituto?

— Como está usando sua voz severa, acho que vamos descobrir — observou Lily, soando alegre outra vez.

Alec ainda estava olhando para Rafael com um espanto tão profundo que quase parecia desespero. Ele agora viu que Rafael parecia mais sujo e mal cuidado do que qualquer outra criança na multidão. Alec tinha aprendido a Lei com a mãe, com o pai, com seu tutor e com todos os livros da biblioteca do Instituto. Fez sentido para ele quando pequeno, quando pouca coisa fazia sentido. O dever sagrado dos Caçadores de Sombras, desde sempre, era “manterem-se invisíveis na escuridão, defender a qualquer custo”.

Agora ele era mais velho e sabia como o mundo podia ser complicado. Ainda doía como um golpe inesperado quando ele via aquele ideal brilhante manchado. Se estivesse à frente de tudo...

Mas eles não viviam naquele mundo.

— Venha comigo por enquanto — disse Alec ao menino Nephilim. — Vou cuidar de você.

Se Rafael estivesse mesmo sozinho, Alec poderia levá-lo ao Instituto de Nova York, ou a Alicante. Não ia deixá-lo ali, onde parecia tão sem amigos e negligenciado. Ele esticou os braços para pegar a criança no colo e levá-la dali.

Rafael correu para trás com a velocidade de um animal selvagem. Lançou um olhar imundo a Alec, como se fosse morder caso o Caçador de Sombras tentasse aquilo outra vez.

Alec retraiu os braços e levantou as mãos em um gesto de rendição. — Tudo bem — disse. — Desculpe. Mas quer vir com a gente? Queremos ouvir suas informações. Queremos ajudar.

Lily traduziu. Rafael, ainda olhando para Alec com cautela, fez que sim com a cabeça. Alec se levantou e ofereceu a mão a Rafael. Ele olhou para a mão descrente, balançando a cabeça e murmurando alguma coisa. Alec teve quase certeza de que foi aquela palavra de novo. Ele olhou Rafael de cima a baixo. As roupas do menino estavam manchadas e rasgadas, ele estava magro demais e descalço. Havia olheiras de exaustão sob seus olhos. Alec sequer sabia onde iriam dormir.

— Tudo bem — disse, afinal. — Temos que comprar um sapato para ele.

Ele se afastou da multidão de crianças com Lily ao seu lado e Rafael orbitando-os como uma lua desconfiada.

— Talvez eu possa ajudar, Caçador de Sombras — disse uma fada com cabelos de dente-de-

leão em uma barraca.

Alec começou a ir até ela, mas Lily o agarrou com força pelo braço.

— Não chegue perto daquela mulher — sussurrou. — Depois eu explico.

Alec assentiu e prosseguiu, apesar do chamado da fada para ir comprar. Julieta estava certa: esse Mercado era uma comunidade, com cabanas e trailers cercando as barracas. Era o maior Mercado que Alec já tinha visto.

O Caçador de Sombras encontrou um sapateiro fada que era suficientemente gentil, embora seu menor par de botas fosse grande demais. Alec comprou assim mesmo. Perguntou ao sapateiro, que falava inglês, se tinha alguém cuidando de Rafael. Certamente, independente do que dizia o menino, alguém deveria estar cumprindo esse papel.

Após um instante, o sapateiro negou com a cabeça.

— Quando a licantrope que cuidava dos órfãos desapareceu, as outras crianças foram acolhidas pelos meus. Mas, sem querer ofender, fadas não abrigam Caçadores de Sombras.

Não com a Paz Fria disseminando ódio entre Caçadores de Sombras e fadas. As leis eram todas erradas, e as crianças estavam pagando o preço.

— Além disso, essa criança odeia todo mundo — completou o sapateiro. — Cuidado. Ele morde.

Eles estavam quase no túnel metálico que levava até a saída do Mercado das Sombras. Longe do centro do Mercado havia muros derrubados, mais sinais de um lugar devastado pela guerra e abandonado à decadência.

— Ei — disse Alec a Rafael. — Venha aqui um segundo. *Mach dir keine...*

— Você está mandando ele não se preocupar em alemão — informou Lily alegremente.

Alec suspirou e se ajoelhou na poeira cinza, entre os escombros, gesticulando para Rafael sentar em um pedaço de muro caído. O menino olhou para Alec e para as botas que ele carregava com um ar de extrema desconfiança. Em seguida sentou-se e permitiu que Alec o calçasse com as botas grandes demais.

Os pés do menino eram pequenos e as solas estavam pretas de sujeira. Alec engoliu em seco e amarrou os cadarços o mais forte possível para que elas não caíssem e Rafael pudesse andar direito.

O menino se pôs de pé assim que Alec acabou de amarrar as botas. O Caçador de Sombras também se levantou.

— Vamos — disse ele.

O olhar escuro e analítico de Rafael estava em Alec outra vez. Ele ficou totalmente parado por um longo instante.

Em seguida levantou os dois braços em um gesto de comando. Alec estava tão acostumado àquele gesto vindo de Max que agiu automaticamente e pegou Rafael no colo.

Não era nada como carregar Max, que era pequeno e gordinho, sempre rindo e abraçando. Rafael era alto para a idade, e magro demais. Alec podia sentir os ossos de sua coluna. Rafael estava muito rijo, como se estivesse passando por uma experiência desagradável. Era como segurar uma estátua pequena, se você sentisse muita pena da estátua e não soubesse o que fazer.

— Carregá-lo no colo significa que as botas não servem para nada — murmurou Alec. — Mas

tudo bem. Estou feliz que está indo conosco. Está seguro agora. Está comigo.

— *No te entiendo* — disse a voz fina e clara de Rafael ao seu ouvido, depois, após uma pausa reflexiva: — *Boludo*.

Alec tinha certeza de duas coisas: aquela palavra não era boa, e esse menino não gostava nada dele.

#

Jem e Tessa estavam nos portões do Mercado das Sombras quando o viram. Queriam ter alcançado Alec e Lily antes de chegarem ao Instituto de Buenos Aires. Sem encontrar sinal deles, temeram que Breakspear os tivesse detido, mas um feiticeiro amigo de Tessa havia informado que um Caçador de Sombras tivera permissão para entrar no Mercado.

Agora estavam preocupados que a Rainha do Mercado os tivesse detido. Jem estava conversando com Tessa quando os portões se abriram. Contra o arame farpado e a luz das estrelas, viram um homem alto, a cabeça preta inclinada para baixo, seus tenros olhos azuis fixos na criança em seus braços. *Will*, pensou Jem, e agarrou forte a mão de Tessa. O que quer que ele tivesse sentido, seria pior para ela.

Alec levantou o olhar, parecendo aliviado.

— Tessa.

— Que belo fim para uma longa noite — disse Lily em deleite. — Se não é o ex Irmão Gostozach.

— Lily! — exclamou Alec.

Mas Tessa, ainda segurando a mão de Jem, lançou a ele um olhar bastante divertido e abriu seu sorriso belo e gradual.

— É a Lily de Raphael — reconheceu Tessa. — Que prazer em vê-la. Perdoe-me, mas tenho a sensação de conhecê-la melhor do que de fato conheço. Ele falava muito de você.

O sorriso de Lily rachou como se alguém tivesse derrubado um espelho.

— O que ele falava de mim? — perguntou, a voz baixa.

— Ele dizia que você era mais eficiente e mais inteligente do que a maioria do clã, que era composto por idiotas.

Pareceu muito frio para Jem, mas Raphael era assim. O sorriso de Lily voltou, caloroso como uma chama entre mãos encolhidas. Fez com que Jem se lembrasse de como ela era quando se conheceram. Naquele momento, ele não sabia que Tessa tinha enviado Raphael para pedir ajuda. Ele fez o melhor que pôde, e agora Lily era uma amiga.

— Obrigado aos dois por terem vindo nos ajudar — agradeceu Jem. — Quem é a criança?

Alec explicou os eventos da noite — ser recusado no Instituto de Buenos Aires, os desaparecimentos, e a descoberta de Rafael, a criança que o Instituto abandonou.

— Sinto muito que sequer tenham ido até o Instituto — lamentou Jem. — Deveríamos ter alertado, mas faz tempo que não sou Caçador de Sombras. Não percebi que seu primeiro instinto seria ir para lá. Nossa hospedaria tem quartos disponíveis, e pelo menos um deles não tem janelas. Vamos.

Alec carregou Rafael com a facilidade de quem tinha o hábito. Uma mão continuava livre para pegar uma arma se necessário, e ele caminhou tranquilamente pelas ruas com aquele pequeno peso precioso. Jem, há muito sem prática, não teria conseguido. Ele tinha carregado os filhos de Tessa, James e Lucie, quando pequenos, mas isso tinha sido há mais de um século. Nem todo mundo queria um Irmão do Silêncio perto de seus filhos, a não ser que a criança estivesse morrendo.

Caminharam pelas ruas, passando por casas pintadas com tons escandalosos de vermelho fogo, azul-marinho e verde crocodilo, as ruas alinhadas com jacarandás e oliveiras. Finalmente chegaram à hospedaria, o prédio baixo e claro que ficava azulado ao primeiro sinal do alvorecer. Jem abriu a porta vermelha circular e solicitou mais quartos a sua locatária, um deles sem janela.

Jem e Tessa já haviam reservado para uso o pequeno jardim no centro da hospedaria, um conjunto de pequenos pilares de pedras aberto ao céu, cercados pelo violeta azulado suave de buganvílias. Eles se reuniram ali, Alec cuidadosamente posicionando Rafael no banco ao seu lado. O garoto se arrastou até a outra ponta do banco, abaixou a cabeça e ficou em silêncio enquanto Tessa falava com ele, pedindo qualquer informação sobre as mulheres desaparecidas. Jem não soubera nada sobre elas antes, mas agora que sabia, estava claro que tinha que ajudar. Rosemary Herondale podia estar em perigo, mas essas mulheres licantropes também estavam. Jem queria fazer o que fosse possível por elas.

Voltar a falar foi estranho para Jem, mas Tessa tinha aprendido muitas línguas e ensinou a ele tudo que pôde. Jem também tentou fazer perguntas a Rafael, mas a criança balançou a cabeça solenemente.

Lily estava sentada de pernas cruzadas no chão, com um cotovelo apoiado no joelho de Alec, para ficar perto da criança. Ela inclinou a cabeça para Rafael e perguntou a ele se poderia, por favor, falar logo, pois o sol estava nascendo e ela teria que ir dormir em breve.

Rafael esticou o braço e afagou a mecha rosa do cabelo de Lily.

— *Bonita* — disse ele, com o rosto ainda solene.

A pobre criança não sorria muito, Jem percebeu. Claro, nem Alec, que parecia arrasado e determinado em relação às mulheres desaparecidas.

Lily, que sorria com grande facilidade, o fez naquele momento.

— Ah, que gracinha — ela disse em espanhol. — Quer me chamar de tia Lily?

Rafael negou com a cabeça. A vampira pareceu inabalada.

— Sei um truque — ofereceu, e esticou as presas na direção da criança.

Rafael pareceu completamente chocado.

— O que vocês estão falando? — perguntou Alec, preocupado. — Por que ele está com essa cara? Por que você fez isso?

— Max adora quando faço isso! — disse Lily, e acrescentou em espanhol: — Não tive a intenção de assustá-lo.

— Não me assustei — respondeu Rafael. — Foi bobeira.

— O que ele disse? — perguntou Alec.

— Ele disse que foi um truque incrível e que ele adorou — relatou Lily.

Alec ergueu uma sobrancelha cética na direção dela. Rafael se aproximou de Alec e Tessa foi

para perto de Lily, no chão. Tessa conversou gentilmente com a criança e Lily o provocou, e juntos conseguiram a história toda, que Lily foi traduzindo simultaneamente para Alec. O rosto do Caçador de Sombras foi ficando mais e mais sombrio conforme ouvia a história.

— Rafael sabe que ele é um Caçador de Sombras e está tentando aprender...

O menino, que a Jem parecia entender mais inglês do que estava deixando transparecer, interrompeu para corrigir Lily.

— Me desculpe — disse ela. — Ele está tentando treinar. Ele espiona outros Caçadores de Sombras, então sabe o que fazer. Ele é pequeno e se certifica de que ninguém o veja. Enquanto os espionava, viu um Caçador de Sombras andando sorrateiramente por uma rua. Ele se encontrou com um feiticeiro na porta de uma casa grande. Rafael chegou o mais perto possível e ouviu mulheres lá dentro.

— Você consegue descrever o Caçador de Sombras que viu? — perguntou Alec, e Jem traduziu para ele.

— Acho que você consegue — acrescentou Jem encorajadoramente para a criança. — Você é muito observador.

Rafael lançou um olhar sombrio a Jem, como se não tivesse gostado do comentário. Ele passou mais alguns instantes em uma reflexão furiosa, batendo com as botas grandes demais sobre a borda do banco de pedra. Enfiou a mão no bolso de suas calças esfarrapadas e, então, entregou uma carteira fina para Alec.

— Ah! — Alec pareceu espantado. — Você roubou isso do Caçador de Sombras que viu?

Rafael fez que sim com a cabeça.

— Ótimo. Digo... — Alec pausou. — É ótimo que esteja nos ajudando, mas é muito ruim roubar carteiras em geral. Não faça mais isso.

— *No te entiendo* — Rafael anunciou com firmeza.

Ele disse que não estava entendendo Alec, e seu tom sugeria que não planejava entendê-lo nesse quesito tão cedo.

— Não diga a outra palavra — pediu Alec rapidamente.

— Que outra palavra? — questionou Jem.

— Não pergunte — alertou Alec, e abriu a carteira.

Caçadores de Sombras não carregavam formas de identificações mundanas, como passaportes ou carteiras de identidade, mas carregavam outras coisas. Alec pegou um documento de requisição de armas marcado com o símbolo da família Breakspear.

— Clive Breakspear — disse Alec lentamente. — O diretor do Instituto. Julieta disse que esses Caçadores de Sombras atuam como mercenários. E se esse feiticeiro os tiver contratado?

— Temos que descobrir o que está acontecendo — disse Jem. — E conter.

Alec cerrou a mandíbula.

— Rafael pode nos mostrar a casa depois que descansar um pouco. Amanhã à noite voltaremos ao Mercado das Sombras e tentaremos encontrar a informação que estão procurando. Contaremos para a Rainha do Mercado o que descobrirmos, se descobrirmos alguma coisa.

Rafael assentiu, depois esticou a mão para pegar a carteira de volta. Alec negou.

— Que segredo é esse que querem saber? — perguntou Lily a Jem.

— Lily, é segredo! — repreendeu Alec.

Grilos cantavam uma linda melodia além dos muros.

— Confio em vocês dois — disse Jem lentamente. — Vieram aqui nos ajudar. Confio que isso não sairá daqui. Estou procurando por alguém que precisa da minha ajuda. Existe uma linhagem secreta de Caçadores de Sombras sobre a qual descobri nos anos de 1930.

Lily balançou a cabeça.

— Os anos 30 foram tão decepcionantes. Todo ano insistiram em não ser os anos 20.

Will morreu na década de 1930 e Tessa viveu em agonia. Jem também não gostou muito dessa época.

— Essa família vem sendo caçada há anos — disse Jem. — Não sei por que motivo. Descobri que fugiram dos Nephilim, mas ainda não sei por que fadas estão à procura deles. Conheci uma delas, mas ela recusou minha ajuda e fugiu. Desde então venho procurando por eles, e amigos nos quais confio vêm perguntando discretamente no Mercado das Sombras. No ano em que a encontrei lá, Lily, eu estava procurando por Ragnor Fell, para descobrir o que ele poderia me contar. Quero saber por que estão sendo caçados, para poder ajudá-los. Quem quer que sejam seus inimigos, também são meus.

Porque os Carstairs devem aos Herondale.

— Também perguntei no Labirinto Espiral — disse Tessa. — Mas nunca ouviram nada. Até que de repente soubemos que alguém estava contando histórias para crianças sobre esse Mercado, histórias de amor, vingança e tristeza. Ouvimos um sussurro do nome Herondale.

Ela disse com muita suavidade o nome que um dia foi seu. Alec saltou como se alguém tivesse gritado ao seu ouvido.

Nem Jem nem Tessa mencionaram Catarina Loss, que tinha levado o primeiro Herondale perdido para longe e o criado em terras estranhas. Esse segredo não era deles. Jem confiava em Alec, mas ele ainda era um Caçador de Sombras, e seu pai era o Inquisidor. Jem e Tessa conheciam bem a sentença que a Lei aplicaria a Catarina pelo seu gesto de amor e misericórdia.

— Vou perguntar a Julieta — afirmou Alec. — Vou descobrir o que puder. Não volto para casa até ter ajudado.

— Obrigado — agradeceu Jem.

— Agora Rafael tem que dormir — declarou Alec.

— Temos um quarto ótimo para você — disse Tessa ao menino em espanhol, de forma suave e encorajadora. Rafael negou com a cabeça. — Prefere não ficar sozinho? — perguntou Tessa. — Também não tem problema. Você pode dormir comigo e com Jem.

Quando Tessa esticou as mãos, Rafael virou o rosto para o braço de Alec e gritou. Tessa recuou com o berro revoltado. O Caçador de Sombras automaticamente abraçou o menino.

— Lily fica vulnerável durante o dia — informou Alec. — Prefiro ficar com ela. Você ficaria bem em um quarto sem janela, Rafael?

Lily traduziu. Rafael assentiu enfaticamente.

Jem mostrou onde era. Na porta do quarto, pegou Alec pelo braço antes que ele pudesse seguir Lily e Rafael.

— Agradeço muito — disse Jem. — De verdade. Por favor, não conte a Jace ainda.

Jem ainda pensava em Jace, aquela criança feroz e incontrolável que havia encontrado em um mar escuro, e o jovem ardendo em fogo celestial. Imaginou centenas de cenários em que teria sido alguém melhor para ele. Se tivesse sido Jem o Irmão do Silêncio responsável por Jace depois que seu pai o abandonara, se tivesse passado mais tempo com ele, se Jace fosse um pouco mais velho, da idade de Will quando Jem o conheceu... talvez Jem tivesse sabido.

Mas o que poderia ter feito por Jace, mesmo que soubesse?

— Não quero que Jace pense que tem familiares que jamais conhecerá em algum lugar — explicou Jem. — Sangue não é amor, mas oferece uma chance para tal. Ele nunca teve a chance de conhecer Céline Montclair nem Stephen Herondale. Não quero que ele pense que está perdendo mais uma chance.

Jace estava feliz em Nova York, embora Jem não tivesse ajudado nisso. Ele tinha o seu amor, seu *parabatai* e seu Instituto. Se Jem não pudesse ajudá-lo, pelo menos não queria machucá-lo.

Jem ainda pensava em Céline Montclair, também. Se não fosse um Irmão do Silêncio, com seu coração se transformando em pedra no peito, talvez tivesse entendido o tamanho da encrenca em que ela estava metida. Talvez pudesse ter encontrado uma maneira de ajudá-la.

Ele não chamava Céline de mãe de Jace pois já tinha visto como o garoto olhava para Maryse Lightwood. Maryse era a mãe de Jace.

Há muitos anos, quando Jem ainda era uma criança, seu tio Elias tinha ido até o Instituto de Londres e oferecido levá-lo. “Afim”, ele disse, “somos família”.

— Você deve ir — disse Will enfurecido. — Não ligo.

Will bateu a porta ao sair, declarando que estava partindo em uma aventura selvagem. Depois que Elias foi embora, Jem viu que o *parabatai* estava sentado no escuro na sala de música, olhando para seu violino. Ele sentou no chão ao lado de Will.

— Suplique para que eu não o deixe, idiota — disse Jem, e Will deitou a cabeça em seu ombro. Ele sentiu Will tremendo com o esforço para não rir e nem chorar, e soube que queria fazer as duas coisas.

Sangue não era amor.

Mas Jem não se esquecia de que Céline nunca teve a chance de ser a mãe de Jace. A vida era cheia de corações partidos e chances perdidas, mas Jem podia tentar reparar um pouco do mal que o mundo fizera a Céline. Ele podia fazer o que estivesse ao seu alcance por Jace.

Alec estava olhando fixamente para Jem.

— Não contarei a Jace — disse ele. — Ainda não. Não se você contar em breve.

— Espero contar — respondeu Jem.

— Posso perguntar uma coisa? — pediu Alec subitamente. — O Instituto de Buenos Aires é corrupto e a Paz Fria enfraquece nossos laços com o Submundo. Você poderia fazer muitas coisas boas se estivesse conosco. Por que deixou de ser Caçador de Sombras?

— Estou com vocês — disse Jem. — Preciso ser Caçador de Sombras para isso?

— Não — respondeu Alec. — Mas não entendo: por que não quer mais?

— Não entende? — repetiu Jem. — Você tem um *parabatai*. Eu também tive um. Consegue se imaginar lutando sem ele?

Alec estava se segurando à porta e, enquanto Jem observava, suas juntas embranqueceram.

— Eu tenho Tessa, então tenho mais alegria todos os dias do que alguns em toda a vida. Muito mais do que mereço. Vi o mundo com minha mulher ao meu lado, e temos tarefas que tornam nossas vidas significativas. Todos temos diferentes maneiras de servir. Ela tem os segredos do Labirinto Espiral, e eu, os dos Irmãos do Silêncio. Juntamos nossos conhecimentos e salvamos vidas que acredito que não poderiam ter sido salvas de nenhum outro jeito. Eu quero ajudar, e vou. Mas não como Caçador de Sombras. Nunca mais serei um.

Alec olhou para Jem, aqueles olhos azuis arregalados e tristes. Ele parecia Will, mas não era Will, assim como Jace também não. Nenhum deles jamais seria Will.

— Quando se luta, deve fazê-lo com todo o coração — falou Jem suavemente. — Não tenho mais disposição para a vida entre os Nephilim, para essa luta em particular. Uma parte muito grande do meu coração está enterrada.

— Sinto muito — falou Alec, sem jeito. — Eu entendo.

— Não há o que sentir — respondeu Jem.

Ele voltou para o quarto onde Tessa o esperava com um livro aberto no colo. A feiticeira levantou os olhos quando ele entrou e sorriu. Não havia no mundo nenhum sorriso como o dela.

— Tudo bem? — perguntou.

— Sim — confirmou Jem, encarando-a.

Tessa fechou o livro e esticou os braços para ele. Estava ajoelhada na cama, enquanto Jem permanecia de pé ao seu lado. O mundo estava cheio de oportunidades perdidas e corações partidos, mas havia Tessa.

Ela o beijou, e Jem a sentiu sorrir em sua boca.

— Irmão Gostozach — murmurou. — Vem aqui.

#

O quarto podia não ter janelas, mas tinha um vaso marrom cheio de flores vermelhas sobre a mesa e duas camas brancas de solteiro. Lily tinha jogado sua jaqueta de couro sobre a cama mais próxima da parede.

Rafael estava sentado na outra cama, revirando um objeto metálico em suas mãos, pensativo. Alec de repente entendeu por que ele tinha concordado em ser carregado.

— O que tem aí, querido? — perguntou Lily quando Alec entrou.

— O que ele tem é meu telefone — respondeu Alec. — Que ele *roubou*.

Nas mãos de Rafael, o telefone de Alec vibrou. O Caçador de Sombras se esticou para pegá-lo, mas Rafael o tirou casualmente do seu alcance. Ele não parecia muito preocupado com o fato de que Alec tentou pegá-lo. Estava olhando para o aparelho.

Alec se aproximou mais para tentar recuperar o telefone, e então parou, pego de surpresa. Enquanto Rafael examinava o celular, a linha séria da sua boca tremeu, e em seguida se curvou lentamente em um sorriso. O sorriso, lento, caloroso e doce, alterava todo o seu rosto.

A mão de Alec caiu. Rafael de repente se virou para ele com uma expressão alegre e fez uma pergunta. Até sua voz soava diferente quando ele estava feliz.

— Não te entendo — disse Alec, desamparado.

Rafael acenou o telefone na cara de Alec para ilustrar sua pergunta. Alec olhou para a tela e continuou olhando. Ele tinha ficado com uma sensação horrorosa no peito desde que percebera o que os Caçadores de Sombras poderiam estar fazendo ali, mas agora o mundo parecia novamente no lugar.

Magnus tinha mandado uma foto com a legenda *Pássaro azul e eu de volta ao lar após uma missão selvagem e perigosa com um balanço*.

Magnus estava apoiado na porta da frente da casa deles. Max estava rindo, cheio de covinhas, como fazia sempre que Magnus o entretinha com magia. Havia luzes azuis e douradas em volta deles e enormes bolhas iridescentes que também pareciam feitas de luz. Magnus estava com um sorriso pequeno no rosto e com as pontas pretas dos cabelos cobertas por laços radiantes de magia.

Depois da sua primeira missão, quando Max era um bebê, Alec tinha pedido que Magnus enviasse fotos sempre que ele estivesse fora. Para que se lembrasse de por que lutava.

Lily limpou a garganta.

— O garoto perguntou quem é esse homem legal.

— Ah! — exclamou Alec, ajoelhando-se perto da cama. — Ah, esse... esse é Magnus. O nome dele é Magnus Bane. Ele é meu... eu sou o... nós vamos nos casar.

Um dia se casariam.

Alec não sabia ao certo por que parecia importante contar para esse menino.

Lily traduziu. Rafael olhou do telefone para o rosto de Alec, e depois para o telefone outra vez, franzindo o cenho claramente surpreso. Alec esperou. Ele já tinha ouvido crianças dizendo coisas terríveis antes. Adultos envenenavam suas mentes, e o veneno escorria de suas bocas.

Lily riu.

— Ele perguntou — relatou ela com uma alegria profana —, “o que esse homem legal está fazendo com você?”.

— Rafael, devolva meu telefone — falou Alec.

— Deixe ficar um pouco com ele, Rafael já vai dormir — falou Lily, que era uma das culpadas por Max ser mimado.

Alec olhou para ela e percebeu que Lily estava com um olhar estranhamente sério.

— Vem até aqui um minuto — disse. — Prometi contar por que não queria que você chegasse perto daquela fada no Mercado das Sombras. Tenho uma história que acho que pode ajudar Jem e quero que você ouça. Não quero contar a ninguém além de você.

Alec deixou Rafael ficar com o telefone. Em troca, Rafael deixou que Alec o cobrisse na cama. O Caçador de Sombras pegou a cadeira perto da porta e a colocou ao lado da cama de Lily. Esperaram até que os olhos de Rafael se fechassem, com o telefone ao seu lado no travesseiro.

Lily examinou o travesseiro listrado em sua própria cama como se ele fosse fascinante.

— Está com fome? — perguntou Alec afinal. — Se você... precisar de sangue, pode pegar do meu.

Lily levantou o olhar, com o rosto espantado.

— Não. Não quero isso. Você não é para isso.

Alec tentou não demonstrar o quanto estava aliviado. Lily olhou para o travesseiro e ajeitou os

ombros.

— Você se lembra de quando me perguntou se eu era cria do jazz e eu disse para me chamar de *a* cria do jazz?

— Vou continuar não chamando.

— Ainda acho que deveria — argumentou Lily. — Mas isso... não é o que estou querendo dizer. A década de 1920 foi a minha favorita, mas... eu talvez o tenha enganado em relação a minha idade. — Sorriu. — É o direito de toda moça.

— Certo — disse Alec, sem saber ao certo o objetivo daquela conversa. — Então, quantos anos você tem?

— Eu nasci em 1885 — contou Lily. — Eu acho. Minha mãe era uma camponesa japonesa e foi... vendida para o meu pai, um mercador chinês rico.

— Vendida! — disse Alec. — Isso não é...

— Não era legal — interrompeu Lily, a voz dura. — Mas aconteceu. Viveram juntos por alguns anos em Hong Kong, onde ele trabalhava. Nasci lá. Minha mãe achou que meu pai fosse nos levar para casa com ele. Ela me ensinou a falar como ele gostaria, me vestir como ele gostaria, como uma dama chinesa. Ela o amava. Mas ele se cansou dela. Meu pai foi embora e, antes de ir, nos vendeu. Cresci em um lugar chamado Casa da Eterna Pérola.

Ela levantou o olhar do travesseiro.

— Não preciso dizer, preciso? — perguntou. — Que tipo de lugar era, onde mulheres eram vendidas e homens entravam e saíam?

— Lily. — Alec respirou horrorizado.

Lily balançou sua cabeça preta e rosa desafiadoramente.

— Chamavam de Casa da Eterna Pérola porque... alguns homens querem que as mulheres sejam jovens e belas para sempre. Pérolas são criadas a partir de um centro de sujeira que não pode ser lavado. Na adega sem janelas, no coração daquela casa, havia mulheres acorrentadas. Aquelas mulheres eram frias e adoráveis para sempre. Jamais envelheceriam e fariam qualquer coisa por sangue. Eram para os homens mais ricos, conseguiam os preços mais altos, e tinham que ser alimentadas. Minha mãe envelheceu demais, então foi dada como alimento às vampiras. E naquela noite eu descí e fiz um acordo com uma delas. Prometi que se ela me transformasse, eu livraria a todas nós. Ela cumpriu com a parte dela, mas eu não cumpri com a minha. — Lily examinou o bico de suas botas pontudas. — Acordei e matei um monte de gente. Não quero dizer que bebi de alguém, embora também tenha feito isso. Incendiei o local. Ninguém saiu, nem os homens nem as mulheres. Ninguém além de mim. Eu não me importei com ninguém além de mim mesma.

Alec se aproximou com sua cadeira, mas Lily colocou os pés na cama, encolhendo-se ao máximo.

— Ninguém sabe disso tudo — disse ela. — Algumas pessoas sabem um pouco. Magnus sabe que não fui feita na década de 1920, mas percebeu que eu não queria contar. Ele jamais perguntou sobre nenhum dos meus segredos.

— Não — disse Alec. — Ele jamais faria isso.

Magnus sabia tudo sobre segredos doídos. Alec aprendeu.

— Raphael subornou alguém para descobrir — disse Lily. — Não sei quem, nem quanto pagou. Ele poderia ter me perguntado, mas ele não era assim. Só soube que Raphael sabia porque ele foi doce comigo por algumas noites. Do jeito dele. Nunca conversamos sobre isso. Nunca contei para ninguém. Até você.

— Não vou contar para ninguém — prometeu Alec.

O canto da boca de Lily se ergueu.

— Sei que não vai, Alec.

Alguma tensão deixou os ombros magros dela.

— Conte para que você entenda o que aconteceu depois — disse. — Eu não podia ficar em Hong Kong. Fui para Londres, acho que em 1903, e conheci *Caçadores de Sombras* pela primeira vez.

— Caçadores de Sombras! — exclamou Alec.

Ele entendia por que às vezes os membros do Submundo diziam o termo com aquela entonação. Ele já não conseguia suportar o que tinha acontecido com Lily. Não queria ouvir sobre Caçadores de Sombras fazendo pior com sua amiga.

Mas Lily estava sorrindo agora, de leve.

— Notei uma em particular, uma menina com cabelos da cor de sangue nas sombras. Eu mal sabia o que eram Caçadores de Sombras, mas ela era corajosa e gentil. Ela protegia as pessoas. Seu nome era Cordelia Carstairs. Comecei a perguntar sobre Caçadores de Sombras para os outros. Soube de uma fada que os desprezava, especialmente uma família em particular. Nós a vimos no Mercado das Sombras hoje. Diga a Jem para perguntar para a mulher com cabelos de dente-de-leão sobre os Herondale. Ela sabe de alguma coisa.

Lily se calou. Alec sabia que tinha que dizer alguma coisa, mas não sabia como.

— Obrigado, Lily — falou, afinal. — Não pela informação. Obrigado por me contar.

Lily sorriu, como se não achasse tolice o que Alec tinha acabado de falar.

— Depois de Londres, segui viagem e conheci Camille Belcourt na Rússia. Camille era divertida. Ela era alegre, impiedosa e difícil de machucar. Eu queria ser como ela. Quando Camille viajou para Nova York e se tornou líder do clã de vampiros de lá, eu fui com ela.

Lily abaixou a cabeça. Após um longo momento imersa em lembranças, ela levantou o olhar.

— Quer saber uma coisa tola? Quando Camille e eu chegamos a Nova York, após a Grande Guerra — contou alegremente —, eu procurei por Caçadores de Sombras. Não foi uma burrice? A maioria dos Caçadores de Sombras não é como você, Jem ou Cordelia. Encontrei alguns Nephilim que deixaram bem claro que guerreiros angelicais não tinham sido enviados para proteger uma criatura como eu. Eu não me importava com ninguém, e ninguém se importava comigo, e foi assim durante muitas décadas. Foi bem divertido.

— Foi? — perguntou Alec.

Ele manteve sua voz neutra. Lily parecia tão alegre.

— Os anos 1920 em Nova York foram a melhor época para todos nós, quando o mundo parecia tão frenético quanto os vampiros. Anos mais tarde Camille continuava tentando replicar a década, e eu também, mas até eu achava que Camille ia longe demais às vezes. Ela tinha um vazio em si que sempre tentava preencher. Permitia que seus vampiros fizessem de tudo. Uma

vez, nos anos 1950, ela permitiu que um vampiro muito velho, Louis Karnstein, ficasse no hotel. Ele caçava crianças. Eu o achava nojento, mas não me importava muito. Àquela altura, eu era muito boa em não me importar.

Lily deu de ombros e riu. O som não foi convincente.

— Talvez eu torcesse para que os Caçadores de Sombras aparecessem, mas não apareceram. Em vez disso, outras pessoas apareceram. Um grupo de meninos mundanos que queriam defender sua rua dos monstros. Todos morreram, exceto um. Ele sempre cumpria o que se comprometia a fazer. Ele matou o monstro. Era o meu Raphael.

Lily acariciou a jaqueta de couro que estava amontoada na cama.

— Antes de matar o monstro, Raphael foi transformado em vampiro. Seu Magnus Bane ajudou Raphael, mas eu não. Ele poderia ter morrido, e eu nem teria sabido. Conheci Raphael depois. Ele veio até nosso bando quando estávamos nos alimentando em um beco e nos passou um sermão horroroso. Ele foi tão solene que eu o achei engraçado. Não o levei nem um pouco a sério. Mas quando Raphael foi morar no hotel, fiquei feliz. Porque, afinal, parecia mais divertido. Quem não quer mais diversão? Não havia mais nada no mundo.

Magnus já tinha contado essa história para Alec, apesar de o feiticeiro jamais ter se colocado como o salvador de ninguém. Era estranho ouvir de Lily, e ainda mais estranho por saber como a história terminava.

— Raphael pediu mais segurança no hotel no segundo dia morando lá. Argumentou que um grupo de meninos mundanos tinha conseguido entrar e matar um dos nossos. Camille riu dele. E aí fomos atacados por um bando rebelde de lobisomens e as medidas de segurança de Raphael foram postas em prática. Guardas foram colocados, e Raphael sempre assumia seu turno na segurança do hotel, mesmo depois de ser apontado como vice-líder e não precisar mais. Ele assumiu o primeiro turno na primeira noite. Eu lembro dele me mostrando a planta do hotel, cada ponto fraco, as maneiras que ele tinha elaborado para nos defendermos melhor. Raphael arrumou tudo, apesar de estar conosco há menos de uma semana. Ele saiu para assumir seu posto e, enquanto ia, me disse “durma, Lily. Eu fico de olho nas portas”. Eu nunca tinha dormido em paz antes daquela noite. Eu não sabia como descansar e confiar que estava segura. Naquele dia, dormi como nunca.

Lily encarou o vaso de flores, vermelhas como sangue de vampiro. Alec não achava que ela as estivesse enxergando.

— Depois descobrimos que Raphael tinha contratado os lobisomens para nos atacarem para que implementássemos as medidas de segurança que ele queria — acrescentou Lily em tom pragmático. — Ele estava muito determinado a fazer as coisas do jeito dele. Além disso, era um verdadeiro babaca.

— Para mim isso é claro — concordou Alec.

Lily riu novamente. Ela se levantou da cama, pegando o ombro de Alec por um instante enquanto passava, e depois começou a andar de um lado para o outro como se o quarto fosse uma jaula.

— Raphael esteve sempre presente a partir de então. Camille de vez em quando o demovia do cargo de vice, para irritá-lo. Não importava. Ele jamais hesitou, independente do que qualquer

um fizesse. Achei que fosse ficar conosco para sempre. E aí ele foi levado. Eu disse a mim mesma para aguentar firme, formar uma aliança com os licantropes, me segurar contra a loucura. Só até Raphael voltar. Só que ele nunca voltou.

Lily passou a mão sobre os olhos. Ela foi para o lado da cama de Rafael, passando a mão suja de lágrimas suavemente em seus cabelos cacheados.

— Bem — disse ela. — Fui feliz por cinquenta e quatro anos. É mais do que a maioria das pessoas consegue. Agora tenho o clã para cuidar, como Raphael gostaria que eu fizesse. Na noite em que soubemos que ele tinha morrido, e em todas as noites desde então, fico de olho nos meus vampiros na casa que ele protegia. Observo mundanos nas ruas que ele amava. Cada um deles parece uma criança que eu preciso ajudar, uma possibilidade de um futuro que eu não conseguia imaginar. Cada um parece precioso, parece valer ser defendido, parece valer o mundo. Cada um deles é Raphael.

A criança se mexeu, como se estivesse sendo chamada. Lily retirou a mão.

Era dia, após uma longa noite.

Alec se levantou e guiou-a, com uma mão em seu ombro trêmulo, até a cama. Ele a cobriu com o lençol como se ela fosse Rafael. Em seguida posicionou a cadeira entre as camas e a entrada, e assumiu seu lugar ali.

— Durma, Lily — disse Alec gentilmente. — Eu fico de olho nas portas.

#

Alec não descansou bem. Sua mente estava revirando com pensamentos sobre a história de Lily, a corrupção do Instituto de Buenos Aires, Herondales perdidos, lobisomens e a jornada de Jem e Tessa.

Ele estava acostumado a acordar em lençóis escuros de seda e braços fortes. Estava com saudade de casa.

Rafael dormiu bastante, sem se mexer até a tarde. Alec desconfiava que os órfãos do Mercado das Sombras tinham desenvolvido hábitos noturnos. Quando o menino acordou, Alec o levou até o quintal, onde se sentou contrariado para comer uma barra de cereal. O Caçador de Sombras achou que ele estivesse irritado porque tinha pegado de volta o telefone.

— Alguém já te deu algum apelido? — perguntou. — As pessoas te chamam de Rafe?

Rafael o olhou impassível. Alec temeu não ter transmitido o recado.

— *Rafa* — disse, afinal.

Ele acabou uma barra de cereal e esticou a mão para ganhar outra. Alec deu para ele.

— Rafa? — tentou Alec. — Quer que o chame assim? Você está entendendo alguma coisa do que digo? Desculpe por não saber falar espanhol.

Rafael fez uma careta, como se quisesse dizer o que pensava sobre ser chamado de Rafa.

— Tudo bem — disse Alec. — Não vou chamá-lo assim. Só Rafael, então?

O menino lançou um olhar nada impressionado a Alec. *Lá vai esse bobalhão outra vez, sua expressão sugeria, falando comigo quando não entendo nada.*

Jem e Tessa se juntaram a eles no quintal, prontos para serem levados por Rafael até a casa

que ele tinha visto.

— Eu fico e cuido de Lily — disse Tessa, lendo os pensamentos de Alec. — Não se preocupe com ela. Coloquei barreiras protetoras... e se alguém vier, eu dou conta.

Ela fez um pequeno gesto. Magia cinza brilhante, como o brilho de luz na água do rio ou o lampejo de pérolas na sombra, enrolaram-se em seus dedos. Alec sorriu em gratidão para Tessa. Até ter certeza do que estava acontecendo com esse feiticeiro e esses Caçadores de Sombras, ele não queria deixar ninguém desprotegido.

— E também não se preocupe comigo — disse Tessa a Jem, passando seus dedos mágicos pelos cabelos pretos e cinza dele, puxando-o para um beijo de despedida.

— Não me preocupo — disse Jem a ela. — Sei que minha mulher sabe cuidar de si.

Minha mulher, Jem disse, sua voz soando casual e alegre pela posse mútua: o acordo entre eles realizado diante de todos que amavam.

Alec tinha ouvido um poema lido em casamentos: *meu verdadeiro amor tem o meu coração, e eu tenho o dele. Jamais foi feito acordo mais justo*. Um amor que era permanente aos olhos de todo o mundo, exigindo respeito, destacando o conhecimento que Alec tinha toda manhã ao acordar. Mais ninguém para mim, até o dia em que eu morrer, e todos sabendo disso. Jem e Tessa tinham esse amor, assim como Helen e Aline. Mas um Caçador de Sombras não podia se casar com um integrante do Submundo em dourado. Um Caçador de Sombras não podia receber uma Marca de casamento por alguém do Submundo, e ele não ofenderia Magnus com uma cerimônia que os Nephilim não consideravam. Ele e Magnus concordaram em esperar até que a Lei mudasse.

Alec não conseguia conter uma pontinha de inveja.

Seu telefone vibrou no bolso, e Rafael ficou atento. Magnus tinha mandado uma foto de Max dormindo, usando Presidente Miau como travesseiro. Rafael olhou, claramente decepcionado por Magnus não estar na foto.

O próprio Alec também estava ligeiramente decepcionado por isso.

A tarde estava quente, e as ruas, praticamente desertas. A casa onde o feiticeiro morava ficava depois de diversas ruas sinuosas, algumas de paralelepípedos e outras de terra. A maioria das casas eram pequenas, pintadas de amarelo ou de vermelho tijolo e branco, mas a casa do feiticeiro que Rafael apontou era uma enorme construção cinza no fim da rua. Uma figura se aproximava da porta — um Caçador de Sombras. Alec e Jem trocaram um olhar sombrio. O primeiro o reconheceu como um dos homens de Breakspear do Instituto. Ele levou Jem e Rafael para um beco.

— Fique com Jem um minuto — pediu a Rafael, e lançou um gancho no telhado de uma casa vizinha.

Alec escalou e percorreu as telhas escorregadias até estar diante da casa cinza. Havia grades nas janelas e os feitiços que Magnus havia colocado no anel permitiam que ele sentisse as barreiras protetoras com grande precisão. O lugar era extremamente protegido. Alec agachou atrás de uma chaminé e rapidamente desenhou símbolos de Clareza e Atenção em seus braços.

Com as habilidades potencializadas, ele conseguia ouvir ruídos vindos de trás das paredes. Havia muitas pessoas naquela casa. Pés se movimentando, conversas abafadas. Alec conseguiu

identificar algumas palavras.

— ... próxima entrega de Breakspear será hoje à meia-noite...

Ele escutou outro barulho e virou para ver Rafael e Jem vindo em sua direção no telhado.

Jem ofereceu um pequeno sorriso sem graça.

— Ele escapou de mim e subiu em um cano.

Jem estava logo atrás de Rafael, claramente nervoso quanto a tocá-lo. Alec entendeu como Rafael conseguiu escapar.

— Consegue sentir essas barreiras protetoras? — perguntou Alec, e Jem assentiu. Ele sabia que Tessa tinha ensinado ao esposo maneiras de utilizar e identificar magia, apesar de ele não ter mais o poder de um Irmão do Silêncio ou de um Caçador de Sombras. — Acha que Tessa dá conta delas?

— Tessa dá conta de qualquer coisa — respondeu Jem, orgulhoso.

— Eu disse para ficar lá embaixo com Jem — Alec repreendeu Rafael.

O menino lançou a ele um olhar que era ao mesmo tempo incompreensível e ofensivo, e em seguida suas botas grandes escorregaram no telhado. Jem o segurou antes que ele desabasse sobre a telha e o ajeitou. Se Rafael continuasse andando assim, ia ralar os joelhos.

— Tem que andar de outro jeito em telhado — disse Alec a ele. Deu a mão para o garoto, mostrando como fazer. — Assim, porque escorrega. Faça como eu.

Era estranhamente bom, ensinar essas coisas para uma criança. Ele tinha muitos planos de ensinar isso ao irmão quando ficasse mais velho, mas ele não viveu o suficiente para ficar mais velho.

— Quando você vai dar um neto de verdade aos seus pais? — Ouvira Irina Cartwright perguntar a Isabelle após uma reunião da Clave.

— Pelo Anjo — respondera a irmã de Alec. — Max é imaginário?

Irina pausou e em seguida riu.

— Uma criança Caçadora de Sombras, para ensinar nossos costumes. Ninguém daria um filho Caçador de Sombras a essa gente. Imagine um feiticeiro criando um dos nossos! E aquele tipo de comportamento. Crianças ficam muito impressionadas. Não seria certo.

Isabelle alcançou seu chicote. Alec arrastou a irmã para trás.

— Vocês Lightwood são descontrolados e loucos — murmurou Irina.

Jace tinha aparecido ao lado de Alec e Isabelle e oferecido um sorriso radiante.

— Sim, somos.

Alec tinha dito a si mesmo que estava tudo bem. Às vezes, quando se preocupava muito com seus amigos, era reconfortante pensar que tanto Magnus quanto Max eram feiticeiros. Eles não precisavam combater demônios.

Rafael imitou com precisão a forma de andar de Alec. Ele seria muito bom um dia, Alec pensou. Quem quer que o criasse teria orgulho.

— Muito bem, Rafe — incentivou. O apelido escapou, ele não tinha a intenção de usá-lo, mas Rafael olhou para ele e sorriu. Eles se calaram, agachando enquanto o Caçador de Sombras deixava a casa do feiticeiro. Jem ergueu as sobancelhas para Alec, que balançou a cabeça.

Depois que o homem se foi, eles ajudaram Rafe a descer.

— Fico imaginando até onde vai a corrupção nesse Instituto — falou Jem calmamente.

— Em breve saberemos — disse Alec. — Ouvi aquele mercenário dizer que “a próxima entrega de Breakspear será hoje à meia-noite”. Se ele estiver entregando mulheres, precisamos salvá-las e conter os Caçadores de Sombras, bem como o feiticeiro. Precisamos pegá-los de uma vez, e está cheio de gente do lado de dentro. Não sabemos quantos podem ser prisioneiros, quantos são guardas. Precisamos de reforços, e tem alguém com quem quero conversar sobre isso antes de voltarmos para Tessa e Lily. Tenho que acreditar que nem todos os Caçadores de Sombras dessa cidade são traidores.

Jem assentiu. Ao deixarem o beco, Alec descreveu a fada que ele e Lily tinham visto, o rosto branco e os cabelos de dente-de-leão.

— Lily disse que ela pode ter informações sobre a família que procura.

A expressão de Jem ficou sombria.

— Eu já a encontrei antes. Saberei quem é quando a vir no Mercado. E vou me certificar de que ela fale — Seu rosto ficou frio e severo por um instante. Então ele olhou para Alec. — Como está Lily?

— Hum. — Alec tentou descobrir se tinha deixado algo que não devia escapar.

— Você se preocupa com sua amiga — disse Jem. — Talvez se preocupe mais ainda porque os sentimentos dela o fazem pensar em como Magnus vai se sentir um dia. — Os olhos de Jem eram tão escuros quanto a Cidade do Silêncio, e tão tristes quanto. — Eu sei.

O próprio Alec não teria conseguido colocar nada disso em palavras. Havia apenas a sombra sem nome no rosto de Magnus às vezes, o eco da velha solidão, o desejo de Alec de sempre protegê-lo e a consciência de que não poderia.

— Você foi quase imortal. Tem algum jeito de tornar... mais fácil?

— Vivi muito tempo — concordou Jem. — Mas vivi em uma jaula de ossos e silêncio, sentindo meu coração se transformar em cinzas. Não consigo explicar como foi.

Alec pensou em sua infância no Instituto, esmagado sob o peso das expectativas de seu pai, tentando ensinar a si mesmo a não olhar, não falar, não ousar tentar e ser feliz.

— Talvez eu saiba — disse ele. — Não... totalmente. Não por cem anos, obviamente. Mas... talvez um pouco.

Alec se preocupou com a possibilidade de estar tirando conclusões precipitadas, mas Jem sorriu como se entendesse.

— É diferente, para a minha Tessa e o seu Magnus. Eles nasceram como são, e os amamos assim. Eles vivem para sempre em um mundo que muda, e ainda têm coragem de achá-lo lindo. Todos queremos proteger nossos amados contra qualquer perigo ou tristeza — disse. — Mas também temos que confiar neles. Temos que acreditar que terão força para continuar vivendo e que voltarão a sorrir. Tememos por eles, mas devemos acreditar neles além do medo.

Alec abaixou a cabeça.

— Eu acredito.

A um quarto de Instituto de Buenos Aires, o telefone de Alec vibrou outra vez. Clary tinha mandado uma mensagem.

Há alguns meses, eles tinham deixado Max com Maryse e saído para passear. A antiga banda

de Simon ia tocar no Pandemônio e ele havia aceitado substituir o baixista desaparecido, como fazia ocasionalmente. Alec, Magnus, Jace, Clary e Isabelle foram assistir. O amigo de Simon, Eric, tinha feito uma música chamada “Meu Coração É Um Melão Maduro Demais Explodindo Por Você” e era a pior música do mundo.

Alec não gostava de dançar, a não ser que fosse com Magnus. Mesmo assim, ele preferia que a música não fosse péssima. Magnus, Jace e Isabelle foram para a pista, os pontos mais brilhantes da multidão. Alec curtiu ver Magnus por um tempo, com o queixo apoiado nas mãos. Depois se cansou da agressão aos ouvidos. Captou o olhar de Clary. Ela estava sentada na cadeira, apenas fazendo caretas ocasionais.

— Até que é legal — disse Clary a ele, acenando bravamente com a cabeça.

— É horrível — retrucou Alec. — Vamos comer tacos.

Simon tinha acabado de descer do palco quando eles voltaram, bebendo água e perguntando a todos o que tinham achado do set.

— Você estava muito sexy lá — dizia Isabelle, provocando Simon enquanto Alec e Clary chegavam.

Simon abriu um sorriso torto.

— Sério?

— Não. — disse Jace.

— Você foi ótimo! — exclamou Clary, indo até Simon. — Uau, não sei que outra palavra poderia usar. Você foi ótimo. A banda foi ótima.

Clary era uma verdadeira e nobre *parabatai*, mas Simon era esperto e a conhecia há muito tempo. Seus olhos foram do rosto culpado de Clary para o de Alec.

— Vocês foram comer tacos *de novo*? — lamentou Simon.

Alec sorriu.

— Estavam deliciosos.

Ele foi até Magnus, deslizando um braço por sua cintura. Como tinham ido a uma boate, Magnus havia passado purpurina prateada sob seus olhos dourados, e parecia brilhar como as estrelas e o luar.

— Sei que você estava dançando — falou Alec ao ouvido dele —, mas a banda estava péssima, certo?

— Consigo dançar com qualquer coisa — murmurou Magnus de volta —, mas vi Mozart tocar pessoalmente. E também os Sex Pistols em sua melhor fase. Posso confirmar que a banda do Simon é horrível.

Os amigos e a família de Alec estavam reunidos em torno dele, e foi um daqueles momentos em que se lembrou da solidão desesperadora de quando era mais novo, dividido entre o medo do que talvez jamais tivesse e o que poderia perder. Alec segurou Magnus mais firme e sentiu uma explosão incrédula de alegria no peito por poder ter tudo aquilo.

— Tacos de novo na próxima? — sussurrou Alec ao saírem, e Clary assentiu pelas costas de Simon.

Foi assim que Alec passou a amá-la, após passar tanto tempo não gostando dela no começo: nas maiores ou menores situações, Clary nunca decepcionava.

Ela não tinha decepcionado agora. Tinha enviado uma foto dizendo *Fomos aprisionados pelo Terrível Pirata Max!*, que Alec desconfiava se tratar de alguma piada que ele não entendeu.

Clary estava em um ângulo estranho quando tirou a selfie, mas dava para ver Magnus e Max bem. Magnus estava com uma cor azul brilhante na frente do cabelo. Max estava agarrando os cabelos azuis espetados de Magnus e os cachos ruivos de Clary, um com cada mão, parecendo muito satisfeito. Magnus estava rindo.

— Ah, veja — disse Alec suavemente, e mostrou a foto para Rafael.

O menino pegou o telefone e depois saiu saltitando para contemplar mais a foto.

Alec o deixou com o aparelho por um tempo. Ele e Jem pararam na porta do Instituto de Buenos Aires e, conforme Alec esperara, Joaquín estava guardando a porta outra vez. Ele cumprimentou Alec alegremente, depois olhou espantado para as cicatrizes claras de Jem.

— Você é o Irmão do Silêncio que o Fogo Celestial transformou? — perguntou ansioso. — O que...

— Fugiu e se casou com uma feiticeira, sim — respondeu Jem. Em algum lugar entre sua voz quieta e seu sorriso, havia uma pitada de desafio.

— Tenho certeza de que ela é legal — falou Joaquín apressadamente.

— Ela é — confirmou Alec.

— Não conheço muitos integrantes do Submundo — disse Joaquín, desculpando-se. — Apesar de ter conhecido a amiga de Alec ontem! Ela também pareceu... legal. Existem muitos integrantes do Submundo legais, tenho certeza! Só que não na nossa cidade. Dizem que a Rainha do Mercado das Sombras é uma tirana assustadora.

Alec pensou em Julieta com os filhos em volta.

— Não achei.

Joaquín o encarou com olhos arregalados.

— Mas aposto que você não tem medo de nada.

— De algumas coisas — respondeu Alec. — De fracassar. Você sabe que há algo de errado com seu Instituto, não sabe? Quero acreditar que você não faz parte disso, mas você deve saber que há algo de muito errado.

Joaquín evitou o olhar de Alec e, ao fazê-lo, viu Rafael pela primeira vez. O menino estava mais atrás, agarrado ao telefone de Alec.

— Aquele é o pequeno Rafael — reconheceu Joaquín.

Rafael piscou os olhos para ele e o corrigiu com sua voz pequena e teimosa:

— Rafe.

— Você o conhece? — perguntou Alec. — Então sabia que tinha uma criança Caçadora de Sombras vivendo no Mercado das Sombras. É dever dos Nephilim cuidar dos órfãos de guerra.

— Eu... — hesitou Joaquín. — Eu tentei. Mas ele não deixa ninguém chegar perto. Era como se não quisesse ajuda.

— Todo mundo quer ajuda — falou Alec.

Joaquín já estava ajoelhado, oferecendo a Rafael uma bala enrolada em papel brilhante. Rafe o encarou, depois avançou cuidadosamente, pegou a bala e recuou para trás das pernas de Alec.

Alec entendia o que era ser jovem e assustado, mas chegava uma hora em que era necessário

escolher ter coragem.

— Aqui está um endereço — disse ele, estendendo um pedaço de papel. — Se quiser realmente saber o que está acontecendo no seu Instituto, me encontre lá hoje à noite. Traga reforços, somente pessoas em quem você confia.

Joaquín não olhou nos olhos de Alec, mas pegou o papel. Alec se afastou com Jem e Rafael, cada um de um lado.

— Acha que ele vai? — perguntou Jem.

— Espero que sim. Temos que confiar nas pessoas, certo? Como você estava falando. Não só nas que amamos. Temos que acreditar nas pessoas, e temos que defendê-las. Tantas quantas pudermos, para que possamos ser mais fortes. — Ele engoliu em seco. — Tenho uma confissão a fazer. Eu... tenho inveja de você.

O rosto de Jem ficou genuinamente espantado. Em seguida ele sorriu.

— Eu também tenho um pouco de inveja de você.

— De mim? — perguntou Alec, admirado.

Jem apontou com a cabeça para Rafael, e depois para a foto de Magnus e Max nas mãos do menino.

— Tenho Tessa, então tenho o mundo. E amei percorrer tudo com ela. Mas há vezes em que penso sobre... um lugar que poderia ser minha casa. Meu *parabatai*. Uma criança.

Todas as coisas que Alec tinha. Ele se sentiu como na noite passada, colocando as botas de Rafael em seus pés surrados: arrasado, mas sabendo que essa não era a sua dor.

Ele hesitou.

— Você e Tessa não poderiam ter um filho?

— Eu jamais poderia pedir a ela — disse Jem. — Ela já teve filhos. Eram lindos, e já se foram. Crianças devem ser nossa imortalidade, mas e se você vive para sempre e seu filho não? Eu vi como ela teve que se afastar deles. Vi o que custou. Não vou pedir que sofra assim novamente.

Rafe levantou as mãos para ir no colo. Alec o pegou. Corações de feiticeiros batiam diferente, e Alec estava acostumado a ouvir o som dos de Magnus e Max, infinitamente firmes e reconfortantes. Era estranho segurar uma criança com batimentos cardíacos mortais, mas Alec estava se acostumando ao novo ritmo.

O sol da tarde queimava as paredes brancas da rua por onde andavam. As sombras eram longas atrás deles, mas a cidade continuava iluminada, e pela primeira vez Alec viu como ela poderia ser adorável.

Ocasionalmente Alec se desesperava, pensando que o mundo não podia mudar, ou mesmo que não podia mudar depressa o bastante. Ele não era imortal, nem queria ser, mas havia momentos em que temia não viver o bastante, não ter a chance de segurar as mãos de Magnus na frente de todos que amava e fazer uma promessa sagrada.

Nesses momentos havia uma imagem que Alec guardava contra a exaustão e a rendição, um lembrete para sempre continuar lutando.

Quando ele se fosse, quando virasse pó e cinzas, Magnus ainda estaria caminhando por esse mundo. Se o mundo mudasse para melhor, então esse futuro desconhecido seria melhor para Magnus. Alec podia imaginar que em um dia quente como o de hoje, em uma rua estranha de

uma terra estranha, Magnus veria algo de bom que o lembrasse de Alec, como se o mundo tivesse mudado porque Alec viveu nele. Ele não conseguia imaginar como seria esse mundo.

Mas conseguia imaginar, em um futuro distante, o rosto que mais amava.

#

Jem contou a Tessa o que viram e quem procurariam no Mercado das Sombras.

Lily viu o olhar de Jem para ela enquanto ele explicava.

— O que você está olhando, sanduíche de *Jemleia* e pasta de amendoim delicioso?

Tessa riu.

— Tenho mais apelidos — contou Lily a ela, encorajada. — Eu simplesmente tenho as ideias.

Quer ouvir?

— Na verdade, não — respondeu Jem.

— Definitivamente não! — disparou Alec.

— Sim! — exclamou Tessa. — Sim, quero muito!

Lily a entreteve com diversos apelidos pelo caminho até o Mercado das Sombras. A risada de Tessa era como música para Jem, mas ele ficou feliz quando chegaram ao Mercado, apesar de o lugar ser uma fortaleza de arame farpado e a porta ter sido fechada na cara deles na última tentativa.

A porta não foi fechada dessa vez.

Jem já estava acostumado a Mercados das Sombras a essa altura, após anos vasculhando por eles em busca de respostas sobre demônios e Herondales. Ele também estava acostumado a ser um pouco conspícuo entre os frequentadores do local.

Mas naquela noite estavam todos olhando para Alec e Lily. A Rainha do Mercado das Sombras, uma jovem um tanto digna e adorável, saiu das barracas para recebê-los pessoalmente. Alec a puxou de lado para contar sobre seus planos para a noite e pedir ajuda. A Rainha sorriu e concordou.

— Eles são da *Aliança*. — Ele ouviu um licantrope adolescente sussurrar para outro em tom impressionado.

Alec abaixou a cabeça e ficou de olho em Rafe. Ele parecia ligeiramente perturbado pela atenção.

Jem encontrou os olhos de Tessa e sorriu. Eles tinham visto mais de uma geração passar, brilhantes e esperançosas, mas Alec era algo novo.

O Caçador de Sombras parou para falar com uma fada adolescente.

— Rose, você viu uma mulher fada com cabelos de dente-de-leão no Mercado hoje?

— Você deve estar falando da Mãe Hawthorn — respondeu Rose. — Ela está sempre aqui. Costuma contar histórias para as crianças. Adora crianças. Detesta todo o resto. Se está procurando por ela, fique perto das crianças. Ela certamente vai aparecer.

Então foram em direção à fogueira onde a maioria das crianças estava reunida e uma fada tocava uma concertina. Jem sorriu ao ouvir a música.

Rafe agarrou a camisa de Alec e ficou olhando em volta com inveja. As outras crianças

pareciam intimidadas por sua carranca.

Uma feiticeira adolescente estava fazendo truques de magia, criando bonecos de sombras na fumaça do fogo. Até Rafe riu, e todo o mau humor desapareceu de seu rosto. Ele era só uma criança, apoiada em Alec, aprendendo a ser feliz.

— Ele acha que ela é muito boa — Lily traduziu o que Rafe dizia. — Ele gosta de magia, mas a maioria dos feiticeiros poderosos já foi embora há séculos. Ele quer saber se o homem legal sabe fazer isso.

Alec pegou o telefone e mostrou para Rafael um vídeo de Magnus e uma luz enfeitiçada.

— Olha, ela fica vermelha — disse Alec, e Rafe instantaneamente pegou o telefone. — Não, não se deve agarrar! Tem que parar de roubar. Preciso responder a mensagem de Magnus em algum momento, e não vou conseguir fazer isso se você continuar roubando meu telefone.

Alec olhou das iridescentes chamas saltitantes para Jem.

— Eu estava pensando se você poderia me dar um conselho, na verdade — pediu. — Quer dizer, você estava falando tudo aquilo mais cedo. Tipo... coisas românticas. Você sempre sabe o que dizer.

— Eu? — perguntou Jem, espantado. — Não, nunca pensei em mim como sendo muito bom com palavras. Eu gosto de música. É mais fácil expressar o que sentimos com música.

— Alec tem razão — concordou Tessa.

Jem piscou.

— Tem?

— Em alguns dos piores e mais sombrios tempos da minha vida, você sempre soube o que dizer para me confortar — revelou Tessa. — Tive um dos meus piores momentos quando éramos jovens, e nos conhecíamos há pouco tempo. Você veio até mim e disse palavras que carreguei comigo como se fossem luz. Foi uma das coisas que fizeram eu me apaixonar por você.

Ela levantou a mão para o rosto dele, seus dedos traçando as cicatrizes ali presentes. Jem deu um beijo no pulso dela.

— Se minhas palavras serviram de conforto, então empatamos — disse ele. — Sua voz é a música que mais amo no mundo.

— Viu isso — murmurou Alec sombriamente para Lily.

— A gente realmente ama um cara gato e eloquente — disse Lily.

Tessa se inclinou para perto de Jem e sussurrou, na língua que tinha aprendido para ele:

— *Wǒ ài nǐ.*

E naquele instante, olhando nos olhos dela, Jem viu um flash de movimento e em seguida uma quietude na escuridão. A fada com cabelos de dente-de-leão vinha em direção às crianças, empurrando seu carrinho cheio de venenos. Ela parou ao ver Jem. Ela o reconheceu, assim como ele a ela.

— Mãe Hawthorn — disse a feiticeira com quem Tessa havia conversado. — Você veio nos contar uma história?

— Sim — disse Jem. Ele se levantou e se aproximou da feiticeira. — Queremos ouvir uma história. Queremos ouvir por que você odeia os Herondale.

Os olhos de Mãe Hawthorn se arregalaram. Eles não tinham cor nem pupila, como se seus

globos oculares tivessem sido preenchidos por água. Por um instante, Jem pensou que ela fosse correr e se preparou para ir atrás. Tessa e Alec também estavam prontos para persegui-la. Jem esperou tempo demais para aguardar mais um instante sequer.

Então Mãe Hawthorn olhou para as crianças e encolheu os ombros magros.

— Ah, sim — disse ela. — Esperei mais de um século para me vangloriar de um truque. Suponho que não tenha importância agora. Deixe-me contar a história do Primeiro Herdeiro.

#

Encontraram uma fogueira solitária para ouvir um conto sombrio longe das crianças, exceto por Rafael, que tinha o rosto solene e permanecia em silêncio sob a curva protetora do braço de Alec. Jem se sentou com seus amigos e sua amada para ouvir. Luzes e sombras giravam em uma longa dança e, junto à estranha fogueira do Mercado das Sombras, uma velha mulher tecia um conto sobre a Terra das Fadas.

— As cortes Seelie e Unseelie sempre estiveram em guerra, mas há tempos de guerra que vestem a máscara da paz. Houve até um tempo em que o Rei da Corte Unseelie e a Rainha da Corte Seelie estabeleceram uma trégua secreta e realizaram uma união para selarem o acordo. Conceberam um filho juntos e concordaram que um dia a criança herdaria ambos os tronos Seelie e Unseelie e uniria todo o Reino das Fadas. O Rei queria que todos os seus filhos fossem criados como guerreiros impiedosos, e ele acreditava que esse Primeiro Herdeiro seria o melhor de todos. Considerando que a criança não teria mãe na Corte Unseelie, ele contratou os meus serviços, e me senti honrada. Sempre gostei de crianças. Já fui chamada de a grande mãe fada.

“O Rei da Corte Unseelie não esperava por uma filha, mas quando a criança nasceu, uma filha ela era. Ela me foi entregue em mãos na Corte Unseelie no dia em que veio ao mundo e, de lá até hoje, a luz dos seus olhos foi a única coisa que desejei.

“O Rei Unseelie ficou descontente com a filha e a Rainha Seelie se enfureceu por ele, mesmo descontente, não devolvê-la. Veio uma profecia de nossos adivinhos de que o dia em que o Primeiro Herdeiro buscasse seus plenos poderes, todo o Reino das Fadas sucumbiria sob a sombra. O Rei ficou furioso, e a Rainha, apavorada, e todas as sombras e águas da minha terra pareciam ameaçar a pessoa que eu amava. A guerra entre Seelie e Unseelie se tornou mais furiosa e voraz após a breve paz, e as fadas sussurravam que a Primeira Herdeira era amaldiçoada. Então ela fugiu, temendo pela vida.

“Eu não a chamei de Primeira Herdeira. Seu nome era Auraline, e ela era a criatura mais adorável que já existiu.

“Auraline buscou refúgio no mundo mortal e o achou lindo. Ela sempre buscou a beleza da vida, e sempre se entristeceu ao encontrar maldade no lugar. Ela gostava de ir ao Mercado das Sombras e se misturar aos integrantes do Submundo que não sabiam sobre seu nascimento e não a chamariam de amaldiçoada.

“Após visitar o Mercado das Sombras por muitas décadas, ela conheceu um mágico que a fazia rir.

“Ele se chamava de Roland, o Surpreendente, Roland, o Extraordinário, Roland, o Incrível,

como se ele fosse especial, quando ela era a diferente. Detestei aquele menino insolente desde que pus os olhos nele.

“Quando ele não estava se intitulando com um de seus nomes tolos de mágico, ele se chamava Roland Loss, mas isso era outra mentira.”

— Não — disse Tessa suavemente. — Não era.

Ninguém além de Jem a escutou.

— Tinha uma feiticeira que ele dizia amar como mãe, mas Roland não era feiticeiro, tampouco um mundano com o dom da Visão. Ele era algo muito mais mortal do que isso. Descobri o segredo da feiticeira. Ela levou uma criança Caçadora de Sombras para o estrangeiro e o criou nos Estados Unidos, fingindo que ele não era Nephilim. Roland era descendente dessa criança, e foi atraído pelo nosso mundo pois seu sangue o chamou. O verdadeiro nome do menino era Roland Herondale.

“Roland desconfiava bastante de suas origens, e pagou para aprender mais no Mercado. Ele contou todos os seus segredos a Auraline. Disse que não podia procurar os Nephilim e ser um deles, pois isso colocaria em risco a feiticeira que ele amava como uma segunda mãe. Em vez disso, ele disse que se tornaria o maior mágico do mundo.

“Auraline perdeu o cuidado. Contou a ele sobre a profecia e sobre os perigos relativos a ela.

“Roland disse que ambos eram crianças perdidas e que se perderiam juntos. Que não se importava de estar perdido, contanto que pudesse se perder com ela. Auraline jurou o mesmo. Ele a atraiu para longe de mim. Ele a chamou para morar com ele no mundo mortal. Ele a condenou e chamou isso de amor.

“Eles fugiram juntos, e a fúria do Rei foi um fogo que consumiu uma floresta. Ele queria que a profecia fosse mantida em segredo, o que significava que precisava de Auraline de volta sob sua tutela ou morta. Enviou seus mensageiros de confiança a todos os cantos do mundo para caçá-la, até mesmo os cavaleiros sedentos por sangue de Mannan. Ele botou todos os piores seres do Reino das Fadas atrás dela. Eu também fiquei de olho por mim, e o amor me fez enxergar melhor. Encontrei-a uma dúzia de vezes, apesar de nunca ter contado ao Rei onde ela estava. Jamais o perdoarei por ter se voltado contra ela. Fui a todos os Mercados das Sombras em que Auraline esteve e os vi juntos, minha linda Primeira Herdeira e aquele menino horroroso. Ah, como ela o amava, e ah, como eu o detestava.

“Estive em um Mercado das Sombras não muito tempo depois que Roland e Auraline fugiram juntos, e lá vi mais um menino anjo, orgulhoso como Deus. Ele me contou sobre seu alto posicionamento entre os Nephilim, e eu soube que seu *parabatai* era outro Herondale. Fiz um truque cruel com ele. Espero que tenha pagado com sangue por sua arrogância.”

— Matthew — sussurrou Tessa, o nome soando estranho em sua boca, dito pela primeira vez em anos.

Matthew Fairchild foi *parabatai* do filho de Tessa, James Herondale. Jem sabia que uma fada tinha levado Matthew a fazer uma coisa terrível, mas achava que tinha sido só por despeito, não por vingança.

Até a voz dessa fada parecia cansada. Jem se lembrava dessa sensação, perto do fim de seus dias como Irmão do Silêncio. Ele se lembrava do vazio.

— Mas que importância isso tem? — perguntou a mulher, como se falasse consigo mesma. — Que importância tinha? Longos anos se passaram. Auraline passou década após década com seu mágico na sujeira do mundo mundano, minha menina que nasceu em um trono de ouro. Permaneceram juntos por todos os dias da vida dele. Auraline compartilhou o que pôde do seu poder de fada com Roland, e ele passou mais tempo sendo jovem, e viveu mais tempo do que a maioria dos imundos de sua espécie podia. Ela desperdiçou sua mágica, como uma pessoa prolongando a vida de uma flor: só é possível fazer a flor durar um pouquinho mais de tempo antes que murche. Finalmente Roland envelheceu, e envelheceu mais, como fazem os mortais, até chegar ao fim, e Auraline encontrou o fim com ele. Uma fada pode escolher a estação de sua própria morte. Eu sabia como seria na primeira vez em que os vi juntos. Vi a morte nos olhos sorridentes dele.

“Minha Auraline. Quando Roland Herondale morreu, ela deitou sua cabeça dourada no travesseiro ao lado de seu amor mortal e nunca mais se levantou. A criança deles chorou pelos dois e jogou flores em seus túmulos. Auraline poderia ter vivido por mais um século, mas foi perseguida até se desesperar e jogou sua vida fora por um tolo amor mortal.

“A criança chorou, mas eu não. Meus olhos se mantiveram tão secos quanto a poeira e as flores mortas em seus túmulos. Detestei Roland desde o dia em que ele a tomou de mim. Detesto todos os Nephilim por *ela*, e os Herondale mais do que tudo. Caçadores de Sombras destroem tudo o que tocam. A criança de Auraline teve uma criança. Ainda há um Primeiro Herdeiro no mundo. E quando ele se erguer, em toda a terrível glória trazida pelos sangues Seelie, Unseelie e Nephilim, espero que a destruição chegue aos Caçadores de Sombras assim como ao Reino das Fadas. Espero que o mundo todo se perca.”

Jem pensou na descendente de Roland e Auraline, Rosemary, e no homem que ela amava. Talvez já tivessem um filho a essa altura. A maldição de que as fadas falaram já tinha levado vidas. Esse perigo era muito maior do que ele havia suspeitado. Jem precisava proteger Rosemary contra o Rei Unseelie e contra os Cavaleiros que traziam a morte. Se havia uma criança, Jem tinha que salvá-la. Ele já fracassara em salvar tantas.

Jem se levantou e deixou Mãe Hawthorn. Ele foi para a ponta cercada de arame farpado do Mercado, desesperadamente apressado, como se pudesse correr de volta para o passado e salvar os que havia perdido por lá.

Quando parou, Tessa o tinha alcançado. Ela segurou seus braços, e quando ele parou de tremer, ela puxou sua cabeça para baixo, para perto da dela.

— Jem, meu Jem. Tudo bem. Achei uma história bonita — falou.

— *Quê?*

— Não a dela — corrigiu Tessa. — Não a história de sua visão distorcida e suas terríveis escolhas. Consigo ver a história por trás. A história de Auraline e Roland.

— Mas todas as pessoas que se feriram — murmurou Jem. — As crianças que amávamos.

— Meu James conhecia o poder de uma história de amor, assim como eu — disse Tessa. — Independente do quão sombrio e sem esperanças o mundo parecesse, Lucie sempre conseguiu enxergar beleza em uma história. Sei o que eles teriam achado.

— Sinto muito — disse Jem instantaneamente.

Ele não falava com Tessa sobre seus filhos. Ele os amou, mas não foram filhos dele. Tessa já tinha perdido tanto. Jem não podia pedir que perdesse mais. Ela bastava para ele, sempre bastaria.

— Auraline cresceu em pânico. Ela se sentia amaldiçoada. E ele estava perdido e errante. Pareciam destinados ao sofrimento. Mas se encontraram, Jem. Ficaram juntos e felizes, por todos os dias de suas vidas. A história dela é exatamente como a minha, porque eu encontrei você.

O sorriso de Tessa iluminava a noite. Ela sempre trazia esperança quando ele estava em desespero, e trazia palavras quando por dentro tudo era silêncio. Jem colocou os braços em volta dela e a abraçou forte.

#

— Espero que tenham descoberto o que queriam hoje — disse Alec a Jem e Tessa quando chegaram aos quartos.

Jem estava chateado quando se afastou da fogueira; ele e Tessa pareciam diferentes quando voltaram.

— Espero que eles estejam bem — falou Alec quando os dois saíram para se preparar para a visita da meia-noite à casa do feiticeiro.

— Claro que Tessa está bem — disse Lily. — Você sabe, ela pode ir ao *Jemnásio* sempre que quer.

— Nunca mais falo com você se esses nomes não pararem — repreendeu Alec, juntando suas flechas e guardando adagas e lâminas serafim em seu cinto de armas.

Ele se flagrou pensando na forma triste como Jem disse *parabatai*. Fez Alec se lembrar da sombra que pairava sobre seu pai, a ferida onde deveria haver um *parabatai*. Fez com que pensasse em Jace. Desde que se entendia por gente, Alec amava e se sentia responsável por sua família. Nunca houve escolha, mas com Jace era diferente. Jace, seu *parabatai*, foi a primeira pessoa que o escolheu. A primeira vez que Alec resolveu escolher alguém e assumir mais uma responsabilidade. A primeira escolha, que abriu a porta para todas as outras.

Alec respirou fundo e digitou *saudades* no telefone.

Imediatamente recebeu a resposta. *Eu também*, e se permitiu respirar, a dor do peito mais fraca agora. Jace estava lá, esperando por ele em Nova York com o resto de sua família. Falar sobre sentimentos não era tão ruim assim.

Então recebeu outra mensagem.

Td bem?

Em rápida sucessão, recebeu várias outras.

TÁ COM ALGUM PROBLEMA?

LEVOU PANCADA NA CABEÇA?

Então recebeu uma mensagem de Clary.

Por que Jace recebeu uma mensagem sua e pareceu bem feliz e de repente ficou muito preocupado? Está acontecendo alguma coisa?

Falar sobre sentimentos era a pior coisa. Depois que o fazia, todo mundo começava a querer

que fizesse mais.

Alec digitou um *tudo bem* irritado e depois chamou com cuidado:

— Rafe?

Rafael se levantou imediatamente da cama.

— Quer o telefone de volta? — perguntou Alec. — Aqui. Pode pegar. Não se preocupe se mais alguma mensagem chegar. Só me mostre se tiver alguma foto.

Ele não sabia o quanto Rafael tinha entendido do que havia dito. Desconfiava que não muito, mas Rafe certamente entendeu o gesto de Alec oferecendo o telefone. Estendeu as mãos ansiosamente.

— Você é um bom menino, Rafe. Tire o telefone daqui.

#

— Vamos entrar clandestinamente na casa em carrinhos de roupa suja? — perguntou Lily empolgada.

Alec piscou para ela.

— Não, não vamos. Que carrinhos de roupa suja? Sou uma pessoa direta. Vou bater na porta.

Ele estava com Lily na rua de paralelepípedo diante da grande casa cinza. Jem e Tessa esperavam no telhado. Alec literalmente usou corda para amarrar Rafe ao pulso de Jem.

— Sei que Rafael roubou seu telefone — disse Lily —, mas quem roubou seu espírito de aventura?

Alec esperou e a porta se abriu. Um feiticeiro piscou os olhos para ele. Parecia ter trinta e poucos anos, um homem de negócios com cabelos louros e curtos e nenhuma marca de feiticeiro visível, até abrir a boca e Alec ver sua língua aforquilhada.

— Ah, oi — disse ele. — Você é mais um dos homens de Clive Breakspear?

— Sou Alec Lightwood.

A expressão do feiticeiro se desanuviou.

— Entendi! Já ouvi falar sobre você. — Deu uma piscadela. — Gosta de feiticeiros, não é mesmo?

— De alguns — respondeu Alec.

— Quer sua parte, imagino?

— Isso mesmo.

— Sem problemas — disse o feiticeiro a ele. — Você e sua amiga vampira deveriam entrar, e eu explicarei o que quero em troca. Acho que a vampira vai gostar muito. Eles não gostam de licantropes, não é mesmo?

— Não gosto da maioria das pessoas — Lily facilitou as coisas. — Mas adoro assassinato!

O feiticeiro gesticulou com a mão para permitir que penetrassem as barreiras protetoras e os conduziu por um hall de entrada hexagonal, que tinha um teto talhado em um formato parecido com cubinhos de gelatina. O quartzo verde do recinto brilhava como jade. Não havia qualquer sinal de ruína ou decadência ali. O feiticeiro claramente tinha dinheiro.

Havia diversas portas, todas pintadas de branco, dispostas em muitas paredes. O feiticeiro

escolheu uma e levou Alec e Lily por degraus de pedras para a escuridão. O cheiro alcançou Alec antes da visão.

Havia uma passagem de pedra, com tochas ardentes nas paredes e sulcos de ambos os lados para sujeira e sangue. Pelo corredor havia fileiras de jaulas. Olhos brilhavam por trás das grades, captando a luz do fogo da mesma forma com que os olhos de Julieta brilharam de seu trono no Mercado das Sombras. Algumas jaulas estavam vazias. Em outras havia formas encolhidas que não se moviam.

— Então você tem pegado mulheres licantropes e os Caçadores de Sombras têm ajudado — deduziu Alec.

O feiticeiro fez que sim com a cabeça, um sorriso alegre no rosto.

— Por que licantropes? — perguntou Alec sombriamente.

— Bem, feiticeiros e vampiros não podem gerar filhos, e fadas têm certa dificuldade — disse o feiticeiro em tom de praticidade. — Mas os licantropes procriam com mais facilidade e têm muita força animal. Todo mundo diz que integrantes do Submundo não podem ter filhos feiticeiros, que os corpos sempre rejeitam, mas pensei em colocar um pouco de magia no mix. Pessoas comentam sobre um feiticeiro nascido de uma Caçadora de Sombras, e isso deve ser uma lenda, mas me fez pensar... Imagine o poder que um feiticeiro pode ter, se nascido de uma mãe licantrope e um pai demônio. — Ele deu de ombros. — Parece válido tentar. Claro, você gasta a licantrope em uma velocidade incrível.

— Quantas morreram? — perguntou Lily casualmente. Sua expressão era incompreensível.

— Ah, algumas — admitiu o feiticeiro com bom humor. — Sempre preciso de suprimentos frescos, então fico feliz em pagar para que consigam mais. Mas esses experimentos não têm funcionado tão bem quanto eu gostaria. Nada deu certo ainda. Você é, hum, próximo de Magnus Bane, não é? Eu provavelmente sou o feiticeiro mais poderoso que você irá conhecer, mas soube que ele também é muito bom. Se você conseguir que Magnus venha ser meu assistente, será muito bem recompensado. Ele também. Acho que vocês dois ficarão muito felizes.

— Sim, espero que sim — afirmou Alec.

Não era a primeira vez que alguém presumia que Magnus estava à venda. Não era a primeira vez que alguém presumia que, por Alec ser ligado a Magnus, ele era sujo.

Isso costumava irritá-lo. Ainda irritava, mas Alec tinha aprendido a se utilizar disso.

O feiticeiro virou as costas, investigando as jaulas como se estivesse selecionando um produto de uma bancada de mercado.

— Então, o que me diz? — perguntou diretamente. — Temos um acordo?

— Ainda não sei — disse Alec. — Você não sabe o meu preço.

O feiticeiro riu.

— Qual é?

Alec golpeou os pés do feiticeiro, de modo que ele caiu de joelhos. Então sacou sua lâmina serafim e a segurou contra a garganta do homem.

— Todas as mulheres serão libertadas — disse. — E você está preso.

Alec percebeu por que o feiticeiro utilizava fogo e não luz enfeitiçada ou eletricidade quando uma tocha caiu da parede para a palha. Ele teve que saltar para apagar o fogo.

O feiticeiro era bom, Alec pensou, enquanto o mundo a sua volta ficava laranja. Não era apenas o fogo, mas também magia refletida nas grades, cegando o Caçador de Sombras com a luz.

Então outro clarão rechaçou os fios laranja de mágica: um cinza perolado cortando toda a escuridão. Tessa Gray, filha de um Príncipe do Inferno, estava ao pé da escada com as mãos brilhando.

A magia de Tessa o cercava totalmente. Alec tinha aprendido a sentir magia ao longo dos anos e a movê-la e lutar com ela como uma arma a seu favor. Esse não era o poder chiado a que estava acostumado, tão conhecido e apreciado quanto seu arco, mas parecia amigável. Ele deixou a magia de Tessa envolvê-lo, refrescante e protetora, enquanto desviava dos poderes flamejantes do feiticeiro.

— O feiticeiro mais poderoso que já vi? — desdenhou Alec. — Ela cortou suas barreiras protetoras como se fossem um lenço de papel. E meu homem acabaria com você num piscar de olhos.

Ele cometeu um erro, pois foi confiante demais. Não ouviu o ruído abafado de Tessa e não viu a sombra se movendo antes de lançar sua lâmina contra o feiticeiro.

A lâmina serafim de Clive Breakspear se chocou contra a dele. Alec encontrou o olhar furioso do chefe do Instituto de Buenos Aires. Então olhou para Tessa, que lutava contra três Caçadores de Sombras enquanto Jem chegava para ajudar, e para Lily, com outro Caçador de Sombras que agora avançava para cima dela. Vislumbrou o feiticeiro, que estava derrubando todas as tochas. Alec acostumara-se a ser capaz de visualizar toda a batalha, lutando de longe.

Tarde demais, ele viu a lâmina na mão de Clive Breakspear mirando seu coração.

Rafael saiu das sombras e mordeu o pulso de Breakspear, que deixou a arma cair no chão. O homem rugiu e, com toda a força Nephilim, que deveria ser usada para proteger os indefesos, jogou Rafael contra as grades de uma das jaulas. Ouviu-se um barulho assustador de algo rachando.

— Não!

Alec acertou o rosto de Breakspear com as costas da mão. O feiticeiro jogou uma tocha aos seus pés, mas o Caçador de Sombras passou por cima das chamas, pegou o feiticeiro pela garganta, levantou o homem como uma boneca de pano e bateu com a cabeça do sujeito na testa de Breakspear. Os olhos do feiticeiro rolaram para trás, mas Breakspear gritou revoltado e atacou Alec. Ainda havia uma lâmina serafim brilhando em sua mão, então Alec quebrou o pulso do chefe do Instituto e usou sua força para forçar o Caçador de Sombras corrompido a se ajoelhar. Alec se postou sobre eles, arfando tanto que seu peito parecia prestes a arrebentar. Queria matar os dois.

Mas Rafael estava ali. Magnus e Max estavam em casa, esperando por ele.

Tessa, Jem e Lily acabaram rapidamente com os Caçadores de Sombras que os atacavam. Alec se virou para Tessa.

— Pode enfeitiçar cordas para prendê-los? — perguntou. — Eles precisam ser julgados.

Tessa avançou. Lily também. Alec sabia que a situação era desesperadora porque Lily não fez nenhuma piada sobre matar todos. Ele estava no limite. E temia que fosse aceitar a proposta dela.

Alec correu até onde Rafael estava. O corpinho era uma forma pequena e jogada na sujeira. Alec pegou Rafe no colo, sentindo sua garganta fechar. Ele entendia agora o que tinha encontrado em Buenos Aires. Ele entendia agora que podia ser tarde demais.

O rosto sujo de Rafael estava imóvel. Ele mal respirava. Jem correu para ajoelhar perto deles.

— Sinto muito, ele soltou a corda, entrei atrás dele, mas... mas...

— Não é culpa sua — respondeu Alec, entorpecido.

— Dê ele para mim — pediu Jem.

Alec o encarou, e logo depois colocou Rafe em seus braços.

— Cuide dele — disse. — Por favor.

Jem pegou Rafe e correu em direção a Tessa, e juntos subiram apressados pelos degraus de pedra. Ainda havia magia laranja no ar, e as chamas se proliferaram. A fumaça estava subindo rápido em uma nuvem espessa.

Uma das licantropes esticou uma mão fina e agarrou a grade.

— Nos ajude!

Alec pegou um machado com cabeça de electrum de seu cinto e abriu a tranca da jaula.

— Estou aqui para isso — pausou. — Hum, Lily, tem alguma chave com aquele feiticeiro?

— Sim — respondeu Lily. — Acabei de pegar. Vou abrir as portas com as chaves e você pode continuar com essa coisa dramática do machado.

— Tudo bem — concordou Alec.

A licantropes que tinha falado correu dali assim que se libertou. A mulher da jaula ao lado não conseguia andar. Alec entrou e se ajoelhou ao lado dela, e foi então que ouviu o ruído de luta no topo da escada.

Ele pegou a mulher e correu para lá.

Tessa e Jem estavam no corredor, quase na porta. A casa em chamas estava cheia de Caçadores de Sombras, mas Jem não podia lutar porque estava segurando Rafael. Tessa fazia o melhor que podia para abrir caminho para ele, mas Rafael também precisava de sua ajuda.

— Onde está nosso líder? — gritou um homem.

— Você chama *aquilo* de líder? — gritou Alec de volta. Ele olhou para a mulher em seus braços e a esticou para que os Caçadores de Sombras de Buenos Aires pudessem ver. — Ele ajudou um feiticeiro a fazer isso. Ele esmagou o corpo de uma criança contra uma parede. É isso que querem como líder? É isso que querem *ser*?

Muitos Caçadores de Sombras olharam com confusão para ele. Lily rapidamente gritou uma tradução.

Joaquín deu um passo a frente.

— Ele disse aos outros para recuarem — traduziu Lily, baixinho.

O homem que gritou chamando o líder deu um soco na boca de Joaquín. Outro Caçador de Sombras gritou furioso e sacou um chicote, atacando o homem.

Alec passou os olhos pela multidão. Alguns dos Caçadores de Sombras pareciam incertos, mas Caçadores de Sombras eram soldados. Muitos deles queriam seguir quaisquer ordens que tivessem recebido, enfrentando Joaquín e Alec e quem mais se colocasse no caminho deles para chegar a um líder indigno. Estavam bloqueando a passagem de Jem e Tessa. Estavam impedindo

que Rafe recebesse ajuda.

As portas da casa em chamas se abriram. A Rainha do Mercado das Sombras estava ali com a silhueta marcada pela fumaça.

— Vão até Alec! — gritou Julieta, e uma dúzia de lobisomens e vampiros partiram.

Ela abriu caminho e permitiu que Jem e Tessa saíssem pela porta. Rafe estava fora daquele lugar de sujeira e fumaça. Alec foi lutando em direção a Julieta.

— *Mon Dieu* — suspirou ela quando viu a mulher nos braços de Alec.

Julieta fez um gesto e um feiticeiro pulou para levar a licantropo inconsciente para a noite.

— Há mais mulheres lá embaixo — disse Alec. — Vou pegá-las. Alguns dos Caçadores de Sombras estão do nosso lado.

Julieta fez que sim com a cabeça.

— Quais?

Alec se virou para ver Joaquín combatendo dois Caçadores de Sombras de uma vez só. O homem com o chicote que foi ajudá-lo tinha caído.

— Aquele — apontou Alec. — E quem mais ele disser.

Julieta cerrou a mandíbula e marchou pelo chão de quartzo verde até Joaquín. Ela cutucou o ombro de um dos homens que estava atacando o rapaz e, quando ele se virou, ela rasgou sua garganta com uma garra.

— Talvez possa deixá-los vivos! — gritou Alec. — Não esse cara, obviamente.

Joaquín olhava fixamente para Julieta com olhos arregalados. Alec se lembrou de que o rapaz já tinha ouvido histórias aterrorizantes sobre a Rainha do Mercado das Sombras. Julieta, com sangue nas mãos e luz de fogo nos cabelos, talvez não estivesse fazendo um bom trabalho para desfazer essa imagem.

— Não machuque-a! — exclamou Alec. — Ela está conosco.

— Ah, ótimo — disse Joaquín.

Julieta cerrou os olhos, desconfiada, no meio da fumaça.

— Você não é mal?

— Estou tentando não ser — respondeu Joaquín.

— *Bien* — disse ela. — Diga-me quem matar. Digo... prender, com vida se possível.

Alec os deixou se entendendo, girou e correu para a escada, com Lily logo atrás. A fumaça estava espessa no corredor agora. Alec viu que já havia Caçadores de Sombras ali, levando Clive Breakspear e seu comparsa feiticeiro para fora. O lábio de Alec se curvou.

— Se sua lealdade está com a Clave, coloque-os sob vigia. Eles vão a julgamento.

Ele e Lily abriram as portas restantes. As mulheres que conseguiam se mover sozinhas o fizeram. Muitas não davam conta. Alec foi pegando uma de cada vez e levando-as para fora. Lily ajudou as mulheres que precisavam de apoio para andar. Alec as entregava aos integrantes do Submundo do Mercado das Sombras sempre que possível, para conseguir voltar mais rápido para o porão. Alec alcançou o topo da escadaria com outra mulher e viu que o corredor estava deserto, tomado pela fumaça e pela alvenaria que caía. Todos fugiram da armadilha mortal que a casa tinha se tornado.

Alec colocou a mulher nos braços de Lily. A vampira era pequena o suficiente para ter

dificuldade para carregá-la, mas era forte o bastante para aguentar o peso.

— Leve-a. Tenho que buscar as outras.

— Não quero ir! — gritou Lily sobre o fogo que estalava. — Nunca mais quero abandonar ninguém!

— Não vai. Lily, vá.

Lily cambaleou para a porta sob seu fardo pesado, chorando. Alec virou-se de costas. A fumaça tinha transformado o mundo a sua volta em um inferno cinza. Ele não conseguia enxergar, nem respirar.

Uma mão o pegou pelo ombro. Joaquín tinha ficado.

— Você não pode descer! — arfou. — Sinto muito por essas mulheres, mas elas são...

— Do Submundo? — completou Alec friamente.

— É perigoso demais. E você... você tem muito a perder.

Magnus, Max. Se Alec fechasse os olhos, podia vê-los com absoluta clareza. Mas sabia que tinha que ser digno de voltar.

Joaquín ainda o segurava. Alec o afastou, sem gentileza.

— Não vou deixar nenhuma mulher lá embaixo, molestada e esquecida — falou. — *Nenhuma*. Um Caçador de Sombras de verdade nunca faria isso.

Enquanto descia pelos degraus do inferno, ele olhou por cima do ombro para Joaquín.

— Você pode ir — disse Alec. — Se for, ainda poderá se declarar um Caçador de Sombras. Mas realmente será um?

#

Rafael estava deitado na rua de paralelepípedo enquanto Jem e Tessa estavam por cima dele. Jem utilizou todos os encantos silenciosos que havia aprendido entre os Irmãos do Silêncio. Tessa sussurrou cada feitiço de cura que tinha aprendido no Labirinto Espiral. Jem sabia, por uma longa e amarga experiência, que tinha muita coisa quebrada e ferida naquele corpo pequeno.

Um incêndio corria e uma batalha estava em progresso. Jem não podia prestar atenção a nada disso, não podia se importar com nada além da criança em suas mãos.

— Dictamo, Jem — sussurrou Tessa desesperadamente. — Preciso de dictamo.

Jem se levantou, procurando na multidão. Tinha tanta gente do Mercado das Sombras ali que certamente alguém poderia ajudar. Seu olhar parou Mãe Hawthorn, com o brilho de estrela em seus cabelos de dente-de-leão.

Ela encontrou o olhar e ameaçou correr, mas Jem ainda era rápido como um Caçador de Sombras quando precisava ser. Logo estava ao lado dela, segurando-a pelo pulso.

— Você tem dictamo?

— Se eu tiver — rosnou Mãe Hawthorn —, por que devo dar a você?

— Sei o que fez, há mais de um século — disse ele. — Sei melhor do que você. Seu truque, fazendo um Caçador de Sombras envenenar outro? Envenenou um feto. Acha isso divertido?

A boca da fada perdeu a cor.

— Aquela criança morreu por sua culpa — disse Jem. — Agora tem outra criança que precisa

da sua ajuda. Eu poderia tirar a erva de você. E o farei, se precisar. Mas estou lhe dando a chance de escolher diferente.

— É tarde demais! — exclamou Mãe Hawthorn, e Jem sabia que ela estava pensando em Auraline.

— Sim — disse Jem, impiedoso. — É tarde demais para salvarmos os que perdemos. Mas essa criança ainda não está perdida. Essa chance ainda não se perdeu. Escolha.

A Mãe Hawthorn desviou o rosto, sua boca em linhas amargas. Mas ela remexeu no interior de sua bolsa velha e retirou a erva.

Jem pegou e correu para Tessa. O corpo de Rafael estava arqueado sob as mãos dela. A dictamo ganhou vida com seu toque, e Jem deu as mãos para Tessa, unindo sua voz à dela ao falarem em todas as línguas que já tinham ensinado um para o outro. As palavras eram como música, as mãos dadas eram como mágica, e eles puseram tudo que sabiam, juntos, na criança.

Os olhos de Rafael se abriram. Houve um flash da magia perolada de Tessa em suas íris escuras, que logo sumiu. A criança sentou, parecendo muito bem, curada e um pouco irritada. Ele olhou para os rostos perturbados ao seu redor e perguntou em espanhol:

— Cadê ele?

— Está lá dentro — respondeu Lily.

A rua estreita de paralelepípedo estava cheia de integrantes do Mercado das Sombras cuidando das vítimas licantropes ou dos grupos de Caçadores de Sombras, com outros Caçadores de Sombras diferentes e extremamente nervosos ajudando, ou tentando apagar as chamas. Lily não estava fazendo nada disso. Ela estava olhando para a casa com os braços cruzados e com os olhos escuros cheios de lágrimas.

Enquanto assistiam, parte do telhado ruiu. Rafe tentou se aproximar, mas Tessa correu e o pegou, segurando-o enquanto o menino resistia ao seu aperto. Jem se levantou.

— Não, Jem — disse Tessa. — Leve a criança. Deixe-me entrar.

Jem tentou pegar Rafe, mas ele estava se debatendo contra os dois. Então o menino parou. Jem se virou para ver o que ele estava observando.

O que todos estavam observando. Houve um murmúrio na multidão, e então silêncio. Jem não achava que ninguém do Mercado das Sombras ou do Instituto fosse esquecer o que tinha acontecido ali naquela noite.

Da fumaça, da construção em colapso, vinham dois Caçadores de Sombras com licantropes nos braços. Caminhavam altivos, com os rostos sujos, e as pessoas abriam caminho para que passassem.

As mulheres tinham sido salvas, e a criança também. Jem sentiu uma nova determinação crescer dentro de si. Tessa tinha razão. Se Rosemary podia ser salva, ele a salvaria. Se houvesse uma criança, ele e Tessa se colocariam entre ela e os Cavaleiros e o Rei.

Alec levou a licantrope até Tessa, que imediatamente começou a tirar a fumaça de seus pulmões através de magia. Em seguida, se ajoelhou diante de Rafe.

— Oi, meu bebê — cumprimentou Alec. — Você está bem?

Rafael podia não entender totalmente a língua, mas qualquer um compreenderia a mensagem de Alec de joelhos nos escombros, o amor e a preocupação em seu rosto. Alec abraçou o

garotinho contra seu peito.

— Muito obrigado aos dois — agradeceu Alec a Tessa e Jem. — Vocês são heróis.

— De nada — disse Jem.

— Você é um idiota — resmungou Lily, e colocou o rosto nas mãos.

Alec se levantou e a afagou sem jeito nas costas. Rafe estava agarrado a seu outro braço. O Caçador de Sombras se voltou para Julieta, que tinha chamado um de seus feiticeiros para cuidar da licantropo nos braços de Joaquín.

— Tiraram todas. — Julieta sorriu para ambos, com uma expressão contemplativa, como se fosse tão nova quanto Rafe e estivesse vendo magia pela primeira vez. — Vocês conseguiram.

— A licantropo que estava cuidando de Rafe — disse Alec. — Ela está aqui?

Julieta olhou para as cinzas caindo sobre as ruas de paralelepípedos. O fogo estava apagando, agora que Tessa podia esfriar as chamas com magia, mas a casa era uma ruína.

— Não — respondeu. — Minhas meninas disseram que ela foi uma das primeiras a morrer.

— Sinto muito — disse Alec a ela, e em seguida, ao falar com Rafe, sua voz mudou. — Rafe, tenho que te perguntar uma coisa — disse. — *Solomillo*...

— Carne? — Lily riu.

— Droga — murmurou Alec. — Desculpe, Rafe. Mas você quer ir comigo para Nova York? Você pode... eu preciso falar com... se não gostar de lá, não precisa...

Rafael o viu tropeçar nas palavras.

— Não te entendo, bobo — disse gentilmente em espanhol, e colocou a cabeça embaixo do queixo de Alec, abraçando-o pelo pescoço.

— Certo — entendeu Alec. — Ótimo. Eu acho.

Tessa se afastou da casa queimada. Havia diversos feiticeiros na multidão que a observavam impressionados, Jem percebeu com orgulho. Ela marchou até o feiticeiro amarrado e o Diretor do Instituto de Buenos Aires.

— Vamos pedir para Magnus abrir um Portal para eles? — perguntou ela.

— Ainda não — respondeu Alec.

Houve uma mudança em sua postura, seus ombros se erigindo, seu rosto firme. Não fosse pela criança em seus braços, ele poderia ter ficado assustador.

Alec Lightwood, líder da Aliança, disse:

— Primeiro quero uma palavrinha.

#

Alec olhou em volta para os rostos reunidos. Sua respiração parecia cortar a garganta e seus olhos ainda ardiam, mas ele estava com Rafe no colo, então estava tudo bem.

Exceto pelo fato de que ele não fazia ideia do que dizer. Não conseguia entender como tantos Caçadores de Sombras haviam colaborado para a captura e tortura daquelas mulheres. Ele desconfiava que a maioria deles tivesse cumprido ordens de um líder, mas não sabia o quão responsável isso os tornava. Se prendesse todo mundo, o Instituto de Buenos Aires ficaria uma ruína vazia. As pessoas dali mereciam proteção.

— Clive Breakspear, Diretor do Instituto de Buenos Aires, violou os Acordos e vai pagar por isso — disse, e então pausou. — Lily, pode traduzir para mim?

— Com certeza — respondeu Lily prontamente e começou a fazê-lo.

Alec a ouviu falar, observou os rostos das pessoas escutando e viu alguns sorrisos. Alec ouviu mais atentamente, e identificou uma palavra.

— *Boludo* — disse Alec a Jem. — O que significa isso?

Jem tossiu.

— Não é bem... uma palavra educada.

— Eu sabia — disse Alec. — Lily, pare de traduzir! Desculpe, Jem, será que você poderia fazer isso no lugar dela?

Jem concordou com a cabeça.

— Vou fazer o melhor que puder.

— O líder do seu Instituto envergonhou a todos nós — falou Alec aos Caçadores de Sombras. — Eu poderia levar todo mundo daqui para Alicante. Poderia fazer cada um de vocês enfrentar o julgamento da Espada. Sei que foram abandonados depois da guerra e precisaram se reconstruir da melhor maneira possível, e em vez de guiá-los, esse homem lhes trouxe mais ruína. Mas a Lei diz que eu deveria fazer com que todos vocês pagassem.

Alec pensou em Helen e Mark Blackthorn, separados de sua família pela Paz Fria. Pensou na maneira como Magnus enterrou o rosto nas mãos, desesperado, quando a Paz Fria foi aprovada. Alec nunca mais queria ver aquele desespero outra vez. Todos os dias desde então, ele tentava encontrar maneiras de viverem todos unidos.

— O que aconteceu naquela casa deveria enojar qualquer Caçador de Sombras — continuou Alec. — Temos que recuperar a confiança de todos com quem falhamos. Joaquín, você conhece o nome de todos os homens do círculo íntimo de Breakspear. Eles irão a julgamento com o líder deles. Quanto ao resto, é hora de um novo líder, e uma nova chance de viverem como devem viver os Nephilim.

Ele olhou para Joaquín, que estava secando lágrimas dos olhos. Alec franziu o rosto para ele e mexeu a boca, dizendo sem som:

— *Qué?*

— Ah, é só a tradução de Jem — explicou Joaquín. — Digo, seu discurso também está bom, muito firme, me faz querer fazer tudo que está falando. E Jem está basicamente repetindo, mas é a forma como ele coloca as coisas, sabe? É lindo.

— Aham — confirmou Alec.

Joaquín o pegou pela mão livre.

— Você deve ser o novo líder do Instituto.

— Não serei, não — disparou Alec.

As pessoas viviam tentando transformá-lo em diretor de Instituto, e isso cansava Alec. Ele não conseguiria mudar o suficiente se aceitasse esse tipo de cargo. Tinha coisas mais importantes a fazer.

— Não — repetiu Alec, menos zangando, mas com a mesma firmeza. — Não sou Clive Breakspear. Estou aqui para ajudar, não para dominar. Quando você viu o que estava

acontecendo, comandou seus homens. Você deveria ser líder do seu próprio Instituto até o Cônsul cuidar do caso.

Joaquín pareceu impressionado. Alec assentiu para ele.

— Você pode trabalhar com o Mercado das Sombras para se reconstruir — disse Alec. — Posso oferecer recursos.

— Eu também — completou Julieta.

Joaquín a encarou, em seguida virou a cabeça outra vez para Alec.

— A Rainha do Mercado das Sombras — disse Alec. — Acha que poderá colaborar com ela?

Julieta lançou um olhar hostil a Joaquín. Ainda havia uma sugestão de dentes caninos em sua boca. O rapaz esticou o braço, como se quisesse apontar para o sangue nas mãos de Julieta, e Alec ficou imaginando por um momento se o ódio entre os Nephilim e os membros do Submundo era profundo demais por aqui.

Joaquín ergueu a mão de Julieta para seus lábios e a beijou.

— Eu não sabia — suspirou —, que a Rainha do Mercado das Sombras era tão bonita.

Alec percebeu abruptamente que tinha entendido tudo errado. Julieta murmurou chocada, pedindo várias explicações e dizendo vários palavrões em francês para Alec por cima da cabeça curvada de Joaquín.

— Caçadores de Sombras são *tão difíceis* — debochou Lily.

— Tudo bem, certo, que bom que estamos embarcando em um espírito cooperativo — disse Alec, e se voltou novamente para a multidão. Essa criança Nephilim agora está sob proteção do Instituto de Nova York — disse. — Digamos que essa foi uma adoção muito normal e padrão. Digamos que o líder do seu Instituto era corrupto e vocês sobreviveram sob uma liderança ruim e conservaram sua honra. Mantenham Breakspear aqui até que ele possa ser julgado. Eu voltarei, é claro, com frequência, para finalizar os detalhes da adoção e ver o que está acontecendo. Quero acreditar em meus companheiros Caçadores de Sombras. Não me decepcionem.

Não tinha nenhuma dúvida de que Jem faria tudo isso soar muito melhor em espanhol. Ele se voltou novamente para Julieta, que conseguiu, com dificuldade, soltar sua mão e estava recuando diversos passos sob o olhar de Joaquín.

— Tenho que voltar para os meus filhos! — disse ela, apontando para as três crianças. Rose acenou para Alec.

— Ah — suspirou Joaquín, com toda devastação contida na sílaba, e então pareceu notar a ausência de qualquer outra pessoa com as crianças. — Tem sido difícil, governar o Mercado das Sombras como mãe solteira? — perguntou, com uma súbita esperança aparente.

— Bem, nada disso tem sido exatamente fácil — retrucou Julieta.

Joaquín sorriu para ela.

— Que maravilha.

— Quê? — perguntou a rainha do Mercado das Sombras.

Joaquín já estava seguindo na direção das crianças, com a clara missão de conquistá-las. Alec torceu para que ele tivesse muitos doces.

— Você inalou muita fumaça ali? — indagou Julieta.

— Provavelmente — falou Alec.

— Caçadores de Sombras são muito determinados — disse Lily. — *Muito* determinados. Você gosta de compromissos românticos intensamente sérios?

— Não sei nem o nome dele — observou Julieta. Ela lançou um olhar culpado para Joaquín, cuja missão de conquistar as crianças parecia correr muito bem. Ele estava com o menino feiticeiro de Julieta nos ombros.

— O nome dele é Joaquín — disse Alec, tentando ajudar.

Julieta sorriu.

— Suponho que gosto de alguns Caçadores de Sombras. É sempre um prazer, Alec Lightwood. Obrigada por tudo.

— Não foi nada — disse Alec.

Julieta foi até os filhos, mandando as crianças pararem de chatear o diretor do Instituto.

Alec olhou em volta para a fumaça que subia até as estrelas, e para as pessoas na rua que falavam umas com as outras sem barreiras. Seus olhos se voltaram para Tessa e Jem.

— Hora de ir para casa? — perguntou Tessa.

Alec mordeu o lábio, em seguida assentiu.

— Vou mandar uma mensagem para Magnus pedindo que abra um Portal.

Existia um protocolo oficial para a adoção de crianças Caçadoras de Sombras. Alec sabia que ele e Rafael teriam que voltar muitas vezes a Buenos Aires, mas essa viagem para casa valeria a pena, mesmo que não durasse muito. Ele queria levar Rafael assim que pudesse.

Estava cansado e queria dormir na própria cama.

— Suponho que não tenha nenhuma sugestão de como posso explicar tudo isso para Magnus, tem? — perguntou a Jem.

— Acho que vai descobrir todas as palavras de que precisa, Alec.

— Obrigado, ajudou muito.

Jem sorriu.

— Você até mesmo encontrou uma forma de fazer com que o menino que não gosta de ninguém gostasse de você. Obrigado pela ajuda, Alec.

Alec gostaria de poder fazer mais, mas sabia que, pelo menos por ora, já tinha feito a sua parte. Tinham que confiar uns nos outros, e ele confiava nos amigos. Se havia um Herondale correndo perigo, não iria querer proteção melhor do que a de Jem e Tessa.

— Não fiz muita coisa, mas foi bom vê-los. Boa sorte com a Herondale.

Jem fez que sim com a cabeça.

— Obrigado. Acho que vamos precisar.

O Portal estava aberto e brilhando.

— Tchau, Jem — despediu-se Lily.

— Ah, sem apelido? — Jem pareceu satisfeito. — Tchau, Lily.

Alec examinou o rosto de Rafe.

— Você gosta de mim? — perguntou.

Rafe sorriu e balançou a cabeça, em seguida apertou os braços ainda mais forte no pescoço de Alec.

— Ah, bom, *isso* você entende — resmungou Alec. — Vamos. Vamos para casa.

#

Saíram do Portal para o brilho elétrico da noite de Nova York. Alec podia ver seu apartamento no fim da rua, o brilho de uma luz enfeitada atrás de cortinas azul-claras. Checou o relógio: já tinha passado da hora de Max dormir. O pequeno lutava contra a hora de dormir como um demônio, então Magnus provavelmente estava lendo sua quinta história de ninar ou cantando a terceira música.

Cada fachada marrom e branca, cada árvore cercada por arame na calçada rachada era querida para ele. Quando Alec era mais novo e achava que podia morrer entre as expectativas destruidoras e as paredes de pedra do Instituto, costumava pensar que ele poderia se sentir melhor se pudesse viver entre as torres de vidro de Alicante. Alec não sabia que seu lar estava do outro lado da cidade, esperando por ele.

Colocou Rafe no topo da escada de seu prédio e o ajudou a pular um degrau, depois outro, só por diversão. Abriu a porta para casa.

— Alec — explodiu uma voz atrás dele.

O Caçador de Sombras deu um salto. Lily rapidamente levou Rafael para trás da proteção da porta e girou, curvando o lábio para exibir seus dentes pontiagudos.

Alec também virou, muito lentamente. Ele não estava com medo. Conhecía aquela voz.

— Alec — disse Robert Lightwood. — Precisamos conversar.

— Tudo bem, pai. Lily, preciso explicar tudo para Magnus, então você pode olhar o Rafe por um segundo?

Lily assentiu, ainda lançando um olhar vil a Robert. Houve uma pausa.

— Oi, Lily — acrescentou o pai de Alec roucamente.

— Quem é você? — perguntou a vampira.

— Meu pai — respondeu Alec. — O Inquisidor. A segunda pessoa mais importante da Clave. Alguém a quem já foi apresentada pelo menos vinte e seis vezes.

— Não me lembro — disse Lily.

O olhar incrédulo de Alec se espelhava no rosto de seu pai.

— Lily — disse Robert. — Sei que você me conhece.

— Nunca conhecerei, não quero. — Lily fechou a porta do prédio de Alec na cara do pai dele.

Fez-se um silêncio constrangedor.

— Desculpe por isso — disse Alec, afinal.

— Todos os seus outros vampiros gostam de mim — murmurou Robert.

Alec piscou os olhos.

— Meus outros vampiros?

— Seu amigo Elliott me procura sempre que Lily o deixa no comando — explicou Robert. — Ele diz que sente necessidade de conselhos dos Lightwood. Estive no Hotel Dumort durante sua ausência, e os vampiros prepararam um jantar especial para mim, e todos conversaram comigo sobre você. Elliott me deu o telefone dele, imagino que para que eu possa ligar em caso de emergência. Elliott sempre é encantador comigo.

Alec não sabia como contar para o pai que Elliott estava dando em cima dele descaradamente.

— Hum — Alec se limitou a dizer.

— Como vai Magnus? Bem? Se vestindo, hum, com personalidade?

— Continua lindo — respondeu Alec desafiadoramente. — Sim.

Seu pai pareceu chocado. Alec não se sentia confortável falando sobre sentimentos, mas não tinha vergonha, e ninguém o faria sentir vergonha, nunca mais. Ele não sabia por que seu pai nunca parava de cutucar, com a curiosidade obsessiva de uma criança mexendo em uma casquinha de ferida.

Quando ele era mais novo, seu pai costumava brincar insistentemente sobre Alec e meninas. Era doloroso demais responder a esses comentários. Alec falava cada vez menos.

Ele se lembrava do dia em que saíra do Instituto para encontrar Magnus. Tinha visto o feiticeiro apenas duas vezes, mas não conseguia esquecê-lo. O Instituto estava a suas costas, seus contornos acentuados cortando o céu. Ele estava sem fôlego e apavorado, com um pensamento muito claro na cabeça.

É assim que quer viver sua vida toda?

Depois foi até a casa de Magnus e o convidou para sair.

Alec não suportava a ideia de que um de seus filhos pudesse se sentir preso na própria casa. Ele sabia que seu pai não tivera a intenção de fazer isso. Mas fez.

— Como vai meu pequeno M&M? — perguntou Robert.

O nome do meio de Max era Michael, em homenagem ao *parabatai* de Robert, morto há muito tempo atrás.

Normalmente essa era a deixa para Alec pegar o telefone e mostrar as fotos novas de Max, mas hoje ele estava com pressa.

— Está ótimo — respondeu Alec. — Está precisando de alguma coisa, pai?

— Ouvi alguns boatos sobre o Instituto de Buenos Aires — disse Robert. — Ouvi dizer que esteve por lá.

— Certo — afirmou Alec. — Clive Breakspear, diretor do Instituto, estava fazendo seus Caçadores de Sombras agirem como mercenários. Terão que ser julgados. Mas eu estimulei uma troca de liderança. O Instituto de Buenos Aires vai ficar bem.

— É por isso que preciso falar com você, Alec — disse Robert.

Alec examinou as rachaduras na calçada e tentou pensar em uma maneira de explicar tudo de um jeito que não implicasse mais ninguém.

— Você sabe que as posições de Cônsul e Inquisidor frequentemente ficam entre as mesmas famílias, certo? Tenho pensado no que acontecerá quando chegar a hora de me aposentar.

Alec ficou olhando para uma erva daninha que crescia através das rachaduras no cimento.

— Não acho que Jace queira ser Inquisidor, pai.

— Alec — disse Robert. — Não estou falando de Jace. Estou falando de você.

Alec se espantou.

— *Quê?*

Ele levantou os olhos da calçada. Seu pai estava sorrindo para ele, como se falasse sério.

Alec se lembrou de suas próprias palavras. *O Inquisidor. A segunda pessoa mais importante da Clave.*

Ele se permitiu um instante para sonhar. Ser Inquisidor, ter voz ativa na elaboração da Lei. Poder trazer Aline e Helen de volta. Poder colocar alguma espécie de brecha na Paz Fria. Poder, Alec pensou com uma esperança que nascia lentamente, se casar.

Ver que seu pai o julgava capaz. Alec sabia que Robert o amava, mas isso não era o mesmo que ter sua confiança. Aquilo era novidade.

— Não estou falando que seria fácil — disse Robert. — Mas muitos membros da Clave cogitaram como possibilidade. Você sabe o quanto é popular no Submundo.

— Nem tanto — resmungou Alec.

— Mais algumas pessoas da Clave estão passando a olhar melhor para a ideia — disse Robert. — Tenho aquela tapeçaria sua, e tenho o cuidado de citar seu nome com frequência.

— E eu achando que era porque você me amava.

Robert piscou para ele, como se estivesse magoado pela piada.

— Alec. É... É. Mas eu também quero isso para você. Isso é o que vim aqui perguntar. Você quer isso para você?

Alec pensou no poder de transformar a Lei de uma espada que machuca as pessoas para um escudo que as protege.

— Sim — respondeu. — Mas você tem que ter certeza de que quer isso para mim, pai. As pessoas não vão ficar satisfeitas comigo assumindo, e depois que eu chegar lá, vou dividir a Clave.

— Vai? — perguntou Robert, a voz fraca.

— Porque preciso — explicou Alec. — Porque tudo tem que mudar. Pelo bem de todos. E por Magnus e nossos filhos.

Robert piscou os olhos.

— Seus o quê?

— Ah, pelo Anjo. Por favor, não me faça perguntas! Tenho que ir! Tenho que falar com Magnus imediatamente.

— Estou muito confuso.

— Realmente tenho que ir — repetiu Alec. — Obrigado, pai. De verdade. Venha jantar em breve, pode ser? Conversaremos mais sobre ser Inquisidor então.

— Tudo bem — respondeu Robert. — Eu gostaria disso. Quando jantei com vocês três... já faz algumas semanas, não é? Não me lembro da última vez em que tive um dia tão feliz.

Alec se lembrou de como tinha sido difícil manter a conversa durante a visita de Robert, de como apenas os puxões de Max no joelho do avô interromperam os frequentes silêncios. Partiu o coração de Alec pensar que Robert considerava aquele desconforto felicidade.

— Venha quando quiser — disse Alec. — Max adora ver o avô. E... obrigado, pai. Obrigado por acreditar em mim. Desculpe se te dei muito trabalho burocrático hoje.

— Você salvou vidas hoje, Alec — falou Robert.

Ele deu um passo desajeitado em direção ao filho e levantou a mão, como se fosse afagá-lo no ombro. Então sua mão abaixou. Olhou no rosto do filho com olhos tristes.

— Você é um bom homem, Alec — falou, afinal. — Melhor do que eu.

Alec amava o pai e jamais seria cruel com ele. Então guardou o *eu tive que ser* para si. Em vez disso, esticou os braços e puxou o pai para um abraço desconfortável, afagando-o no ombro antes

de recuar.

— Conversamos depois.

— Quando quiser — disse Robert. — Tenho todo o tempo do mundo.

Alec acenou para o pai e depois correu pelos degraus do prédio. Abriu a porta e encontrou Lily sozinha. A porta do apartamento tinha uma fresta aberta, com luz passando, mas Lily estava nas sombras e parecia lixar as unhas.

— Lily — disse Alec em um tom perigoso —, onde está Rafael?

— Ah, ele. — Lily deu de ombros. — Ouviu Magnus cantando uma canção de ninar em indonésio e correu para dentro. Não pude fazer nada. Caçadores de Sombras. São tão velozes.

Nenhum dos dois mencionou as barreiras protetoras de Magnus, que não podiam ser penetradas por nenhuma magia ou força conhecida por Alec. Mas Magnus não erguia proteções contra pessoas indefesas ou que pudessem precisar de sua ajuda. Claro que uma criança poderia atravessar.

Alec olhou para a vampira com reprovação, mas foi distraído pelo murmúrio profundo e adorável da voz de Magnus através da porta aberta. Seu tom era caloroso e, como sempre, entretido. Alec pensou no que Jem havia dito a Tessa: *sua voz é a música que mais amo no mundo*.

— Ah, aí está o sorriso — disse Lily. — Faz dois dias e eu já estava com saudades dele.

Alec parou de sorrir e fez uma careta para ela, mas quando a olhou com atenção, percebeu que Lily estava brincando com o zíper da jaqueta de couro. Havia algo na forma de sua boca, como se ela estivesse determinada a não deixá-la tremer.

— Obrigado por ter ido comigo — agradeceu Alec. — Além disso, você é péssima.

Isso a fez sorrir. Lily acenou com os dedos em despedida.

— Não se esqueça disso.

Ela se afastou como uma sombra; Alec então abriu a porta e finalmente entrou no apartamento. Sua cafeteira estava na bancada, o gato dormia no sofá.

Havia uma porta aberta para um quarto que ele nunca tinha visto antes, o que acontecia às vezes naquela casa. O quarto tinha um piso marrom-dourado e as paredes brancas. Magnus estava ali dentro com Rafe. O feiticeiro vestia um roupão vermelho e dourado de seda e o rosto de Rafe estava inclinado observando Magnus enquanto ele falava num espanhol reconfortante. Era um quarto lindo.

Alec percebeu que Magnus sabia que ele estava ali, pois começou a traduzir o que dizia rapidamente para o inglês, alternando línguas com uma fluidez natural para que todos soubessem o que estava acontecendo.

— Vamos guardar a cruz agora e conversar sobre religiões organizadas depois — disse Magnus, estalando os dedos para o crucifixo na parede. — E vamos colocar uma janela para deixar a luz entrar. Você gosta dessa?

Ele gesticulou para a parede e uma janela circular se abriu com vista para a rua, mostrando a árvore que tapava a lua. Então ele acenou de novo e a janela se transformou em um vitral vermelho e dourado.

— Ou prefere essa? — Magnus acenou pela terceira vez e a janela ficou alta e arqueada como

uma janela de igreja. — Ou essa?

Rafe assentia sem parar, com o rosto cheio de sorrisos ansiosos.

Magnus sorriu para ele.

— Você só quer que eu continue fazendo mágica, né?

Rafe assentiu novamente, com mais veemência ainda. Magnus riu e colocou a mão na cabeça cacheada do menino. Alec estava prestes a avisar que Rafael era tímido no começo e provavelmente ia desviar, mas Rafe não desviou. Deixou que Magnus afagasse seu cabelo, os anéis em sua mão captando a luz da nova janela. O sorriso do feiticeiro foi de alegre a brilhante. Seus olhos encontraram os de Alec sobre a cabeça de Rafael.

— Estou conhecendo o Rafe — disse Magnus. — Ele me contou que é assim que gosta que o chamem. Estamos fazendo um quarto para ele. Está vendo?

— Estou — respondeu Alec.

— Rafe — disse Magnus. — Rafael. Você tem um sobrenome?

Rafael negou com a cabeça.

— Tudo bem. Nós temos dois. O que você acha de um nome do meio? Gostaria de um?

Rafe começou a falar em espanhol. Com tanto gesto afirmativo de cabeça, Alec tinha quase certeza de que ele estava concordando.

— Hum — disse Alec. — Provavelmente temos que conversar.

Magnus riu.

— Ah, você acha? Com licença um instante, Rafe.

Ele foi em direção a Alec, depois parou onde estava. As mãos de Rafe estavam segurando com força a borda de seu roupão. Magnus parecia espantado.

Rafe começou a chorar. Magnus lançou um olhar a Alec e depois passou as mãos distraidamente pelo próprio cabelo. Em meio a soluços torrenciais, Rafael começou a formar palavras.

Alec não falava a língua de Rafael, mas entendia ainda assim. *Não me deixe vê-los para depois ter que voltar para a solidão que é o mundo sem vocês. Por favor, fiquem comigo. Serei bonzinho se ficarem comigo.*

Alec avançou, mas mesmo antes de entrar no quarto, Magnus ajoelhou e tocou o rosto do menino com mãos suaves. Todos os traços lágrimas desapareceram com o brilho de magia.

— Calma — disse Magnus. — Não chora. Sim, claro que vamos, meu querido.

Rafe colocou o rosto no ombro de Magnus e chorou sem parar. Magnus afagou sua cabeça trêmula até que ele ficasse quieto.

— Desculpe — disse Magnus afinal, e balançou Rafe na curva do braço coberto de seda vermelha. — Realmente tenho que falar com Alec. Já volto. Prometo.

O feiticeiro se levantou e tentou ir para a porta, mas logo voltou seu olhar triste para baixo. Rafe continuava agarrando seu roupão.

— Ele é muito determinado — explicou Alec.

— Certo, completamente diferente de todos os outros Caçadores de Sombras que eu conheço — disse Magnus, e tirou o roupão. Por baixo ele vestia uma túnica brilhante com fios dourados e um moletom cinza folgado.

— Esse moletom é meu?

— É — respondeu Magnus. — Senti saudade.

— Ah — arquejou Alec.

Magnus ajeitou o roupão nos ombros de Rafe, embrulhando-o de modo que o menino virou um casulo vermelho de seda com um rosto espantado no topo. Em seguida Magnus ajoelhou ao lado de Rafe outra vez e segurou as mãos do menino entre as suas. Nas palmas de Rafael, um pequeno chafariz de purpurina saltou em um loop brilhante. Rafe riu de soluçar, surpreso e satisfeito.

— Aí está, você gosta de magia, não gosta? Mantenha as mãos juntas e vai continuar acontecendo — murmurou Magnus, e se esquivou enquanto Rafe observava o chafariz.

Alec pegou a mão do parceiro, puxando-o para fora do novo quarto e atravessando o apartamento em direção ao quarto deles. Fechou a porta e se apressou em dizer:

— Eu posso explicar.

— Acho que já entendi, Alexander — respondeu Magnus. — Você passou um dia e meio fora e nos adotou um novo filho. O que acontecerá se viajar por uma semana?

— Não tive a intenção — explicou Alec. — Eu não ia fazer nada sem perguntar antes. Só que ele estava lá, e é um Caçador de Sombras. Ninguém estava cuidando dele, então pensei em trazê-lo para o Instituto daqui. Ou para Alicante.

Magnus estava sorrindo, mas parou. Alec ficou ainda mais alarmado.

— Não vamos adotá-lo? — perguntou Magnus. — Mas... não podemos?

Alec piscou os olhos.

— Achei que fôssemos — disse o feiticeiro. — Alec, eu prometi para ele. Você não quer?

Alec o encarou por mais um instante. O rosto de Magnus estava tenso, concentrado, mas ao mesmo tempo confuso, como se tivesse espantado pela própria veemência. O Caçador de Sombras começou a rir de repente. Ele achava que estava esperando para ter certeza, mas aquilo era ainda melhor, como todas as coisas em sua vida que eram melhores do que em qualquer sonho que ele já tivera. Não por Alec saber imediatamente, mas por ver *Magnus* sabendo imediatamente. Foi tão bonitinho, e tão óbvio de que era assim que as coisas deveriam ser: Magnus experimentando o amor instintivo e instantâneo que Alec sentira em relação a Max, e Alec aprendendo com Rafael o caminho lento, doce e consciente do amor que Magnus aprendera com seu primeiro filho. Abrir uma nova porta em sua adorada casa, como se ela sempre tivesse estado ali antes.

— Sim — respondeu Alec, sem fôlego pelas risadas e pelo amor. — Sim, eu quero.

O sorriso de Magnus voltou. Alec o tomou nos braços e girou de modo que o feiticeiro ficasse com as costas para a parede. Alec levou as mãos ao rosto do parceiro.

— Me dê um minuto — pediu. — Me deixe olhar para você. Meu Deus, como senti saudade de casa.

Os fascinantes olhos de Magnus estavam ligeiramente cerrados, encarando Alec de volta, e sua boca sorridente estava um pouco surpresa, como sempre ficava, embora Alec não soubesse dizer o que o havia surpreendido. O Caçador de Sombras não conseguia simplesmente olhar para Magnus. Ele o beijou, e aquela boca estava finalmente na sua, o beijo transformando cada

músculo exaurido de Alec em uma doçura líquida. Para ele, o amor sempre significava isso: a cidade brilhante da luz eterna. A terra dos sonhos perdidos e recuperados, seu primeiro e seu último beijo.

Os braços de Magnus o envolveram.

— Meu Alec — murmurou. — Seja bem-vindo ao lar.

Agora, quando Alec perguntava a si mesmo se *É assim que quer viver toda a sua vida?*, ele podia responder que sim, sim e sim. Cada beijo era um sim e também a promessa de uma pergunta que ele faria a Magnus um dia. Beijaram-se outra vez contra a parede do quarto por vários minutos, mas se afastaram com um barulho.

— A... — começou Alec.

— As crianças — concluiu Magnus. — Depois.

— Calma, crianças no plural? — perguntou Alec, e percebeu o que Magnus tinha ouvido: o ruído sorrateiro de pezinhos saindo do quarto de Max.

— Aquele pirralho dos infernos — murmurou Magnus. — Li oito histórias para ele.

— Magnus!

— O quê? Eu posso falar dele assim, você que não pode, pois seria infernalmente insensível. — Magnus sorriu, depois semicerrou os olhos para a própria mão manchada. — Alec, sei que não se importa de fato com suas roupas, mas você normalmente não vem coberto de fuligem.

— Melhor olhar as crianças — disse Alec, fugindo do quarto e da conversa.

Max estava na sala principal, vestido com seu pijama de triceratops e arrastando um cobertor peludo, olhando para Rafe com olhos arregalados. Rafael estava no tapete em frente à lareira, embrulhado no roupão vermelho de seda de Magnus. Seus olhos se estreitaram e viraram o olhar mortal que havia assustado todas as crianças do Mercado das Sombras.

Max, que nunca tinha se sentido ameaçado por nada na vida, sorriu para ele. A careta de Rafe fraquejou.

O pequeno feiticeiro se virou quando ouviu a porta se abrir. Correu rapidamente para Alec, que se ajoelhou para abraçá-lo.

— Papai, papai! — entoou Max. — Esse é irmão ou irmã?

Rafael ergueu as sobranceiras. Falou algo rapidamente em espanhol.

— Não é uma irmã — traduziu Magnus da porta. — Max, esse é Rafe. Diga oi.

Max claramente interpretou como uma confirmação. Ele afagou o ombro de Alec como se quisesse dizer *muito bem, pai, finalmente trouxe uma coisa boa*. Depois voltou-se novamente para Rafe.

— O que você é? Lobisomem? — chutou Max.

Rafe olhou para Magnus, que traduziu.

— Ele disse que é um Caçador de Sombras.

Max sorriu.

— O papai é Caçador de Sombras. Eu sou Caçador de Sombras também!

Rafe olhou para os chifres de Max com um ar que sugeria: *dá para acreditar nesse cara?*

Ele negou com firmeza e tentou explicar a situação.

— Ele disse que você é um feiticeiro — traduziu Magnus fielmente. — E é muito bom ser um

feiticeiro, porque significa que você pode fazer mágica, e mágica é muito legal e bonito. — Magnus fez uma pausa. — O que é verdade.

O rosto de Max se contorceu em raiva.

— Sou um Caçador de Sombras!

Rafe balançou a mão, numa postura de profunda falta de paciência.

— Muito bem, meu polvo-de-anéis-azuis — interrompeu Magnus apressadamente. — Vamos continuar com esse debate amanhã, pode ser? Todo mundo precisa dormir. Rafe teve um dia longo e já passou muito da sua hora.

— Eu conto uma história — prometeu Alec.

A irritação de Max se foi tão depressa quanto veio. Ele franziu a testa. Parecia estar pensando profundamente.

— Sem dormir! — discutiu. — Acordado. Com Rafe. — Correu então para perto de um Rafael espantado e o abraçou. — Amo ele.

Rafe hesitou, depois retribuiu com um abraço tímido. Ver os dois juntos fez o peito de Alec doer.

Ele olhou para Magnus, que carregava uma expressão igualmente encantada.

— É uma ocasião especial — observou Alec.

— Nunca fui mesmo muito bom em disciplina — disse Magnus, e se jogou no tapete perto das crianças. Rafe chegou mais para perto e Magnus o abraçou. O menino se aconchegou em seus braços. — Que tal você nos contar uma história de ninar sobre o que aconteceu em Buenos Aires?

— Não foi nada — disse Alec. — Tirando o fato de que encontrei Rafe. Senti sua falta. Voltei para casa. Foi isso. Teremos que ir a Buenos Aires algumas vezes para completar a adoção antes de podermos oficializar e anunciar a todos. Talvez possamos ir todos juntos em algum momento.

Rafe elaborou diversas frases em espanhol.

— É mesmo? — perguntou Magnus. — Muito interessante.

— O que você está falando? — indagou Alec ansiosamente.

— Você não vai escapar com esse, Alec Lightwood. — Magnus apontou para Rafael. — Não dessa vez. Eu tenho um espião!

Alec foi até o tapete, se ajoelhou e fez contato visual com Rafe.

— Rafe, por favor, não seja um espião.

O menino lançou a Alec um olhar de firme incompreensão e explodiu em uma torrente de espanhol para Magnus. Alec tinha certeza de que alguma parte daquilo era Rafe prometendo ser espião para Magnus sempre que ele quisesse.

— Parece que você fez coisas bastante impressionantes em Buenos Aires — falou Magnus, afinal. — Muita gente teria desistido. O que você estava pensando?

Alec pegou Max no colo, virou-o de cabeça para baixo, depois de lado e então o colocou de volta no tapete, sorrindo quando o filho gargalhou.

— Tudo o que fiz foi pensar em ser alguém digno de voltar para vocês — respondeu Alec. — Não foi nada.

Fez-se silêncio. Alec se virou, um pouco preocupado, e viu Magnus o encarando. O olhar surpreso estava em seu rosto outra vez. E havia também uma suavidade que era muito rara para

Magnus.

— O quê? — perguntou Alec.

— Nada, seu romântico sorrateiro — respondeu Magnus. — Como você sempre sabe o que dizer?

O feiticeiro se inclinou com facilidade para a frente, mantendo Rafe confortável em seu colo, para dar um beijo no rosto de Alec, que sorriu.

Rafe estava analisando Max, e este parecia feliz por Rafael estar se interessando.

— Se quer ser um Caçador de Sombras — disse Rafe, com um inglês cuidadoso —, tem que treinar.

— Não, Rafe — corrigiu Alec. — Max não precisa treinar.

— Eu treino! — exclamou Max.

Alec balançou a cabeça. Seu filho era um feiticeiro. Ele ia treinar Rafe, mas Max não precisava aprender nada daquilo. Ele olhou para Magnus em busca de apoio, mas ele estava hesitante, com o lábio entre os dentes.

— Magnus!

— Max quer ser igual a você — disse Magnus. — Eu entendo. Vamos dizer para ele que não pode ser o que quiser?

— Ele não... — começou Alex, mas parou.

— Não existe nenhuma regra que determine que um feiticeiro não possa lutar fisicamente — falou Magnus. — Usar magia para substituir os atributos dos Caçadores de Sombras. Pode mantê-lo seguro, porque as pessoas não esperam que um feiticeiro receba esse tipo de treinamento. Não faz mal tentar. Além disso... Encontramos Max na escada da Academia dos Caçadores de Sombras. Alguém podia querer que ele recebesse o treinamento de Caçador de Sombras.

Alec detestava a ideia. Mas ele tinha sonhado poder treinar uma criança, não tinha? Tinha prometido a si mesmo que jamais seria o tipo de pai que faz das paredes de casa uma prisão.

Se você ama, confia.

— Certo — cedeu Alec. — Acho que não vai fazer mal ensinar a ele algumas formas de cair e se levantar. Pode ser que ele fique cansado o suficiente para a hora de dormir.

Magnus sorriu e estalou os dedos. De repente o chão foi coberto por um tatame. Max se levantou. Rafe, com a cabeça deitada no peito de Magnus, parecia desinteressado até o feiticeiro cutucá-lo, e então se levantou suficientemente disposto.

— Talvez eu também possa ensinar uns truques para o Rafe — pensou Magnus. — Ele não pode ser um feiticeiro, assim como Max não pode ser um Caçador de Sombras, mas existem mágicos. Ele pode ser um dos bons.

Alec se lembrou da história de um mágico com sangue de Caçador de Sombras conhecido como Roland, o Surpreendente, que viveu uma vida longa e feliz com sua amada. Pensou no Mercado e no Instituto se misturando nas ruas de Buenos Aires, em Jem e Tessa, no amor e na confiança em um mundo em transformação. E em mostrar para os filhos que eles podiam ser o que quisessem, inclusive felizes. Alec se levantou e foi para o centro da sala.

— Meninos, copiem meus movimentos — falou. — Me acompanhem, agora. Todos juntos.

A terra que perdi

Site da autora Cassandra Clare

<https://www.cassandraclare.com/>

Site da autora Sarah Rees Brennan

<https://www.sarahreesbrennan.com/>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN

LONGAS SOMBRAS

FANTASMAS do MERCADO das SOMBRAS

VOL. 2



Galeria

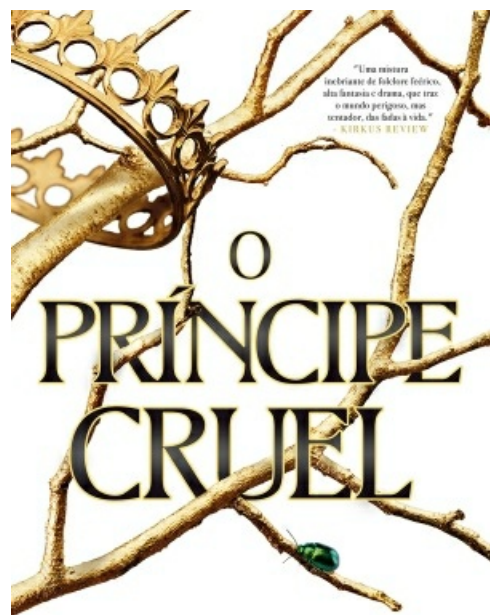
Longas sombras – Fantasma do mercado das sombras – vol. 2

Clare, Cassandra 9788501115218

46 páginas [Compre agora e leia](#)

Longas sombras é o segundo de oito contos da nova série Fantasma do Mercado das Sombras. Londres, 1901. Matthew Fairchild é o filho mais novo de Charlotte e Henry Fairchild e dono de um bom humor invejável; raramente se irrita. Ele tem o respeito de sua família e de seu parabatai, James Herondale, e não precisaria se incomodar com mais nada, mas seu humor, talento artístico e beleza não parecem se encaixar no modo de vida de um guerreiro. Mas Matthew recebe mais do que esperava no Mercado das Sombras, onde ele comete o maior pecado de sua vida – algo que ele nunca poderá contar ao seu parabatai ou a qualquer um dos honoráveis Caçadores de Sombras. Longas sombras é mais uma história cheia de tensão, que apresentará aos leitores um novo conjunto de mistérios.

[Compre agora e leia](#)



HOLLY BLACK



O príncipe cruel

Black, Holly 9788501101952

322 páginas [Compre agora e leia](#)

Primeiro livro da mais nova série de Holly Black. Conheça a impressionante história de uma garota mortal que se vê presa em uma teia de intrigas reais. Jude tinha 7 anos quando seus pais foram assassinados e foi forçada a viver no Reino das Fadas. Dez anos depois, tudo o que ela quer é ser como eles – lindos e imortais – e realmente pertencer ao Reino das Fadas, apesar de sua mortalidade. Mas muitos do povo das Fadas desprezam os humanos. Especialmente o Príncipe Cardan, o filho mais jovem, mais bonito e mais cruel do Grande Rei. Para ganhar um lugar na Alta Corte, ela deve desafiá-lo... e enfrentar as consequências. Envolvida em intrigas e traições do palácio, Jude descobre sua própria capacidade para truques e derramamento de sangue. Mas, com a ameaça de uma guerra civil e o Reino das Fadas por um fio, Jude precisará arriscar sua vida em uma perigosa aliança para salvar suas irmãs, e o próprio Reino. Com personagens únicos, reviravoltas inesperadas, e uma traição de tirar o fôlego, este livro vai deixar o leitor pedindo bis – querendo mergulhar de cabeça na continuação deste universo.

[Compre agora e leia](#)



Bom ano

Gonçalves, Pam 9788501403162

30 páginas [Compre agora e leia](#)

Pam Gonçalves traz de volta a Manu, de Boa noite, para falar sobre amor, amizade e aquele medo que dá quando precisamos encarar a vida adulta. Um ano e meio depois dos acontecimentos de Boanoite e tudo o que Manu quer é reunir os amigos e ter uma noite de Ano-Novo divertida e inesquecível. Agora que todos estão se formando na faculdade, a vida parece um verdadeiro tsunami. E o mais inquietante é que todos parecem saber muito bem como lidar com a vida adulta. Todos, exceto Manu. Com Dani se recusando a conversar e os amigos ocupados com seus próprios dilemas, a garota investe toda a atenção na festa de Ano-Novo. Organiza comida, bebida, lugar... mas acaba querendo controlar um pouco mais que isso. Bom ano discute o papel dos amigos e amores em momentos cruciais da vida, com o tom sempre bem-humorado e sensível de Pam Gonçalves.

[Compre agora e leia](#)



É assim que acaba

Hoover, Colleen 9788501113498

368 páginas [Compre agora e leia](#)

Da autora das séries Slammed e Hopeless. Um romance sobre as escolhas corretas nas situações mais difíceis. As coisas não foram sempre fáceis para Lily, mas isso nunca a impediu de conquistar a vida tão sonhada. Ela percorreu um longo caminho desde a infância, em uma cidadezinha no Maine: se formou em marketing, mudou para Boston e abriu a própria loja. Então, quando se sente atraída por um lindo neurocirurgião chamado Ryle Kincaid, tudo parece perfeito demais para ser verdade. Ryle é confiante, teimoso, talvez até um pouco arrogante e se sente atraído por Lily. Porém, sua grande aversão a relacionamentos é perturbadora. Além de estar sobrecarregada com as questões sobre seu novo relacionamento, Lily não consegue tirar Atlas Corrigan da cabeça — seu primeiro amor e a ligação com o passado que ela deixou para trás. Ele era seu protetor, alguém com quem tinha grande afinidade. Quando Atlas reaparece de repente, tudo que Lily construiu com Ryle fica em risco. Com um livro ousado e extremamente pessoal, Colleen Hoover conta uma história arrasadora, mas também inovadora, que não tem medo de discutir temas como abuso e violência doméstica. Uma narrativa inesquecível sobre um amor que custa caro demais.

[Compre agora e leia](#)



Um de nós está mentindo

McManus, Karen 9788501114181

384 páginas [Compre agora e leia](#)

Um suspense que prenderá o leitor da primeira à última página. Numa tarde de segunda-feira, cinco alunos entram em detenção no colégio Bayview: Bronwyn, a gênia, comprometida a estudar em Yale, Addy, a bela, a definição da princesa do baile de primavera, Nate, o criminoso, já em liberdade condicional por tráfico de drogas, Cooper, o atleta, astro do time de beisebol, e Simon, o pária, criador do mais famoso app de fofocas da escola. Só que Simon não consegue ir embora. Antes do fim da detenção, ele está morto. E, de acordo com os investigadores, a sua morte não foi acidental. Os outros quatro alunos são suspeitos do seu assassinato. Ou eles são as vítimas perfeitas de um assassino que continua à solta? Todo mundo tem segredos, certo? Mas até onde cada um vai para proteger os seus?

[Compre agora e leia](#)